

Do querido  
origem  
Lembrança  
16-6-55

Pape

*Viagem Imperial  
Aracaju 29 de Março  
1904*

# VIAGEM IMPERIAL - Aracaju -

À

## PROVINCIA DE SERGIPE,

OU NARRAÇÃO

### DOS PREPARATIVOS, FESTEJOS E FELICITAÇÕES

QUE TIVERÃO LOGAR POR OCCASIÃO DA VISITA QUE FIZERÃO  
À MESMA PROVINCIA

## SUAS Magestades Imperiaes

EM JANEIRO DE 1860

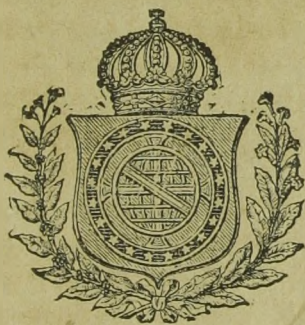
ACOMPANHADA DA DESCRIÇÃO DA PASSAGEM DE S. M. O IMPERADOR  
POR VILLA NOVA E PROPRIÁ NA VIAGEM Á CACHOEIRA DE  
PAULO AFFONSO EM 1859,

MANDADA PUBLICAR

POR ORDEM DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

**Dr. MANUEL DA CUNHA GALVÃO**

PRESIDENTE DA PROVINCIA.



**BAHIA**

IMP. NA TYPOGRAPHIA DO DIARIO

RUA DAS VASSOURAS, N. 13.

**1860.**

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º \_\_\_\_\_

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"  
Lencóis Paulista - SP

BIBLIOTHECA  
DE  
\*VICENTE THEMUDO\*  
N. 334  
Vol. /  
DATA 29-3-1904

BIBLIOTECA NACIONAL DE BRASIL  
192

## VIAGEM DE SS. MM. II.

### À PROVINCIA DE SERGIPE.

Ancioso esperava o povo na capital de Sergipe pela chegada dos Augustos Hospedes. A noticia faustosa de que SS. MM. estarião nesta Cidade no dia 11 foi como a faisca electrica que abala uma cadeia extensissima. De todos os pontos da Provincia affluirão para o Aracajú milhares de pessoas: querião ter a honra de ver, de admirar este par idolatrado, a quem estão entregues os destinos do Brazil.

As seis horas da manhã do dia 10 de Janeiro tinhão sahido a barra os dous cutters do Estado, e o da Associação Sergipense, com ordem de pernoitarem fóra da Barra, afim de velarem a chegada da esquadilha Imperial. Durante toda a noite a Atalaya teve luz de lanterna.

Ao amanhecer do dia 11 o vapor *Aracajú* e a canhoneira *Itajahy*, ao toque de alvorada, aquecêrão as caldeiras para irem se collocar fóra da Barra, como as sentinellas avançadas que ião ter a honra de descortinar sobre as azas do Oceano a esquadilha Imperial. A população ebria de alegria, douda de esperanças vagava as ruas, apezar da chuva que pareceu querer turbar a belleza destes dias encantadores do bello sol dos paizes intertropicaes.

A's 6 horas da manhã suspendeu do porto a canhoneira *Itajahy*, e o vapor de reboque *Aracajú* com o

fim de irem ao encontro da esquadriha Imperial. As 7 horas estavão fóra da Barra, e ahí se encorporarão aos tres cutters, e pararão em frente da costa da Barra. As 11 horas e  $3\frac{1}{4}$  deixou-se ver a esquadriha Imperial, que, n'este momento, passou a ser reconhecida, e, logo que foi declarada, fez o *Itajahy* signal descarregando sua artilheria, soltando o *Aracajú* uma gyrandola de foguetes, o que foi repetido pela Atalaya e pelo Telegrapho do porto e da Capitania. Immediatamente foi o *Aracajú* a falla do vapor Imperial *Apa*, e depois que o Sr. capitão do porto fez ás pessoas de SS. MM. os seus respeitosos cumprimentos, passou a receber as ordens do Sr. Almirante Marques Lisboa.

A esquadriha esperou fóra da Barra que a maré enchesse, afim de atravessar sem risco os parceis.

A esquadriha imperial era composta do *Apa* conduzindo o Imperador e a Imperatriz, bem como a sua comitiva, a fragata a vapor *Amazonas* commandada pelo Capitão-Tenente Theotônio Raymundo de Britto, corveta a vapor *Paraense* commandada pelo Capitão-Tenente Delphino Carlos de Carvalho. Era o *Apa* commandado pelo Capitão de mar e guerra Francisco Pereira Pinto, sendo Officiaes do mesmo vapor o Capitão de fragata José Secundino Gomensoro, os Capitães-Tenentes João Carlos Tavares e Francisco Eduviges, e o primeiro Cirurgião Dr. Propicio Pedroso Barretto de Albuquerque.

Toda a esquadriha imperial era commandada pelo Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa, tendo por seu Secretario o 1º Tenente Marcellino da Ponte Ribeiro, e por seu Ajudante de Ordens o 1º Tenente Manoel Carneiro da Rocha. Antes da entrada da barra seguirão para a Bahia o vapor *Amazonas* e com direcção ao Rio de Janeiro o vapor *Paraense*.

As 3 horas e tres quartos determinou-se a entrada da barra: seguirão os cutters a demarcarem os cabeços da barra. A entrada da esquadriha se fez na ordem seguinte—seguiu na prôa do *Apa*, afim de demarcar a entrada através dos baixos o vapor *Aracajú*, vindo na pôpa do *Apa* a canhoneira a vapor *Itajahy* sob o commando do Sr. 1º Tenente Ignacio Joaquim



da Fonceca. Todos os vapores tinham sido guarnecidos de habéis praticos pelo Sr. Capitão do Porto que envidou todos os seus esforços afim de que a entrada da esquadilha imperial fosse feita sem risco algum, sendo ao contrario acompanhada dos signaes mais evidentes da alegria geral segundo as ordens de S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia.

A formosa sultana das aguas, a nascente Aracajú, estremeceu de prazer, como a menina innocente e tímida que pela primeira vez em sua vida entra no salão de um baile.

Do castello da Praça uma salva de 21 tiros de granadas fez pulsar mais forte o coração do povo: os sinos repetião, redobravão este agradavel movimento, repicando por 10 minutos.

Todos os cidadãos, todos os funcionarios publicos ornavão-se de gala, e se dispunhão a tomar parte no regosijo total.

A milicia cidadã, a briososa Guarda Nacional, corria de todas as partes com a tropa de linha, e a de policia a reunirem-se nas suas respectivas paradas, donde immediatamente marcharão, e postarão-se no largo da Praça sob as ordens do Sr. Commandante Superior José da Trindade Prado. Algumas Senhoras, ornadas com suas louçainhas, que mais se harmonisavão com as graças encantadoras de que as dotou a natureza ião elegantes no andar e nos vestidos, reunir-se na casa da Presidencia da Provincia.

Ao rebuliço da Cidade não era insensivel o caudaloso Cotinguiba. A maré começou a encher e o rio crescia, crescia suberbo espraiando-se sobre as duas margens que constituem a Cidade, abraçando a fada formosa das selvas, lambendo suavemente seus pés de areia alvissima. As embarcações surtas no porto collocarão-se em alas todas embandeirdas, formando um lindo panorama nas variadas côres dos pavilhões e galhardetes. Tudo era um só pensamento: a terra e o mar se harmonisavão em inebriante alegria para receberem o Augusto Filho do Fundador do Imperio, que pela vez primeira vinha honrar Sergipe.

As 4 e 3 quartos da tarde, atravez do verde dos bosques que se veem como que fechando a barra se divi-

sarão as madeixas de fumo que se soltavão do *Apa* magestoso, já dentro do lagamar, recebendo a homenagem do Cotinguiba, que se abatia sob o doce peso do vapor que trazia o pavilhão imperial. As 5 horas estava no ancoradouro em frente do paço imperial.

As margens do rio se bordavão de uma extensa linha de pessoas que se estendião para assistir o formoso espectáculo da entrada da esquadilha.

Era então tudo movimento e prazer.

S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente que já tinha-se embarcado com o seu Secretario na galeota, e que no rio esperava a chegada de SS. MM. Imperiaes, seguiu acompanhado de todos os escaleres da Alfandega e da capitania do porto em direcção ao *Apa*, e logo que este lançou ancoras, subiu a bordo, onde teve a honra de beijar as mãos de SS. MM. Ahi lhe declarou S. M. o Imperador que logo depois de jantar desembarcaria; mas que n'aquella mesma noite iria ao *Te-Deum*, e daria beija-mão.

Logo que o *Apa*, sulcando magestoso as aguas do Cotinguiba, que abria apoz do pavilhão imperial uma esteira de espuma alvissima, ancorou em frente do Paço, deu-se um facto filho do acaso, ou providencial, porém muito expressivo. Um lindo papagayo, bello, formoso como os papagayos brasileiros, rutilante nas suas pennas verdes e amarellas, talvez ao estrondo das salvas e dos foguetes soltando-se de sua prisão, ainda com a corrente dependurada no pé, veio atravessando os ares e sentou-se sobre o arco em que termina a ponte feita para o desembarque imperial. Ahi conservou-se ovante pela liberdade, que acabava de alcançar, orgulhoso de si, procurando com o bico despedaçar a corrente, que ainda pendia de um de seus pés, e imitando authomaticamente o brado de—Viva o Imperador—com a voz final o *Imperador* em sua linguagem confusa, mas em harmonia com os gritos populares, cujo echo repetia no ar.

Esta feliz coincidencia, chamou a attenção do Sr. Commandante Superior Trindade e do Sr. Tenente-coronel Freitas, os quaes postados na parada tinham visto o papagayo, atravessando no seu vôo as alas da guarda nacional até pousar sobre o arco.

A esses dous cavalheiros devemos o favor d'esta noticia, pois honrarão-nos mostrando-nos o papagayo sobre o arco, e acompanhando o grito popular de saudação ao Monarcha.

As 6 e meia desembarcarão SS. MM. no meio de estrepitosos vivas e do estrondoso ruido de girandolas de fôgnetes, que traduzião nos ares as effusões enthusias-ticas de um povo arrebatado em um jubilo ineffavel.

Era um quadro formoso ver tão crescido e soberbo o Cotinguiba, que parecia ter-se assim animado aos echos da poesia com que, n'estas margens formosas, na modesta Aracajú, saudamos o pomposo natalicio do Imperador, no grato dia Dous de Dezembro, e ensoberbecer-se de trazer nos hombros á terra o penhor do futuro brasileiro.

SS. MM. II. desembarcárão na ponte para este fim construida, elegantemente preparada, como depois descrevemos.

S. M. o Imperador traja o 1.º uniforme de Almirante.

S. M. a Imperatriz traja vestido de seda cõr de chumbo ao gosto chinez, manteleta de filó bordado. No cabello adornos de coral. No collo um trancelim de ouro com uma medalha azul.

Acompanhavão a SS. MM. os seus semanarios—os Srs. Visconde de Sapucahy, Camarista; Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Veador; Conselheiro Antonio Manuel de Mello, Guarda-roupa; Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, Medico da Camara; Dr. Antonio de Araujo Ferreira Jacobina, servindo de Mordomo; Conego Antonio José de Mello, Capellão.

A S. M. a Imperatriz—sua dama D. Josephina da Fonseca Costa.

Acompanhão tambem SS. MM. o Sr. Conselheiro Dr. João de Almeida Pereira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio com seu official de gabinete o 1.º Official da Secretaria do Imperio o Sr. Dyonizio da Cunha Ribeiro Feijó, e o Sr. Presidente da Provincia.

Forão ahi recebidos pela Commissão, de que é Presidente o Sr. Dr. Angelo Francisco Ramos, pela Camara Municipal, e pela Commissão das Senhoras da

Capital, que tinham á sua frente as Excellentissimas Senhoras D. Clemencia da Cunha Galvão e D. Josephina Ramos.

Estavão ali tambem todo o Clero e numeroso concurso de Cidadãos. Então a Camara Municipal recebeu SS. MM. II. debaixo do Palio, entregando nesta occasião as chaves da Cidade e recitando o Sr. Presidente o discurso que ahi publicamos, ao qual S. M. o Imperador se dignou responder com affabilidade.

Ao terminar a palavra do Imperador retumbárão os vivas estrepitosos do povo, acompanhando SS. MM. até chegarem no fim da ponte sob o arco que representa a entrada da Cidade. Na Capella para este fim preparada do lado do norte, joelharão SS. MM. sobre dous cochins de velludo verde, e ahi foi a cerimonia do *Pax tecum*, perante uma magestosa Cruz de prata contendo em si o lenho sagrado.

Depois desta cerimonia solemne, tendo SS. MM. passado o arco, que representa a entrada da Cidade, achárão-se no meio de duas alas de meninas todas vestidas de branco com fitas verdes e amarellas a tiracollo, com grinaldas brancas cingindo a fronte. Uma dessas meninas recitou a SS. MM. uma allocução.

Depois uma outra menina, de seis annos de idade, de nome Philippa Catharina Wanderley, filha do Sr. Capitão Aurelio Wanderley recitou com toda a graça e admiravel belleza a seguinte poesia:

### SAUDAÇÃO Á SS. MM. II.

Que vejo? nesta Cidade  
Tão prasenteiro festim?!  
E' do Throno a Magestade  
Que veio honra-la hoje assim.  
Pois bem: eu, que sou menina,  
Ainda tão pequenina,  
Parte na festa hei de ter.  
Hei de em subito transporte  
A Pedro e a sua Consorte  
Minha homenagem render.

Oh! Salve! Rei bem fadado!  
Salve tu, Imperatriz,  
Que tornas ao Esposo amado  
No seu throno mais feliz.  
Oh! venturoso este Imperio,  
Neste sagrado mysterio  
De ser regido por vós.  
Feliz, feliz esta terra,  
Que no seu porvir encerra  
Um Rei que cuida de nós.

Salve, pois, Pedro Segundo,  
Imperador do Brazil.  
Recebe o culto profundo  
Do teu Imperio gentil.  
E' que este povo te adora:  
E' que teu gesto penhora,  
Pois és um Rei Cidadão.  
Acceita a minha homenagem,  
E' da innocencia linguagem,  
Nascida do coração.

Terminada esta poesia 5 meninas, representando as cinco cidades da provincia, cantarão este hymno offerecido a SS. MM., fazendo o choro outras cinco meninas:

### HYMNO.

Salve, Pedro, Augusto Pedro  
Defensor d'um povo inteiro,  
Do Brasil és o Segundo,  
Mas do Mundo és o Primeiro.

Exulta, Sergipe, exulta  
De regosijo profundo,  
Q'em teu seio hoje contempas  
O maior Homem do Mundo,

A terra que Lh'apresentas,  
É pobre, não tem brazões,  
Mas Elle a terra não piza,  
Piza sobre corações.

Exulta, Sergipe, exulta &c.

Salve Thereza gentil,  
Nossa Preclara Sob'rana,  
Mãi Caridosa, Indulgente,  
Mais que mulher, mais que humana.

Exulta, Sergipe, exulta &c.

Sobre o Par Ditoso, e Augusto,  
Envolto em candido véu,  
Mil flores fragrantas caião.  
Mil benções chovão do Céu.

Exulta, Sergipe, exulta &c.

Então reboarão os ares com os vivas estrepitosos, com as gyrandolas de foguetes, com as ovações populares.

Continuou o prestito na forma do programma, seguindo pelo meio da praça de Palacio e rua do Barão de Maróim até a Matriz. Atravessando a rua do Barão SS, MM. não passarão por baixo do arco levantado em frente do consulado portuguez.

Chegarão a final na igreja Matriz, sempre no meio das ondas populares, que em turbilhão se abalroavão, transgredindo n'esta parte o programma publicado, mas pagando com usura esta falta com seus vivas estrondosos.

As 7 e meia horas da noite começou o Te-Deum, ficando a Igreja cheia pelo numeroso concurso do povo.

A' esta cerimonia concorrerão todas as autoridades civis, ecclesiasticas e militares, bem como o Senador da Provincia e os Deputados geraes, que se achavão na Capital. Estava o Templo ornado com decencia e simplicidade.

Acompanhava a orchestra os canticos sagrados, que erão entoados por grande numero de Conegos e de Padres.

A oração relativa ao objecto agradou pela grandeza do assumpto que a dictara: o pregador foi o Sr. Vigario José Gonçalves Barrozo, que desenvolveu satisfactoriamente o seguinte thema:

« Confitebor tibi, quia terribiliter magnificatus es: mirabilia opera tua anima mea cognoscit nimis: mi au-

tem honorificati sunt amici tui, Deus, nimis confortatus est principatus eorum.»

(*Psalmo 137—v. 13 e 17.*)

No meio do Te-Deum, quando os Padres cantavam um versiculo, as velas superiores do altar abraçarão as grynaldas que as enfeitavam em circulo; causando o clarão susto a todos. Felizmente a tempo apagou-se o incendio, que ia começando sobre o altar.

Finda a cerimonia religiosa, o que teve logar as 9 e meia horas da noite, SS. MM. sahirão do templo debaixo de palio, e ao apparecerem sobre o atrio da Igreja forão saudados por dous entusiasticos gritos populares—Viva S. M. o Imperador—Viva S. M. a Imperatriz.

Grande numero de cidadãos com archotes derramavam luz pelas ruas, cujas casas estavam illuminadas todas. Alguns outros cidadãos cercarão com cyrios accessos o pallio, afim de facilitarem o transito dos imperiaes visitantes, que assim atravessarão a rua de S. Salvador e a da Aurora até chegarem ao Paço. SS. MM. não descançarão no pavilhão da rua da Aurora.

Ao chegarem ao Paço, a lua surgia, formosa e bella como o astro dos amores por entre as tranças dos coqueiros, da margem opposta que parecião inclinar seus penachos lusentes como as pennas dos Caciques Americanos na margem dos seus rios pomposos. Era um espectaculo sublime. O disco de prata surgindo bem defronte da porta do Paço Imperial, e elevando-se sobre os topos dos coqueiros derramava sobre a superficie macia do rio que beijava mansamente a praia, uma fita de luz brilhante, que cortava perpendicularmente o rio e vinha bater de chapa sobre os dous Augustos Hospedes ao entrarem no aposento que lhes preparára o povo Sergipense.

Era como a homenagem do Céu. Era como a linguagem archetypa da natureza no seu silencio expressivo esta fita de luz cortando perpendicularmente o Cotinguiba.

Parece que diante desta saudação do astro da noite o grito popular devia emmudecer, e de feito emmudeceu. Houve uma hora de encantamento. SS. MM.

chegarão as janellas a contemplarem esse quadro lindissimo. Os raios da lua brilhãvãõ sobre a testa do Imperador, e sobre o rosto da Imperatriz. O povo ficou mudo. Por elle fallou a natureza inteira. Todas as Senhoras acompanharão SS. MM. entrando no Paço, o que fizerão tambem alguns cavalleiros, que ficarão então dentro do Paço para o beijamão.

Depois a tropa desfilou em continencia perante SS. MM. II.

A guarda de honra que postou-se logo em frente do Paço compunha-se dos Officiaes dos Batalhões 1º da Capital, e o da Reserva, todos tendo despido as insignias, e tomando as armas de soldados, sob o commando do Sr. Antonio Pedro Machado de Araujo.

Algun tempo depois SS. MM. derão beijamão, a que concorrerão todos os Cidadãos, tendo começado a cerimonia pela Commissão dos festejos na Capital, occasião em que o Sr. Dr. Angelo Francisco Ramos recitou a allocução que ahi publicamos.

Seguirão os Deputados Geraes, Senadores, os Consules, e depois todos indistinctamente.

Nesta occasião o Sr. Tenente Coronel Domingos Mondim Pestana beijando a mão de S. M. pediu licença para offerecer-lhe um exemplar da sua obra—Systema Geral de Instrucção para os Corpos de Caçadores—, ao que S. M. respondeu— « Sim: estimo muito. »

Então recitou um menino de nome Angelo Pires Ramos, alumno do *Gymnasio Bahiano*, depois de beijar a mão de S. M., a seguinte poesia:

SENHOR! Vós Honraes o ensino  
E a intelligencia tambem,  
Permitti que este menino  
Vos diga o que n'alma tem!  
Vós o Honrastes na Bahia  
Quando lá Fostes um dia  
Ao Gymnasio visitar.  
Pois bem: sulquei o Oceano.  
Vim do Gymnasio Bahiano  
Aqui oh Rei, vos saudar.



De lá vim, Pedro Segundo,  
De lá vim vêr-vos aqui.  
Em meu respeito profundo  
Dou prova do que senti,  
Que gloria hoje! que gloria!  
Ah! nas paginas da Historia  
Desta terra tudo é luz.  
Sergipe vê prazenteino  
O Soberano Fagueiro  
Da terra da Santa Cruz,

Pedro e Thereza, meu canto  
Minha homenagem Aceitae.  
É tributo puro e santo  
Que o filho rende a seu Pae,  
É um brado da innocencia  
De debil intelligencia,  
É um culto ao Imperador.  
Aceitae pois minha offerta  
Que traduz em voz incerta  
—Innocencia, paz e amor.—

Depois do beijamão a tropa desfillou em continencia pela frente do Paço chegando S. M. á janella nesta occasião, no meio dos vivas do povo que rodeava o Aposento Imperial.

Algum tempo depois SS. MM. forão assentar-se a mesa que lhes tinha sido preparada. Alem da Comitiva, tiverão a honra de sentar-se a mesa Imperial o Sr. Dr. Manoel da Cunha Galvão Presidente da Provincia, que ficou defronte de S. M. o Imperador, e a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Clemencia, sua Consorte, a esquerda da Imperatriz.

Foi assim a recepção de SS. MM. Foi a singelleza de um povo saudando ao primeiro Cidadão do Paiz. Foi o grito espontaneo da população chegando-se ao Diamema Imperial.

### ALLOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA CAMARA.

SENHOR! O facto de um Monarcha visitar aos seus dominios é um successo grande, e proveitoso na historia das Nações, porque percorrendo seu Imperio, visitando as suas differentes localidades, conhecendo a indole de seus subditos, e vendo mais de perto suas palpitantes necessidades, sem duvida dará linitivo a tantas angustias, enxugando lagrimas ao desvalido, ao orfão e á viuva, ha de com effeito, muito e muito contribuir para a felicidade e engrandecimento dos Subditos que fruirão mais largamente a tranquillidade e socego de que tanto anhelão na presente vida. Possuida de tão grande jubilo por ver nesta Capital seus Augustos Soberanos, cujos Idolos tanto preza; a Camara Municipal, de que sou orgão, em nome de todos os seus Municipales, congratula-se pela feliz chegada de Vossas Magestades á uma das Estrellas do Imperial Diadema, e rendendo Graças ao Todo Poderoso pela viagem de Vossa Magestade Imperial e de Sua Magestade a Imperatriz, faz votos para que a preciosa vida e saude de Vossas Magestades Imperiaes, e toda a Sua Augusta Dynastia se dilatem por longos annos para a felicidade dos ovos do Imperio da Santa Cruz.

A Camara me ordena, Senhor, que eu deposite nas Mãos Augustas de Vossa Magestade Imperial, as chaves da Cidade, Capital desta Provincia, como Symbolo de preito e homenagem, demonstrando por este acto a fidelidade, amor, respeito e adhesão que vos tributamos.

Rogo em nome do Elemento Municipal, queirão Vossas Magestades Imperiaes acceitar o devotamento dos vossos Subditos, desculpar se não for mais expressiva a demonstração de prazer e honra de que todos os Sergipanos se achão possuidos por terem a gloria nunca esperada de receber hoje em seu seio, seu idolatrado Monarcha e Sua Augusta Esposa, Nossa Inclyta Soberana, e virtuosa Imperatriz. Dignando-se Vossas Magestades Imperiaes relevar as faltas desta nascente Cidade, que ainda não conta um lustro de vida.

Lança, Senhor, vossa vista paternal para este fértil torrão do vosso Imperio, prodigalizando-lhe os recursos de que carece, para que possa trilhar a estrada do progresso, e collocar-se á par das outras Provincias suas irmãs. Como signal de afeição aos vossos dedicados e fieis Subditos deste Municipio, concedei-me, Senhor, a graça, que, em nome delles, eu beije a vossa Sagrada e Augusta Mão, e a de Nossa Idolatrada Imperatriz.

Cidade do Aracajú em 14 de Janeiro de 1860.—Padre *Agostinho Rodrigues Braga*, P.—*Luiz Freire de Rezendes*.—*Manuel Ferreira dos Santos*.—*Joaquim Rodrigues Dantas Portella*.—*José Meirelles de Menezes*.—*Leandro Muniz Telles*.—*Antonio Muniz de Mello Telles*.—*Tobias de Mendonça Galvão*.—*José Joaquim Ferreira de Mello*.

### ALLOCUÇÃO DA COMMISSÃO DO RECEBIMENTO.

SENHOR! A visita de V. M. I. ao norte do Imperio solemnemente attesta o empenho que tem V. M. I. pela prosperidade da Nação, cujos destinos estão confiados á sabia direcção de V. M. Imperial. Este acontecimento, Senhor, acrysolará cada vez mais o amor e fidelidade que o povo Brasileiro consagra á V. M. I., cujas virtudes lhe assegurão um brilhante futuro.

Sim, Senhor, os Brasileiros se convencerão de que a maxima—O Monarcha é a fonte do bem—é uma verdade de fecundos resultados, que claramente se vae manifestando no Reinado de V. M. I., e firmes ao redor do Throno Imperial exultão de prazer vendo consolidadas as instituições e a integridade do Imperio.

Senhor! A Provincia de Sergipe, por sua vez, conscia d'estas verdades, aquilatando devidamente a honra que lhe cabe pela presença de V. M. I. em seu solo, reconhece quanto merecem os cuidados de V. M. I. as grandes, como as pequenas povoações do Imperio, e antevê esperançosa os beneficos effeitos que elle llatrará ao seu desenvolvimento moral e material. Assim pois agradecida á V. M. I. e á S. M. a Imperatriz, que como

Virtuosa Esposa acompanha á V. M. na visita que se dignou fazer-lhe, identificando-se com V. M. I. no desejo ardente de felicitar este Imperio, a Provincia de Sergipe dirige incessantes votos ao Todo Poderoso pelo prolongamento de tão preciosos dias, pela prosperidade da Dynastia Imperial, e brilhantismo do Throno Brasileiro.

E nós, Senhor, nomeados para a honrosa commissão do recebimento de VV. MM. II., congratulando-nos com os habitantes de Sergipe por tão feliz occasião temos o maior prazer de significar á VV. MM. II. que os seus esforços se envidarão para demonstrar a lealdade e adhesão que dedicação aos Augustos Visitantes, e ás Instituições do Imperio.

Concluindo permitti, Senhor, que prestando preito e homenagem á VV. MM. II. impetremos a graça de beijar vossas Mãos Augustas.

Aracajú 11 de Janeiro de 1860.—*Angelo Francisco Ramos*, Presidente da Commissão.—*Francisco Joaquim da Silva*.—*Manuel da Silva Rego*.—*Manuel Diniz Villas-boas*.—*Norberto José Diniz Villas-boas*.—*Horacio Urpia*.—*José Narboni*.—*Rufino Voltaire Carapeba*.—*Manuel Agostinho da Silva Moreira*.—*Dyonisio Rodrigues Dantas*.—*Padre Agostinho Rodrigues Braga*.—*Ayres d'Oliveira Ramos*.—*Paulo Freire Mesquita Barretto*.—*Pedro Pereira d'Andrada*.—*Sebastião José Bazilio Pyrrho*.—*Francisco Pereira da Silva*.—*Conego José Alberto de Santa Anna*.—*José Moreira Guerra*.—*Domingos Mondim Pestana*.—*Antonio José Pereira Guimarães*.—*Joaquim José da Silva Castro*.—*Herculano Eugenio de Sampaio*.—*Joaquim Antonio Pereira*.—*Antonio Carneiro de Menezes*.—*Manuel Fernandes da Silveira*.—*Dr. Joaquim José d'Oliveira*.—*Vigario Geral Ignacio Antonio da Costa Lobo*.—*Vigario Elizardio Moniz Telles*.—*Tenente Coronel Manuel Antonio de Faro*.—*Dr. Guilherme Pereira Rebello*.—*Dr. Francisco Sabino Coelho Sampaio*.

S. M. o Imperador dignou-se responder que agradecia os sentimentos manifestados pela commissão.

Distribuiu-se no dia immediato ao da chegada de  
SS. MM. II. a seguinte

### ELEGIA

DICATA SUE MAGESTATI IMPERIALI DOMINO DOMINO PETRO SECUNDO  
BRASILÆ IMPERATCRI.

*Cum tot sustineas, et tanta negotia solus,  
Res illas armis tuteris, meribus ornes,  
Legibus cœdes; in publica curia peccem,  
Si tempo sermone crederis ta tempera, Cæsar.  
(HORAT. Lib. 2, Epist. in princ.)*

Salve. Gloria nostra; datur Flus Brasiliensi  
    Cœlo, Qui imperium floret arte nova;  
Et cui cordi est pax, in iustitia, vivere recta,  
    Quomodocumque fluant sidera, temporaque.  
O' Seregippenses Musæ, paulo altius ite  
    Carmina ludentes: litora visitat hæc,  
Qui nos, nostrarque munera distinguit, Petrus almus,  
    Quem Patriæ vates concinuere Ducem.  
Imperat ordine Qui bene, lumine Qui levat arcta.  
    Plaudite Laudi ergo, quæ sua semper erit.  
Nectiteserta et, seu phialas cum floribus horti.  
    Plangite corda manu, pectora firma magis.  
« Spectator quicumque venit, discedit amator:  
    Aut illum virtus, aut sua forma cepit. »  
Adveniat, quo expectes, ut miseros liberet nos  
    A' tribulis gravibus, pestiferisque plagis.  
Vati Heliconæ, Deæ, sacrosque recludite fontes,  
    Ut possim canere Hunc, Quem genibus recolam;  
Et Castam, Felicem, Solam Coniuge tali  
    Dignam Sponsam, vah! delicias Populi!  
Imperialem Prolem et concinere audeat ille,  
    Qui dignus sit, qui Brasilus audiat hic!  
Hunc Dominum Dominum Petrum ipse ego Flumine vidi:  
    Efigiem Ipsius præbuit aula mea.

Aracaju tertio Idus Januariæ anno Domini millesimo octingentesimo  
sexagesimo.

### PONTE DO DESEMBARQUE DE SS. MM. II.

Foi construída em frente á Praça de Palacio , e em direcção ao centro da dita Praça , com 220 palmos de comprimento e 16 de largura.

E' ella composta de duas partes, uma de alvenaria com 65 palmos de comprimento, e outra de madeira com 135 palmos, sendo as estacas de beriba por ser a madeira que por mais tempo se conserva n'agua salgada, as madres e barrotes de lei de primeira qualidade e assoalho de pranchões de pinho.

De um elegante parapeito pintado de verde e amarelo está bordada a dita ponte de um e outro lado em todo o seo comprimento.

O assoalho foi coberto em toda a extensão da ponte com um tapete de baeta azul de 5 palmos de largura, terminando na extremidade ao lado da escada com um bello tapete da largura da ponte.

Uma escada de 12 palmos de largura com degrãos tambem cobertos de baeta, fôra construída na extremidade da ponte para o serviço de SS. MM. em quanto se demorem no Aracajú, a qual será substituída por duas lateraes, afim de que na extremidade da dita ponte possa carregar e descarregar qualquer embarcação, o que não poderia ter lugar lateralmente por causa da corrente do rio.

Na extremidade da ponte ao lado da escada achão-se collocados dous mastros em que tremula a bandeira Nacional.

Esta solida ponte que com pequena despeza annual de conservação pode durar largos annos, foi um verdadeiro beneficio que trouxe a visita Imperial, pois o embarque e desembarque nas praias do Aracajú não podia se effectuar senão a costas de homem.

Na Praça logo no principio da ponte elevou-se a Porta da Cidade, formada de dous torreões ligados por um elegante arco em forma de meia ellipse, representando a porta de entrada de uma Praça forte. Foi feita em relação á largura da dita ponte, tendo cada torreão 32 palmos de altura, e 1 braça de cada lado, o arco de 16 palmos de largura, 3 palmos de gros-

sura e 16 de altura (no vão). Foi no alto desta porta que sentou-se o papagaio na hora da recepção de SS. MM.

Tudo está revestido de baterias sobre elegantes cornijas. Teve-se a feliz ideia de pintar a dita porta de azul marchetado de branco, que representava perfeitamente o granito do Rio de Janeiro.

Tres bandeiras Nacionaes de seda coroavão este elegante arco que agradou geralmente. Ha o plano por iniciativa do Exm. Sr. Dr. Barros Pimentel, deputado pelo 3.º Circulo desta Provincia, de ser reconstruido este arco exactamente de granito por meio de uma subscrição afim de commemorar por meio de um monumento immorredouro a visita Imperial.

Lião-se os seguintes disticos nos lados dos torreões em letras brancas sobre o fundo azul escuro fingindo marmore.

No torreão do Norte tinha-se construido um pequeno Altar ricamente preparado em que SS. MM. fizeram Oração e beijarão o Santo Lenho.

No lado do rio, lê-se em um dos torreões:

Tolle caput Seregippe; decoras indue vestes;  
Augusto meritis habe honores sedula Petro.

e no outro a traducção

Ergue, ó Sergipe, teu collo,  
Traja vestes bem luzidas  
A Pedro Augusto tributa  
Com gosto as honras devidas.

No lado da praça lê-se, em um torreão:

Salve, Brasili Rector, Patrone, Paterque;  
Magnorum Soboles Regum, Summe Inclite Ductor!

e no outro a traducção

Salve, o Monarcha Sublime,  
Pae Augusto e Defensor,  
De Grandes Reis Descendente,  
Do Brasil Imperador.

No lado do Sul em um torreão:

Maxima pignora nobis ut præberet amoris  
Egregiam consortem portavit quoque secum.

No lado do Norte em outro torreão, a traducção:

Para dar-nos maior prova  
Do seu paternal amor  
A Soberana Consorte  
Tambem nos trouxe em penhor.

### DESCRIPÇÃO DO PAÇO IMPERIAL NO ARACAJÚ.

Fôra augmentado o Palacio da Presidencia com uma galeria, e dous quartos, bem como alguns departamentos mais no interior do edificio. Foi todo o Palacio pintado de amarello, com portas e janellas de branco, levantando-se no oitão do sul um mastro grande onde deve tremular o Estandarte Imperial durante a estada de S. M. o Imperador.

O corredor da entrada principal, ou vestibulo achase ladrilhado com as largas pedras da Provincia, que são tiradas do logar chamado *Sapucary*, distante duas leguas da Capital, na margem direita de Sergipe, que é o rio que deu o nome a esta Provincia. Estas pedras são um *marne* que constitue um lindo lagedo imitando o marmore branco.

A escada que tem tres degráus, feitos da mesma pedra, dirige ao pavimento que fica cinco palmos acima do plano da calçada externa. As paredes do corredor estão guarneçadas com papel verde assetinado, com florões de um branco côr de prata. O chão é forrado com esteira chinesa.

Este corredor está ornado com arandellas de bronze de bocaes dourados.

Deste corredor ha tres portas—uma para a direita, outra para a esquerda, e outra para o centro do edificio. As tres portas estão ornadas com resposteiros forrados de setim amarello, tendo na frente as armas imperiaes.



Tomando para a direita está a sala destinada a S. M. a Imperatriz. O pavimento é tapeçado com esteira chinesa branca, e as paredes forradas de papel adamacado côr de perola, ao gosto chinez, guarnecido na parte superior com uma faixa côr de café com florões azul celeste, bem como no rodapé. Todos os portaes estão guarnecidos com ricas arandellas de bronze com bocas douradas, guarnecidas de pingentes. As janellas estão ornadas de lindissimos cortinados de filó branco bordado, presos por guarnições douradas cingidos em sanefas de setim côr de roza, attestando toda a pericia dos dedos delicados que em homenagem á S. M. a Imperatriz os preparárão, guarnecendo-os de formosas pregas.

Do meio do tecto pende um lustre de bronze com flores douradas, em fórma de pyramide.

A mobilia é singela, mas muito elegante, de mogno, a Luiz XV, contendo um piano da mesma madeira. No centro da sala uma mesa em forma de ellipse com pedra de marmore branco.

Aos lados do sophá achão-se dous consolos com pedra marmore em harmonia com a da mesa central. Sobre um d'elles, o do lado do rio, levanta-se um relógio de ouro, de base ellyptica, tendo na parte superior a figura de Urania com o manto roçagante coberto de estrellas encarando fixamente a esphera celeste, representada por lindo globo de ouro.

Ao lado do relógio estão duas ricas jarras de porcellana finissima, imitando a de Sevres com florões dourados. Estão collocadas entre castiçaes de cristal guarnecidos de pingentes com medalhões verdes, com as mangas em symetria com as da mesa do centro.

No outro consolo outro par de jarras de porcellana côr de roza, tendo em uma das faces gravada uma payzagem lindissima, na qual passeia perto de uma cabana um camponez na innocencia dos seus costumes, representando a outra um lago e uma ponte, pela qual vão atravessando um rebanho tangido por um menino: neste consolo estão castiçaes da mesma forma que no outro. Sobre o sophá pende um grande e rico espelho com guarnições muito bem douradas, representando nos angulos flores em grinaldas. Defronte deste espe-

lho está suspenso sobre pregos dourados o retrato da Família Imperial.

Nos espaços entre as janellas estão espelhos menores, mas igualmente ricos. Aos pés do sophá estende-se um bello tapete estufado com bordados, representando uma payzagem.

Tomando-se para a esquerda, está a sala que fica para o lado da praça e em frente do ancoradouro, a destinada á S. M. o Imperador. Está toda alcatifada com esteira branca, forradas as paredes com papel cor de lyrio, com columnas collocadas no meio de flores, tendo na parte superior e no rodapé uma faixa azul celes-te com florões sombreados cor de ouro. As janellas d'esta sala estão guarnecidas de ricos cortinados, iguaes em belleza e primor aos da—sala da perola—, preso por lindas guarnições douradas, seguras pelos lados por laços de seda cor de purpura, franjados de tranças de seda (gregas) da mesma cor com fios brancos. O filó está bordado de flores.

E' de jacarandá a mobilia. Occupa o centro da sala uma mesa da mesma madeira, coberta de um panno fino cor de café, semeiado de rosas e folhas verdes, orlado de uma franja propria. Sobre esta mesa ha uma serpentina de base de bronze com a haste de porcelana dourada. Nos espaços das janellas do lado da praça estão dous consolos da mesma madeira. Sobre um d'elles está um lindo relógio dourado representando na parte superior a figura de Solon com as mãos sobre um dos joelhos, na attitude de profunda meditação, tendo ao lado uma pilastra sobre a qual está collocada uma lamina de ouro em forma de pergaminho, contendo os dictames d'aquelle legislador, tendo gravadas estas palavras—*Leis de Solon*.—Encostada a esta pilastra, vê-se a coroa civica com que o povo Atheniense honrou aquelle sabio legislador, e junto d'ella um livro fechado, como indicando que todos os actuaes codigos de leis vem do papyro em que Solon traçara seus primeiros dictames.

Aos lados do relógio achão-se duas jarras de porcelana azul finissima, semeiadas de palmas e flores douradas, e dous castiças de crystal com pingentes e com medalhões azues.

No outro consolo vêem-se duas lindas jarras verdes, guarnecidas de circulos dourados, tres castiçaes de crystal ornados de pingentes e medalhões verdes.

Sobre cada um dos dous sophás pendem espelhos, ricamente moldurados em caixilhos dourados.

Passando-se d'esta sala para o interior do Paço, entra-se no gabinete de S. M. o Imperador. Alcatifado de esteira branca, tem as paredes forradas de papel azul-celeste, semeiado de rozas brancas atadas em festões. Consta a mobilia de duas mesas chamadas de escriptorio, sobre cada uma das quaes ha uma primorosa escripturinha de prata, tendo uma penna de bico de ouro. Ha todos os outros utensis de escripta. Ao lado está uma estante, contendo livros de Sciencia e de Litteratura, bem como os relatorios das diversas Presidencias d'esta Provincia.

Por cima da cadeira principal pende a—Nova Carta Corographica do Brazil.—Defronte d'ella está um lindo quadro de moldura ricamente dourada, representando S. M. o Imperador e S. M. a Imperatriz.

Sobre uma das mesas estão os numeros ultimos das gazetas da Provincia, que são—*Correio Sergipense*, a *Epocha*, o *Voto Livre* e a *Assembléa Catholica*.—O quarto azul-celeste tem duas janellas para a Praça, as quaes estão ornadas com os seus cortinados proprios, tendo nos portaes arandellas de bronze com boccaes dourados, bem como nos das portas por onde d'elle sai-se para a sala de jantar e para o quarto de banho.

Do quarto de banho passa-se para o toilette Imperial. Está alcatifado de esteira branca chinesa, forradas as paredes de lindissimo papel còr de lyrio semeiado de flôres douradas. Tem janellas para a Praça, e porta para a galeria, que faz parte do accrescimo feito, além da que vem do quarto do banho. Pendem das paredes dous quadros lindissimos um com o titulo—*The jewel of village*—e o outro—*Linda*.

A um lado um guarda vestido de jacarandá com portas de vidro. Defronte deste um guarda-roupa tambem de jacarandá com assento de marmore branco. No centro deste está um relógio de bronze representando Maria Stuart, levando sobre a testa o dedo indice como em meditação: o mostrador é bran-

co sobre fundo dourado. Nos lados jarro de porcellana fina dourada, representando rozas e dhalias abertas entre folhas de ouro. No meio, em frente do relógio, uma carteira de escripta de Senhora, feita de charão tendo a face superior toda bordada, e impresso no centro um bouquet de flôres delicadas: a parte interior da carteira é forrada de velludo carmesim. Ha sobre o guarda roupa dous castiçaes de cristal iguaes aos da salla da *perola*. Ha dous lavatorios de jacarandá com assento de marmore branco tendo cada um bacia e jarro de prata de bello bordado, e os outros pertences de porcellana branca dourada. Aos lados dos lavatorios pendem 4 toalhas de cambraia de linho, bordadas e arrendadas com muita delicadeza e perfeição. Sobre os dous toilettes correspondentes, da mesma madeira e forma, estão os utensis todos de porcellana fina bordada, entre os quaes sobresahe um lindo porta relógio de base de jaspe finissimo, contendo sobre ella, presos por uma grade dourada, dous frascos de perfume, e entre esses uma concha de madre-perola, ácima da qual, sobre as hastes que a sustentão, se eleva o receptaculo do relógio, forrado de velludo carmezim. Ha vasos de perfumarias, bem lindas jarras de porcellana azul com frisos de ouro. No toilette destinado a S. M. Imperial está uma tripode elegante, feita de setim e froco de seda, contendo myriade de alfinetes: esta tripode foi feita especialmente por uma menina para S. M. a Imperatriz. No centro está uma mesa de mogno a Luiz XV, coberta de vidro bordado, imitando marmore preto, com veias e flores rubras. Sobre esta mesa estão tres riquissimos objectos. Um estojo para viagens de ebano com cobertura de charão: contém utensis proprios de crystal com coberturas de metal dourado; bem como outros objectos, tendo uma pasta de velludo carmezim, do qual é tambem forrado todo o interior do estojo, que se divide em dous pavimentos, contendo diversas repartições. Ao lado d'este, uma lindissima carteira de escripta para senhora, de charão, tendo bordada na face superior uma payzagem com todas as suas bellezas, surgindo as flores variegadas e as folhas verdes no meio do fundo de ouro. Esta payzagem representa o—Ross Castle—,

palavras que se vêem traçadas no meio da selva que tapça o chão da payzagem. Dentro está toda forrada de velludo carmezim. Contém todos os utensis para escripta, entre os quaes é de notar o areieiro que tem uma areia finissima cor de rosa com pó de ouro, e a penna de escrever com bico de diamante.

Entre esses dous objectos eleva-se um riquissimo guarda-joias de charão, tendo de comprimento dous palmos, de largura um e meio e de altura um palmo, levantado sobre pés de metal muito bem dourado, imitando as garras de um leão de ouro. A parte superior do guarda-joias é toda embutida de frisos dourados, que entretrecidos com a côr do charão formão um bello aspecto, cercando uma lamina central, onde estão gravadas tres lettras iniciaes—M. A. S.

A parte central do guarda-joias é toda forrada de damasco branco bordado, guarnecido de franjas de ouro. Levantada a tampa do guarda-joias, tem ella pela face interna um espelho em toda a sua dimensão, representando o frontespicio da entrada principal do—palacio de crystal—, tendo as columnatas, os capiteis e as ogivas forradas de damasco e de velludo branco, com sanefas e franjas de ouro, que refletem sobre o espelho produzindo um bello effeito. O resto do guarda-joias é dividido em dous pavimentos.

A superficie do pavimento superior está dividida em quadrados, rhomboides e pararellogramos.

Nos quadrados estão ricos vasos de crystal verde, contidos em um franjado de ouro, que lhes prende as tampas: esses contém perfumes suavissimos.

As coberturas dos rhomboides e dos pararellogramos tem em si divisões, feitas por velludo branco franjado como todo o interior do guarda-joias: n'essas divisões estão uma carteirinha muito delicada e um livrinho de folhas de marfim, proprio para acompanhar as senhoras aos bailes.

Outras divisões, que representam duas banquinhas todas modeladas, tem na parte superior um dedal de ouro, tesoura do mesmo metal e outros objectos propios, muito delicados.

Levantadas essas coberturas, os espaços interiores, todos forrados de setim branco tem divisões proprias.

O pavimento inferior, cuja superfície é toda semeada de flores de ouro sobre a superfície de damasco e velludo branco, tem uma gaveta que occupa toda a dimensão do guarda joias, tendo por puxadores argolinhas de ouro, que saem do centro de flores do mesmo metal.

Do toilette imperial passa-se para a galeria que o faz communicar com o quarto de SS. MM.

Este ultimo é alcatifado de esteira branca e forrado de papel bordado de flores cor de purpura em fundo branco. Ha n'elle dous leitos grandes: um de jacarandá e outro de mogno, os quaes ficão fronteiros. O de mogno é muito bem acabado e de grande trabalho artistico.

Ao lado de cada um ha uma *table de nuit* semelhante ao leito: uma com pedra marmore branca e a outra marmore preto. Os cortinados dos leitos são de cassa fina bordada, presos em uma cupula dourada com sa-nefas de setim escarlata, cingidas por laços de seda e velludo em gregas da mesma cor, que formão lindas franjas. O espaço que divide os dous leitos tem tapetes lavrados. No espaço entre as duas janellas, correspondendo ao que divide os leitos, está uma mesa de mogno a Luiz XV, contendo no centro uma lamparina de porcellana dourada, tendo em um plano superior um crucifixo todo de marfim, a cujos lados estão dous castiças de prata.

O colxão do leito de mogno é de damasco branco lavrado; o do outro é de marroquim encarnado. Os travesseiros de ambos são de damasco branco lavrado cingidos por cordões de seda, que terminão em borlas desfiadas da mesma fazenda. Os lençóes de cambraia de linho, bordados e arrendados nas extremidades. As fronhas são igualmente bordadas, apertadas por fitas cor de rosa. As colxas são de damasco escarlata com franjas de seda em tecido de grega.

Sobre cada *table de nuit* está um par de *pantouffes* de damasco bordados ao gosto oriental e forrados de setim branco.

Sahindo-se do quarto de dormir de SS. MM. se percorre de novo a galeria vindo a sahir na sala de jantar. Esta, que fica na parte central do edificio, tem com-

municações para todos os departamentos já descriptos, em cujos portaes estão arandellas iguaes ás dos outros bem como para o quarto da dama de S.M. a Imperatriz. Está alcatifada de esteira branca, forradas as paredes de papel de columnas brancas, e flores verdes. No centro uma grande mesa de vinhatico coberta de um oleado cheio de ricos lavores, rodeiada de um grande numero de cadeiras: sobre esta mesa um esplendido serviço de prata lavrada, no meio de outro serviço completo de porcellana fina.

Em frente está um guarda louça contendo um serviço completo de porcellana fina, e mais um aparelho de chá de prata. Sobre os dous aparadores, que estão collocados de lado muitas bandejas de prata massiça, e salvas de prata lavrada com pés arrendados, bem como um faqueiro de prata. Dahi se desce para a *copa*.

Na *copa* dous outros faqueiros de prata, e mais outro serviço de porcellana. Em continuação da *copa* ficam os outros aposentos necessarios, principalmente a adega, que contém muitas qualidades de vinhos delicados, e a dispensa que contém viveres destinados ao fornecimento diario da mesa imperial.

### DESCRIPÇÃO DO PAVILHÃO BRANCO.

Na rua da Aurora, junto da casa da Camara Municipal foi levantado um pavilhão sobre doze columnas, de forma circular, tendo no cimo a bandeira Nacional.

Um a outro terno das columnas é preso reciprocamente por festões de folhas e flores naturaes.

Na face do norte da cupula do pavilhão está escripto o seguinte distico :

*O felix popule! accipe numeram fronte serena,  
Que tibi pro bonitate secundus nunc Petrus offert.*

Deste distico a traducção do lado opposto está escripta assim:

Recebe, ó povo ditoso,  
Com prazer o mais jucundo  
As graças que hoje te outhorga  
Nosso bom Pedro Seguado.

Do lado do nascente acha-se escripto o seguinte distico :

*Læta dulcisonaque ad sidera voce feramus  
Numen, quod voluit regionem visere nostram.*

Do lado opposto está escripta a traducção nesta quadra:

Com voz festiva e suave  
Até o Céu exaltemos  
O nome, cuja presença  
Em nossa Provincia temos.

Este pavilhão estava destinado a ser nelle recitada uma allocução pelos meninos, se acaso SS. MM. se dignassem descansar ahi.

Todas as noites este pavilhão era illuminado. Debai-xo de sua cupula reunirão-se os Officiaes da Guarda Nacional que montarão a guarda de honra.

#### A GUARDA DE HONRA A SS. MM. II.

Uma homenagem, rendida pela Guarda Nacional ao Imperador foi a dedicação com que durante a estada de SS. MM. no Aracajú lhe fizerão todos os dias os Officiaes da Guarda Nacional guarda de honra.

Foi uma prova que deu a milicia cidadã de sua cor-tezania, de seu devotamento ao Throno Imperial.

No dia em que S. M. o Imperador foi a S. Christovão, a guarda de honra feita a S. M. a Imperatriz foi ainda mais importante.

O Sr. José Narboni, Vice-Consul da França e do Uru-guay, tomando as suas vestes officiaes offereceu-se para servir de porta-bandeira na guarda do Paço, e ahi permaneceu no seu posto de honra; porque era espon-taneo aquelle acto louvavel do estrangeiro, que deu as-sim uma prova de seu affecto ao Soberano do Paiz em que reside, representando duas nações estrangeiras.

#### DESCRIPÇÃO DO FORTE DA PRAÇA NO ARACAJÚ.

No centro da Praça de Palacio em direcção da ponte do desembarque e da entrada da praça forte foi levan-



tado um forte destinado a dar as salvas com tiros de granada, na occasião da chegada de SS. MM. II., e sempre que o Imperador sahisse para a visita de outras localidades, ou dellas voltasse.

Este castello foi construido por uma planta dada pelo Sr. Major d'Engenheiros Pyrrho.

A fórma da fortaleza é quadrada.

Tem de largura por cada lado, na base 65 palmos, e na parte superior, no plano do soalho tem 35 palmos. E' pois a differença a inclinação das paredes.

A altura até o plano do soalho é de 15 palmos.

Tem 4 guaridas situadas nos angulos, cada uma em cada angulo do forte. A altura das guaridas é de 10 palmos.

Tem 4 guaridas situadas nos angulos, cada uma em cada angulo do forte. A altura das guaridas é de 10 palmos.

Os espaços estão divididos em parapeitos, cuja altura é de 4 palmos.

No meio do forte levanta-se um mastro, em cujo tope fluctua o pavilhão Nacional.

Foi no tope deste mastro que se foi assentar o papagaio no dia da recepção de SS. MM., tendo voado da ponte na occasião de desembarcarem SS. MM.

### DESCRIPÇÃO DO ARCO EM FRENTE DO VICE-CONSULADO PORTUGUEZ.

Entre todos os preparativos para a recepção de SS. MM. no Aracajú foi levantado á custa dos Portuguezes um arco na rua do Barão, em frente da casa do Vice-Consul dessa Nação.

E' o arco construido todo de madeira levantado sobre columnas, que lhe dão um lindo aspecto.

A madeira está pintada de branco a oleo. Na cupula se lêem as seguiutes palavras em letras de folha de flandres—*Aos Excelsos Viajantes os Portuguezes no Aracajú.*—

Este arco foi illuminado durante as noites todo o tempo que SS. MM. se demorárão naquella Cidade.

No dia do desembarque de SS. MM. não foi o arco honrado com a passagem dos Augustos Viajantes, em razão da lama que havia na rua neste lugar.

### VISITAS Á DIVERSOS PONTOS.

Ao amanhecer do dia 12 de Janeiro, ao toque de alvorada, o Castello da Praça salvou com os seus tiros de granada, harmonisando-se com as salvas dos navios de guerra surtos no porto.

As seis e meia horas da manhã sahiu a pé S. M. o Imperador, acompanhado de algumas pessoas de sua comitiva, entre as quaes o Sr. Ministro do Imperio, bem como do Exm. Sr. Presidente da Provincia, e grande numero dos membros da Commissão de recebimento.

Visitou a obra do novo quartel para a tropa de linha, obra de que está encarregado o Sr. Dr. Guilherme Pereira Rebello.

Pediu ao Engenheiro Capitão Pereira da Silva, que tem a seu cargo a inspecção da obra, informações sobre ella, obtendo ao mesmo tempo a planta da obra, a qual examinou minuciosamente, fazendo ao Engenheiro algumas perguntas, que forão satisfeitas promptamente.

S. M. examinou tambem a liga, e a pedra da construcção, que achou boas.

Desejou ver, e viu o orçamento e as condições do contracto.

D'ahi S. M. foi visitar a fonte chamada do Barão. O Sr. Presidente, por ordem de S. M., tomou em um copo de christal agua da fonte, que S. M. recebeu afim de provar, o que fez por meio do olphato e do gosto, affirmando que ainda que denotando pela côr a agua ter em dissolução substancias vegetaes ou mineraes, era todavia de gosto agradável.

Depois foi á povoação de Santo Antonio, que fica a um quarto de legua da Cidade. Ahi foi recebido com foguetes e saudações do povo.

Entrou na Igreja, onde fez oração. Depois visitou o povoado todo. Na volta para a Cidade viu as outras duas fontes, cuja agua examinando, achou muito má. D'ahi foi visitar o Cemiterio que é cingido por uma cerca de varas. Achando-o aberto em alguns lugares, perguntou S. M. ao Vigario desta Capital—porque era assim tão pouco respeitado na Capital de um Paiz Christão o jazigo dos mortos—respondeu o Vigario que acontecia isso porque o povo nesta terra ia á noite furtar a cerca do Cemiterio para fazer lenha; S. M. ficou surprehendido com tal revelação, e disse que em tal caso era preciso ter no Cemiterio uns guardas todas as noites para evitar taes furtos.

Depois foi visitar a obra do Palacio novo, que está sendo feita sob a direcção do Engenheiro Capitão Pereira da Silva. Examinou a obra, a planta e o orçamento, comparando-o com a da obra do quartel de linha.

D'ahi foi visitar o tumulo do finado Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, que fica no fundo da Igreja Matriz. E' o tumulo uma obra, que demonstra um sentimento nobre e singelo do coração do povo para aquelle homem de fé robusta em si, e em seus actos, que foi victima de sua dedicação em sua fundação.

E' o tumulo, que encerra tão saudosos restos, construido conforme o gosto Romano, com marmore fino e pollido: seu todo é uma pyramide composta que tem  $17 \frac{1}{2}$  de altura, tendo no vertice uma Cruz de dous palmos de altura tambem de marmore. Consta esta pyramide de tres partes, que são pedestal, caixa ou deposito, e tampa; a 1.<sup>a</sup> é um hexaedro retangulo, em que as quatro faces vistas são iguaes e tem cada uma sete palmos e meio de comprimento e quatro de altura; a 2.<sup>a</sup> é um hexaedro retangulo em que as faces vistas são iguaes, e tem cada uma dous palmos e tres pollegadas de altura, e cinco e meio palmos de comprimento, guarnecido na parte superior com uma moldura composta de dous filetes e uma meia cana: a caixa é um hexaedro retangulo em que as faces vistas são iguaes, tendo cada uma quatro palmos de comprimento, e dous ditos e tres pollegadas de altura, guarnecida na parte inferior com uma

moldura de meio palmo de altura, e na parte superior com uma cornija de florões em relevo com um palmo e duas pollegadas de altura: na face paralela ao plano que passa pelo eixo da rua fronteira ao Cemiterio tem a caixa o seguinte letreiro com letras douradas gravadas—Restos venerandos do Exm. Sr. Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, Presidente desta Provincia: —na face contigua a primeira do lado direito tem o seguinte letreiro tambem com as mesmas—Nasceu no Rio de Janeiro em 10 de Outubro de 1821—Morreu na Cidade da Estancia em Sergipe aos 6 de Outubro de 1855—: na face contigua a esta tem o seguinte letreiro:—Viveu e terminou com gloria a carreira que Deus lhe assignalou na Terra—: finalmente na ultima face tem o seguinte letreiro—Homenagem, saudade e gratidão—Resolução 453 de 3 de Setembro de 1856.—A tampa é uma pyramide regular que tem quatro palmos de altura, sendo a base um quadrado perfeito que tem de lado tres palmos e cinco pollegadas: tem na face que corresponde com a face da caixa que contém o nome do finado duas tochas crusadas e sobre as quaes está collocada uma grinalda, tudo em relevo. O tumulo é guarnecido junto ao pedestal por uma grade de ferro fundido, de onze palmos de comprimento cada lado, e quatro palmos de altura, havendo entre esta grade e o mesmo pedestal um intervallo de palmo e meio de largura com terra vegetal, onde estão plantadas flôres naturaes que indicão—saudades.

Ao lado dessas flores ha dous pés de cyprestes ainda tenros plantados pela mão do Sr. Tenente Coronel Domingos Mondim Pestana, amigo dedicado do morto.

### VISITA DE S. M. Á ALFANDEGA.

No dia 12, depois de ter ido visitar a Capitania do Porto, S. M. dirigiu-se a alfandega. Viu os dous edificios, o da velha e o da nova, os quaes estavam em arrumações para o baile, que ahi se deu a SS. MM.

Não obstante pediu informações sobre as diversas accommodações para a repartição do Fisco.

Sahindo d'ahi e sabendo que provisoriamente estava a repartição da Alfandega na mesa de Rendas, para ali se dirigiu, chegando a essa repartição ás 9 horas da manhã, marcando entretanto o relógio da casa 10 horas. Observando essa differença, S. M. notou que estivesse tão adiantado o relógio de uma repartição publica, e tirando da algibeira o seu relógio, disse—ou o meu está muito atrazado, ou este muito adiantado.

Respondendo-lhe a isso o Inspector, disse que—tanto na entrada como na sahida se regulavão os empregados por aquelle relógio, preenchendo assim as horas do serviço conforme o regulamento.

Disse S. M.—Bem: mas isto é mau para os empregados.

Perguntou depois ao Inspector se tinha assignado o ponto, examinando então os nomes de todos os empregados, um por um.

Passou a examinar a escripturação, o que não poud fazer com toda a minuciosidade, com que S. M. costuma proceder em todos os seus actos, em razão da irregularidade em que a mudança recente da repartição tinha posto os livros. Não obstante pareceu satisfeito do que viu e examinou.

Perguntado ao Inspector sobre a matricula dos escravos, e suppondo este que S. M. queria saber da renda, designou-a, com o que S. M. não se satisfez, e disse-lhe—Não: não quero saber da renda, quero saber do numero.

Pediu um mappa comparativo da receita dos exercicios de 1854 a 1859, dizendo-lhe que o apresentassem com urgencia no Paço.

Apresentou o Inspector mappas de todos os trabalhos da repartição. S. M. disse-lhe, que os mandasse levar ao Paço, onde os examinaria com vagar.

Sahindo, disse S. M. para o Inspector—os senhores estão em casa emprestada.

Ao sahir da Alfandega foi S. M. saudado com muitos vivas por todo o povo, subindo ao ar n'este momento alguns foguetes, o que teve logar em todas as repartições que S. M. visitou, acompanhando-o sempre o

povo, que saudava S. M. sempre com vivas e applausos.

E' que a inspecção sobre os estabelecimentos publicos é a necessidade mais cara ao instincto popular.

#### VISITA Á CAMARA MUNICIPAL

A Camara Municipal foi visitada por S. M. o Imperador, logo depois da visita da Alfandega.

A pouca regularidade do archivo municipal e as más accomodações da casa não agradarão a S. M. que fez aos vereadores algumas observações a respeito.

#### VISITA Á THESOURARIA DE FAZENDA.

A thesouraria geral foi tambem visitada por S. M. no dia 12.

A repartição não agradou a S. M. Além da pessima casa em que está collocada, S. M. notou falta de alguns empregados.

#### VISITA DE S. M. Á THESOURARIA PROVINCIAL, E Á MESA DE RENDAS.

Na visita que fez S. M. á Thesouraria Provincial, procurou indagar da receita e despeza da Provincia. Sabendo da deficiencia actual dos cofres provinciaes mostrou-se pouco contente de saber que os empregados da Provincia não estavam em dia com os seus vencimentos.

Examinou alguns livros da repartição. Fez algumas reflexões ao Sr. Inspector, a quem pediu certos esclarecimentos.

A Thesouraria Provincial funciona em casa propria com melhores accomodações do que a da Fazenda.

O edificio em que está a Thesouraria Provincial tem do lado opposto a Repartição da Mesa de Rendas, a qual S. M. tambem visitou. Pediu informações sobre diversos assumptos concernentes a este ramo do serviço publico, que não é o mais regular na Provincia.

### VISITA Á CAPITANIA DO PORTO

S. M. no dia 12 visitou a Capitania do Porto. Ao entrar, o Sr. Capitão do Porto, vindo recebê-lo á porta da repartição com todos os empregados, dirigiu a S. M. a seguinte allocução:

« IMPERIAL SENHOR!—Altos destinos da Providencia Divina, á bem de nosso Paiz, trazem incolume entre perigos e fadigas a augusta pessoa de Vossa Magestade á esta Provincia, e n'este momento á esta Capitania, da qual, na qualidade de chefe junto aos mais empregados, rendemos culto ao Altissimo pela desejada e feliz chegada da sagrada pessoa de Vossa Magestade Imperial e de Nossa Virtuosa Soberana; cujas mãos bemfazejas imploramos a graça de beijar. »

Depois S. M. examinou os livros, fazendo algumas reflexões.

Apresentando o Capitão do Porto um mappa dos empregados, S. M. disse que o remetteste com um relatório, que designasse as cousas de que precisasse a repartição.

### VISITA AO QUARTEL DA POLICIA.

S. M. visitou no dia 12 o quartel de policia: examinou-o todo minuciosamente, chegando até a introduzir a vareta em uma arma, a ver se estava limpa, e achou-a com um pouco de ferrugem, viu os livros e o archivo do corpo, achando-os regulares, e mostrando-se satisfeitissimo de achar em dia a escripturação.

O Sr. commandante saudou-o n'estes termos:

« SENHOR!—O jubilo e reconhecimento que em mim desperta V. M. I., pela subida honra que me dá, visitando o quartel sob meu commando, será tão duradouro quão immenso é o merecimento e bondade de V. M. I.

Senhor! Esta tropa, a quem os pequenos recursos d'esta bôa terra não permitem receber o gráo de dis-

ciplina e commodos que compensem o serviço que prestão e o sacrificio que fazem por amor do Paiz, é composta de Cidadãos que vos amão, e que preferirão a morte ao serem privados da honra de escudarem o Throno de V. M. I.

Assim, digne-se V. M. I. de aceitar, por mim e pelo corpo de meu commando, a sincera manifestação do nosso respeito e amor.

Rogando a Deus pela preciosa existencia de V. M. I. e de S. M. a Imperatriz, como penhores da felicidade dos Brasileiros, peço para mim e para os soldados de meu corpo a honra de beijarmos as vossas mãos augustas.

Quartel do commando do Corpo de Policia na cidade Aracaju 12 de Janeiro de 1860.—*Ruphino Voltaire Carapeba*, Major Commandante.»

Visitou tambem a arrecadação do corpo, achando de má qualidade o fardamento, e inda mais admirou-se de que os soldados não tivessem fardamento ao sentar praça, sendo assim obrigados a compral-o á sua custa durante um anno, até que tenham direito.

Perguntou se se dava no quartel rancho para os soldados.

Respondeu lhe o Commandante que não, em razão de estarem sempre destacadas as praças.

### VISITA DE S. M. ÀS AULAS PUBLICAS, E Á DIRECTORIA DOS ESTUDOS

No mesmo dia 12, á tarde, S. M. visitou a aula de ensino primario para meninas, na qual notou aproveitamento das alumnas, demonstrando-se assim o zelo da respectiva Professora, a quem S. M. fez diversas perguntas a respeito da sua aula.

S. M. procurou ouvir, e ouviu algumas alumnas sobre diversos pontos das materias ensinadas, e pareceu satisfeito.

Ao entrar S. M. uma das alumnas recitou o seguinte:

« SENHOR!—Nós, pequenas alumnas d'esta aula, com



o mais profundo respeito, felicitamos a Vossa Magestade Imperial pela feliz chegada á esta cidade.

Vós, Senhor, tendes derramado enches de beneficios por todos os vossos subditos de todas as classes, e nós damos infinitas graças ao Todo Poderoso por nos conceder a felicidade de partilharmos os mesmos, contemplando no acanhado recinto d'esta aula o grande Pedro II, Imperador idolatrado dos Brasileiros. A visita de V. M. Imperial á esta aula, nos será sempre grata e memoravel; e nós, Senhor, com os corações cheios de prazer tributamos á V. M. Imperial e á S. M. a Imperatriz, nossa Idolatrada Soberana, nossas homenagens, implorando á V. M. Imperial se digne d'acolher benigno os votos que fazemos ao Todo Poderoso pela saude e conservação de V. M. Imperial, de nossa mui virtuosa Imperatriz, e de toda Augustissima Familia Imperial.

Permitta-nos V. M. Imperial a honra de beijarmos a Vossa Augusta Mão.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.

*Constança Carolina de Souza.* »

Tambem visitou a aula dos meninos, onde porém não encontrou o mesmo adiantamento que na das meninas. O Professor desta aula recitou, ao receber a S. M., uma allocução.

N'esta mesma tarde S. M. visitou a aula de latim, notando, porém, o pequeno numero de alumnos e o pouco adiantamento d'elles, posto que seja notoria e reconhecida a reputação de que goza o Sr. Professor Braz Diniz Villas-Boas, já jubilado n'esta materia, e que se acha por um contracto encarregado da mesma aula actualmente.

S. M. fez diversas perguntas aos alumnos, entrando em diversas questões, que demonstrarão o conhecimento que possui S. M. das linguas classicas.

Ahi recitou um alumno a seguinte allocução:

SENHOR.—Transportado de jubilo pela mercê que nos acaba de fazer o Todo Poderoso, de mover o Nobre Coração de Vossa Magestade Imperial para vir

pessoalmente ver e abraçar filhos, que ardião no desejo de voar á Côrte em tropel á contemplar de perto Sua Augusta Presença e carinhoso Aspecto, complacencia de que só os podião privar os longes e a falta de recursos, que não estão sempre ao dispôr da multidão: porque, Senhor, o Povo, que tem a honra de viver gostoso, sujeito ao Mando Paternal de Vossa Magestade Imperial, que se presa de ser um Povo são, fiel e leal, é talvez do Mundo actual o que mais ama, respeita, e idolatra o Soberano, que lhe outorgou a Providencia no excesso de sua beneficencia e inefaveis misericordias, preparando-o com tão preciosos dotes para regel-o. Sim, Amavel Pai dos Brasileiros, transportado de jubilo, e no enleio de tão doce motivo, em nome da classe e Aula de Grammatica Latina desta Cidade, de que sou indigno membro, de ordem do Professor que nos rege, eu venho submisso e respeitoso saudar a Vossa Magestade Imperial, a Sua Tão Digna Serenissima Consorte, a nossa sempre Amada e Querida Imperatriz, nossa terrissima Mãe de coração, Essa que é as delicias do seo Povo, e que, quanto em si é, não cessa de partilhar com Vossa Magestade Imperial o dom de fazer completa a nossa ventura, felicitando-vos ao mesmo tempo pela prospera jornada, e faustissima chegada de Vossas Magestades Imperiaes a este solo abençoado.

Eia pois, Senhor, por tão plausivel e salutar ensejo, permitta-me a conhecida modestia de Vossa Magestade Imperial no transporte do meo inexplicavel goso, protestando immorredôra adhesão, fidelidade e amor a Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial, á nossa inapreciavel Imperatriz, e á Sua tão Augusta, como Presada Familia, pedindo-lhe supplices e humildes a distincta honra de oscular sua Mão Beneficente, e a d'Ella, exclame em vivo transporte—

« Benedictus Qui venit in Nomine Domini. »

Queira Deos, Senhor, prolongar os aureos dias de Vossa Magestade Imperial de geração em geração, fazel-o um Salomão do meio dia na Sabedoria, um David na piedade, um outro Pedro, um Agostinho, um

Ambrosio, um Thomaz d'Aquino na Pureza da Fé, d'aquella Fé, de que Vossa Magestade Imperial se presa de ser Protector e perpetuo Defensor.

Viva Sua Magestado Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador do Brazil—Viva a Serenissima Imperatriz do Brazil a Senhora Dona Thereza—Vivão as Augustas Princezas Imperiaes.

*Antonio Alves Ramos Junior.*

N'esta mesma tarde S. M. visitou a repartição da direcção dos Estudos, a cargo do Sr. Dr. Guilherme Pereira Rebello. Mostrou desejo de ser informado minuciosamente sobre a instrucção publica da Provincia, notando a falta de um estabelecimento regular para a instrucção secundaria, cuja regularidade é nulla na Provincia. Ouviu com a maior attenção as respostas, que lhe forão dadas pelo Sr. Dr. Guilherme. Procurou saber do regulamento das aulas. Notou alguns artigos.

De feito, a instrucção publica, em Sergipe, é uma necessidade palpitante, que está por ser satisfeita. O atrazo d'este ramo do serviço publico n'esta Provincia é lamentavel. Convém chamar para esse ponto a attenção da Assembléa Provincial.

### VISITA DE S. M. AO CORREIO, E Á REPARTIÇÃO DAS TERRAS PUBLICAS.

Em sua estada no Aracaju visitou S. M. a repartição do Correio, bem como a das Terras Publicas.

Fez diversas perguntas ao Administrador do Correio. Notou que a receita d'esta repartição fosse inferior á sua despeza em uma proporção tão desmedida.

A repartição do Correio em Sergipe merece a attenção da administração publica.

Na occasião em que visitou a repartição das Terras Publicas, S. M. examinou os livros d'ella, e fez ao Sr. Dr. Delegado algumas perguntas. O Sr. Dr. F. Sábino Coelho de Sampaio respondeu a todas ellas com clareza e precisão, mostrando-se S. M. satisfeito do estado em que achou os livros d'este estabelecimento. A casa em que se acha a repartição é que é pequena.

### VISITA AO HOSPITAL

O Hospital, que se está construindo para os pobres, foi visitado por S. M. no dia 12 pela manhã. Não parecerão regulares aquellas divisões feitas. S. M. fez convenientes reflexões sobre as enfermarias, e ás regras hygienicas, que devem presidir á construcção dos hospitaes, mostrando-se pouco satisfeito de que aquella obra não pudesse ter outras proporções para os commodos dos enfermeiros, para a cosinha, para a rouparia, para o deposito de cadaveres, etc.: sem detrimento da commodidade dos doentes, que ahi se possam recolher.

### VISITA DE S. M. Á OBRA DA CADEIA DO ARACAJÚ.

Entre os novos edificios em construcção que serão visitados por S. M., figura a obra da Cadeia.

E' esta situada á margem do Rio. Tem todas as divisões e accomodações necessarias para os presos, para o Carcereiro e para a Guarda. O systema da construcção é de tal segurança que impede a fuga dos criminosos. Muito largas pedras de cantaria formão as soleiras. S. M. se mostrou satisfeito com a obra.

### VISITA DE S. M. ÁS REPARTIÇÕES DO EXERCITO.

No dia 13 de Janeiro, pelas 11 horas do dia, dignou-se S. M. o Imperador visitar a Repartição do Assistente do Ajudante General do Exercito, mostrando-se satisfeito pelo aceio em que a encontrou, e dirigindo-se ao interior da mesma, onde por ordem da Presidencia são depositados os objectos da Companhia Fixa e Enfermaria militar, indagou minuciosamente pela causa de ali se acharem taes objectos, o que foi promptamente satisfeito pelo Sr. Capitão Manuel Agostinho da Silva Moreira que se acha exercendo tal lugar, e retirou se S. M. para o Paço.

No dia seguinte, pelas 7 horas da manhã, pouco mais ou menos, honrou o mesmo Augusto Senhor com sua visita ao Quartel da Companhia Fixa, que apesar de

ser um barracão coberto de palha, todavia se achava no maior aceio possível, e da mesma forma as praças que a compoem, e dirigindo-se á Secretaria indagou com attenção e examinou os livros que achou em dia; e perguntando ao dito Sr. Capitão o motivo de não haver rancho, foi tal pergunta satisfeita pelo mesmo: visitou a Arrecadação, que achou no possível aceio, indagando pelos donos do armamento em reserva; mandou abrir um caixão de fardamento e examinou escrupulosamente, lançando mão de um capote e chegando á claridade para ver a qualidade do panno; mandou abrir o xadrez que achou pequeno e escuro, porém que tambem estava aceiado: nessa occasião lançarão-se á seus pés dous individuos destinados para o Exercito: ordenou que elles requeresses o que pretendião por intermedio do Capitão Assistente.

Sabindo d'ahi dirigiu-se á Enfermaria que estava com a decencia e limpeza necessaria, examinou-a toda e indagando qual a molestia que mais ali grassava, foi respondido pelo respectivo Dr. encarregado della, e retirou-se para o Paço.

### VISITA DE S. M. Á OBRA DA COMPANHIA DE REFINAÇÃO.

Entre os differentes edificios ainda em construcção no Aracaju, que forão visitados por S. M. o Imperador, avulta a obra da Companhia de Refinação.

Este edificio, que por ora se acha nos alicerces, tem de ser edificado pelo habil engenheiro civil Pedro Pereira de Andrade, contractado para esse fim pela Companhia.

S. M. percorreu toda a area destinada para a casa da refinação e para os outros misteres da companhia. Pediu ao engenheiro minuciosas informações, as quaes lhe forão logo ministradas satisfactoriamente. Esse edificio é de summa utilidade para a Provincia de Sergipe.

O assucar bruto não pode entrar em competencia com o que resultará dos processos de refinação que tem de ser empregados.

O maior preço do assucar é já por si um grande elemento para o adiantamento das riquezas da Provincia.

Deus queira proteger e reanimar a companhia, afim de que possa quanto antes gozar Sergipe do grande beneficio que lhe promette a casa de refinação.

### VISITA Á TYPOGRAPHIA PROVINCIAL.

Logo no primeiro dia de sua estada nesta Capital S. M. acompanhado de grande parte de sua comitiva, do Sr. Presidente da Provincia, Secretario do Governo e muitos outros Cidadãos, visitou a Typographia Provincial.

S. M. ao entrar no estabelecimento pediu a S. Ex. o Sr. Presidente informações a respeito desta Repartição, uma das mais importantes da Provincia, se tivesse sido elevada ao grau de augmento, a que a Imprensa tem direito em todo o Paiz civilizado. O Exm. Sr. Dr. Galvão ministrou todas essas informações, dizendo-lhe que no dia 6 de Dezembro encarregara a redacção do *Correio Sergipense* ao Dr. Luiz Alvares dos Santos, afim de que a nova phase porque passava a Provincia com a noticia da visita de S. M., e com a realisação desta feliz noticia, fosse convenientemente registrada pela Imprensa. S. M. o Imperador mostrou-se muito satisfeito com o que lhe dissera o Sr. Galvão.

Procurando S. M. saber do modo da Administração da Typographia Provincial ficou surprehendido de saber que até a entrada do actual Redactor os operarios dessa Repartição erão pagos com ordenados e gratificações como se fossem funcionarios publicos, constituindo assim um verdadeiro onus para os cofres provinciaes.

S. Ex. o Sr. Galvão disse que em razão das ideias apresentadas por um officio do novo Redactor, tinha já feito algumas alteraçoes a esse respeito, ás quaes daria maior desenvolvimento em seu Relatorio para

a abertura da Assembléa Provincial. Com isso mostrou-se satisfeito S. M. e disse-lhe que erão realmente necessarias algumas reformas ainda, como estava estabelecido na Typographia Nacional do Rio de Janeiro.

Depois S. M. visitou o prelo e examinou minuciosamente. Admirou-se de dizer-lhe o Administrador que aquelle prelo gasta 3 horas para tirar 250 exemplares cada dia, sahindo entretanto o Jornal 3 vezes por semana. Fez algumas perguntas ao Administrador, procurando até saber da idade de uma criança que lá estava trabalhando na composição da gazeta. Percorreu todo o estabelecimento, prestando attenção a todos os objectos.

A Typographia acha-se em uma casa terrea, constando de um vasto salão, em que está a sala do Administrador, do Amanuense e do Postilhão no mesmo pavimento que a sala da composição e a da tiragem da gazeta, com o prelo, e os respectivos utensis.

Todas essas divisões são separadas somente por uma grade de pau, d'altura de 4 palmos apenas.

Esta Repartição foi estabelecida por Lei Provincial. Não ha na Typographia a collecção completa do Periodico, o que é difficil de acreditar em um estabelecimento publico, sob a inspecção do Governo. Depende esta falta das Administrações da Typographia.

Até certo tempo era a gazeta publicada com esta epigraphe:

Sêde justos, se quereis ser livres.  
Sêde unidos, se quercis ser fortes.

*Washington.*

### A CANHOEIRA ITAJAHY.

A noticia faustosa de que SS. MM. II. estarião impreterivelmente no Aracaju no dia 11 de Janeiro foi

trazida da Bahia pela canhoneira a vapor *Itajahy*. E pois devemos fazer d'esta canhoneira menção especial.

A canhoneira a helice *Itajahy*, foi construida em Londres, no Arsenal de Mr. Pitcher e Comp., bem como outras tres, durante o Ministerio do Sr. Conselheiro Saraiva. Tem esta canhoneira 145 pés de comprimento entre as perpendiculares, de bocca 24 pés e 4 pollegadas e de pontal 8 pés e 8 pollegadas. Monta 2 rodizios de calibre 68 e 4 peças de calibre 32. As machinas são dos autores Penn e Son, Greenwhik. Essas machinas tem a força de 80 cavallos.

A officialidade d'esta canhoneira consta do Commandante o Sr. 1.º Tenente Ignacio Joaquim da Fonseca, immediato o 2.º Tenente José Severo Moreira Rios, Cirurgião o 2.º Tenente José Caetano da Costa (servia no impedimento do effectivo), Escrivão o Piloto.

A esta canhoneira deveu Sergipe o favor de receber a tempo a mobilia encommendada para o Paço. Esta mobilia que tinha sido comprada na Bahia, fôra embarcada no patacho *Cunha*. Este patacho, depois de 3 dias de viagem, arribara. Então o Sr. Presidente da Provincia da Bahia, sollicito em satisfazer aos louvaveis desejos do Sr. Presidente de Sergipe, que não poupava esforços para fazer a SS. MM. II. uma recepção satisfactoria, mandou partir para Sergipe a canhoneira *Itajahy*, levando todos aquelles objectos, que ião pelo *Cunha*.

Desde então esta Canhoneira fez a Sergipe grandes serviços. Ficando no porto do Aracaju, embellesandose, fez no dia 8 de Janeiro um exercicio de fogo para dentro do Rio Cotinguiba, na altura do chamado das *Pedras*. Depois desse exercicio houve a bordo um *lunch*.

Foi essa mesma Canhoneira que no dia 11 ao amanhecer sahiu á barra do Cotinguiba para descortinar a esquadriha imperial, e noticiar com suas salvas a feliz approximação dos Augustos Viajantes.

No dia 14 quando SS. MM. sahirão no *Pirajá* para Maroim, a *Itajahy*, depois de fazer as continencias do estylo, partiu para a Bahia em commissão do Sr. Ministro do Imperio, donde voltou no dia 18 trazendo a



seu bordo o Chefe de Estação e o Chefe de Saude. No dia 19 acompanhou o *Apa*, fazendo parte da esquadriha imperial até a retirada de SS. MM. da Cidade de Valença na Bahia para a Provincia do Espirito Santo, o que teve lugar no dia 24 de Janeiro, acompanhando a esquadriha até algumas milhas ao sul do Morro de S. Paulo. D'ahi voltou para o Morro, onde se demorou dous dias, voltando para a Bahia.

### BATALHÃO PATRIOTICO DE SENHORAS NA NOITE DE 12.

Com a presença de S. M. no Aracaju o enthusiasmo do povo vai crescendo a mais e a mais.

Nelle toma parte activa a porção mais bella da creação, a obra mais perfeita das mãos de Deus—o sexo das graças.

E' que o coração feminino é um thesouro de sentimentos: é o sacrario venerando do amor.

Existencias frageis, mas delicadas, e por tanto mais sensiveis, vivem porque sentem, e sentem mais vivamente.

Na tarde do dia 12, ás 5 horas, a Exm.<sup>a</sup> Sra. D. Clemencia, centro angelico e animador desses festejos, mandou convidar a todas as senhoras que se achavão na capital para formarem um batalhão que, á noite, fosse cumprimentar a SS. MM. II.

A palavra desta senhora, tão querida, tão estimada por todos que tem a felicidade de conhecê-la, é como um condão que faz milagres. De repente sua sala de recepção estava cheia de Senhoras, que se prestavão da melhor vontade a satisfazer este desejo da digna consorte do Sr. Presidente da Provincia.

D'ahi ha pouco o pensamento della estava realisado. A idéa era a acção. Estava resolvido o problema de formarem as Excellentissimas Senhoras um batalhão patriotico. Feliz idéa, que compendiava em um momento o grande pensamento de unir a delicadeza feminina com o aspecto varonil de um batalhão dos soldados mais encantadores que jamais se virão sobre a terra.

Às 10 horas a musica atravessou em frente do Batalhão das Senhoras. Erão uma harmonia encantadora aquellas notas marciaes se elevando no meio das vozes brandas e suaves das organizações mais delicadas, destes brados angelicos, que se ouvião como os sons maviosos da harpa colia.

O povo arrebatado, abria alas afim de deixar passar essa luzida phalange, que modestamente atravessou a praça de Palacio; e com os olhos dizia a multidão contente o prazer que sentia por aquella feliz idéa.

Chegarão em frente do Paço. O digno Instructor do gentil Batalhão deu suas vozes. Acompanhava-o, como commandante o Sr. Secretario do Governo. Postadas em linha em frente do Paço, derão-se os vivas do estylo.

SS. MM. não estavão na sala da recepção. As meninas cantarão o hymno. Quando o poeta ia começar a poesia, disse-lhe o Sr. Almirante Marques Lisboa que esperasse um pouco mais; pois SS. MM. desejavão vir ouvi-lo. Neste interim tocou a musica alguns pedaços. Pouco depois chegarão na janella central da sala da perola SS. MM. Então forão saudados com vivas entoados por todas as Senhoras. Nesta occasião o Dr. Luiz Alvares dos Santos, pedindo licença ás Senhoras para ter a honra de cumprir a commissão de que o tinham encarregado, recitou a seguinte poesia:

Eis, Monarcha, o ingenuo culto  
Dos anjos da creação.  
Ao teu magestoso vulto  
Vem render sua oblação.  
E á ti, e á tua Consorte  
Ellas, em meigo transporte  
Rendem hoje, desta sorte,  
Uma homenagem sem par.  
Eil-as! as flores mais bellas  
Deste jardim, tão singellas,  
Nestas filas parallelas  
Tambem souberão marchar.

Marcharão. Vê, Soberana,  
Como é grande o teu poder.  
Tu na terra Sergipana  
Só tal culto podes ter.

Sim, só tu, Anjo querido,  
Deste Batalhão luzido  
'Num sentir estremecido  
Ouves o brado de amor.  
Eis desta terra as bellas:  
Eis do universo as princesas:  
Prestão d'alma as singelesas  
Á Esposa do Imperador.

Acceita, pois, a homenagem,  
Tu, excelsa Imperatriz,  
É a traducção da linguagem  
Deste teu povo feliz.  
Tu, tão affavel, tão bôa,  
Tu que honras a corôa,  
De que a fama o mundo atrôa  
No mais pomposo pregão.  
Terna acolhe o nosso preito,  
Todo amor, todo respeito:  
Por tua alma seja acceito  
O culto do coração.

Este brado que desprendem  
Estas bellas aqui,  
A homenagem que ellas rendem,  
Anjo de paz, hoje á ti,  
Com tua alma se harmonisa:  
Transpõe as azas da brisa,  
E a saudade suavisa  
Dos dous Anginhos de lá—  
D'aquelles ternos penhores  
De tua alma: os dous favores  
Do Céu. Ameigar-te as dores  
Agora este culto vá.

Senhora! quanto é gloriosa  
Para mim esta missão!  
Desta phalange formosa  
Fallar pel-o coração!  
Eil-as. Seus olhos fallando  
Melhor do que eu, vão mostrando  
Seu sentir tão meigo e brando  
Em prol do throno gentil.  
Basta pois. Só haja um grito  
Que se perca no infinito  
« Ao nosso Monarcha invito,  
« E á Imperatriz do Brasil.

### CONGRATULAÇÕES Á S. M. O IMPERADOR.

SENHOR.—Como Brasileira que sou, não posso deixar de sentir a mais grata satisfação em me dirigir n'esta solemne occasião á Vossa Magestade Imperial felicitando cordialmente, e á sua Augusta Esposa nossa idolatrada Imperatriz, por sua feliz chegada a esta Provincia; manifestando igualmente a V. M. Imperial o jubilo de que me acho possuida por tão assignalado beneficio.

E' o tosco, mas sincero culto no meu respeito e adhesão as sagradas Pessoas de Vossas Magestades.— Aceitai-o pois Senhor; é o innocente sentir de um innocente coração. O Ceo proporcione a V. M. Imperial dilatados annos para gloria do povo que o admira; progresso e estabilidade do vasto Imperio da Santa Cruz.

*Leopoldina de Souza e Amaral.*

SENHOR.—Se a minha tenra idade e falta de instrucção que agora começo adquirir n'Aula do venerando ancião que a rege, digno de estima por suas bellas qualidades e talentos naturaes, me imporião silencio; a Feliz vinda de Vossa Magestade Imperial á ditosa Provincia do meu nascimento, e principalmente a Imperial visita com que Vossa Magestade se Digna honrar esta casa onde ha poucos dias sou alumno, me fazem disprender a voz animando-me a vir á Respeitosa Presença de Vossa Magestade Imperial exprimir meu contentamento felicitando de Coração a Vossa Magestade Imperial, a Soberana Imperatriz Candida Mãi do Brasil, e aos Principes meus Senhores Preciosos Fructos do Imperial Consorcio, a Quem com paz Deos conserve por seculos infinitos.

Rogo-vos Imperial Senhor, que aceiteis o cordial affecto do meu Coração pequenino, e já todo Brasileiro, todo amante do meu adorado Monarcha, e de toda Prole Imperial; e dos Degraos do Excelso Throno, com vistas de Imperial Clemencia lembrai-vos não só deste vosso pequeno e fiel subdito que deseja instrucção para gloria de Deos, e honra Vossa, co-

mo dos meus dignos Collegas, e do mui querido Professor que nos rege.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.

*Tito Gomes de Araujo Pinto Guimarães.*

SENHOR.—A Augusta visita, que V. M. Imperial se digna de fazer á esta Aula, é para mim motivo da maior satisfação e das mais lisongeiras esperanças para a instrucção publica elementar d'esta Capital.

Congratulando d'est'arte por tão feliz momento, Permitti, Senhor, que eu e meus alumnos vos beijemos a Mão, que Vos dirigamos cordiaes felicitações, unica mas sincera prova do nosso respeito e verdadeiro amor, que tributamos á V. M. Imperial.

O Todo Poderoso sempre conserve inalteravel a preciosa saude de V. M. Imperial; á par de vossa Virtuosa Esposa, Nossa Adorada Soberana e da Familia Imperial.

*Ignacio de Souza Valadão.*

SEEHOR.—Os Empregados da Thesouraria de Fazenda da Provincia de Sergipe, possuidos do mais profundo respeito e acatamento vem beijar a Augusta Mão de Vossa Magestade Imperial—do Magnanimo, Sabio e Justiceiro Monarcha, que por Graça de Deus dirige os destinos deste vasto e rico Imperio, o qual vai tomando nome na Historia, sendo o alvo das admirações, se não da inveja de todos os Estrangeiros pela lealdade que Vossa Magestade Imperial encontra em todos os seus subditos. Os Empregados da Thesouraria de Fazenda, Senhor, agradecendo á V. M. Imperial um outro Regenerador, que, pondo termo aos males do Povo, fará sobre elle correr um manancial de bens inexgotáveis.—Do fundo de seus corações fazem votos ao Todo Poderoso pela conservação da preciosa vida de Vossa Magestade Imperial, de Sua Magestade a Imperatriz, e de toda a Augusta Dynastia, sagrados penhores de uma paz duradoura e futura prosperidade da terra dos Brasileiros.—*Joaquim José da Silva Castro.*—*Thomé Arvellos Espinola.*—*João Baptista da Silva.*—*Henrique Pereira Rocha.*—*Eliziario Prudencio da Lapa*

*Pinto.*—*Martinho José de Oliveira.*—*José Joaquim Moreira.*—*Gratuliano Vieira de Mello Coelho.*—*Manuel Antonino de Carvalho Aranha.*—*Cícero Brasileiro de Mello.*—*Florencio de Araujo.*

SENHOR.—A Camara Municipal da Villa de Santo Amaro das Brotas aqui nos envia em Commissão para depormos com todo respeito e acatamento ante a Presença Augusta de V. M. I. o mais sincero e espontaneo tributo de seu respeito, gratidão e regosijo pela feliz chegada de V. M. Imperial e de S. M. a Imperatriz a esta Provincia, a quem se dignarão de honrar com sua visita.

Com effeito, Senhor, é digno de todo o affecto, devoção e reconhecimento aquelle Principe, que como V. M. Imperial, ama tão ternamente a seus subditos, a ponto de procurar conhecer por si mesmo as suas mais palpitantes necessidades e para applicar os mais efficazes remedios.

Digne-se pois V. M. I., de aceitar as felicitações, que em nome da Camara lhe dirigimos, e á sua Virtuosa Consorte, nossa muito venerada Imperatriz por sua prospera chegada á Capital nascente desta Provincia, e receber os protestos do nosso intimo agradecimento pela honrosa visita que acaba de fazer-nos, acolbendo outro-sim os votos, que fazemos ao Todo Poderoso para que prospere e dilate a preciosa vida de V. M. Imperial, de Sua Inclita Esposa e de sua illustre Dynastia, como havemos mister todos os Brasileiros.—*Antonio Diniz de Siqueira e Mello.*—O Vigrio, *Manuel Ribeiro Pontes.*—O Conego, *Estacio Muniz Barretto.*—O Conego, *Gonçalo Vieira de Mello.*—*Raymundo de Valois Galvão.*

SENHOR.—A Camara Municipal do Curral das Pedras, como fiel interprete dos justos e cordiaes sentimentos do mais profundo respeito, amor e veneração dos seus Municipales ás Augustas Pessoas de V. M. I., e de S. M. a Imperatriz, nos enviou em Commissão especial para patentear a V. M. I., e a S. M. a Imperatriz o contentamento, que transborda em seu coração por terem, pela segunda vez, recebido do

Altissimo a infinita Graça de verem nesta Provincia sãos e salvos a VV. MM. II. no regresso da viagem, que, por bem do Paiz e felicidade de seus subditos se Dignarão fazer VV. MM. ao Norte do Imperio.— Senhor e Senhora! A visita, que VV. MM. II. acabão de fazer a esta Provincia produzio necessariamente para os fieis subditos de VV. MM. II. um fim duplice: o illustrado orgulho, que obtiverão pela distincta honra de conhecer pessoalmente o seu Sabio, e Magnanimo Monarcha, e sua Virtuosa e Idolatrada Imperataiz, é a esperança robusta, incalculavel felicidade para a Provincia, e para todos!— Senhor e Senhora! A Commissão, em nome da Camara, que representa, faz ardentes votos ao Todo Poderoso para que VV. MM. II. sejam restituídos á Capital do Imperio, no gozo da mais perfeita saude e tranquillidade de espirito, encontrando alli vigorosas as Augustas Princezas, penhor seguro de nossa felicidade futura!— Senhor e Senhora! A Commissão em nome da Camara, que representa, faz ardentes votos ao Todo Poderoso para que conceda a VV. MM. II. e ás nossas Augustas Princezas, dilatados e venturosos annos para felicidade dos povos, que tem a fortuna de possuir os Monarchas, que fazem seu justo orgulho perante o Mundo civilisado!— Senhor e Senhora! A Commissão conservará para sempre em sua memoria, como um dia da mais transcendente felicidade, o dia 12 de Janeiro de 1860, em que cumprindo tão honroso mandato, tem a fortuna de beijar as Mãos de VV. MM. II.

Cidade do Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*Gonçalo Vieira de Carvalho Mello—José Matheus da Graça Leite.—Hugolino Ayres de Freitas e Albuquerque.*

SENHOR.—A Camara Municipal de Villa-Nova, como legitimo interprete dos sentimentos dos seus Municipales, nos encarrega de manifestar a sua profunda gratidão, pela visita com que V. M. I. e S. M. a Imperatriz se servem de honrar esta Provincia

A Camara Municipal de Villa-Nova, não podia deixar d'echoar os brados de patriotico enthusiasmo,

que se soltão de uma a outra extremidade da Provincia, pela complacencia com que V. M. I. Dignou-se de outhorgar aos Sergipanos tão subida honra.

Queira V. M. I. Dignar-se de acolher os votos da sincera veneração dos habitantes do Municipio de Villa-Nova ás Augustas Pessoas de V. M. I., de V. M. a Imperatriz, e das Serenissimas Princezas.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*João Baptista Monteiro.*—*José de Barros Pimentel.*—*Dr. Guilherme Pereira Rebello.*—O Conego, *Antonio José de Mello.*—*Hugolino Ayres de Freitas e Albuquerque.*

SENHOR.—A Camara Municipal da Villa da Capella, desta Provincia, possuida dos mais patrioticos sentimentos, aquilatando devidamente os relevantes serviços, prestados por V. M. I. ao Brazil, nos envia em Commissão á depositar aos pés do Throno de V. M. I. as mais sinceras homenagens, jurando, outro-sim, eterno reconhecimento, e a mais subida dedicação a V. M. I. e a Augusta Dynastia.

Senhor, Digne-se V. M. Imperial aceitar esta exigua, porém sincera prova, da fidelidade d'um povo, que, respirando livremente á sombra da frondosa arvore da Constituição, dirige aos Céos as mais fervorosas supplicas pela conservação dos preciosos dias de V. M. I., da Virtuosa Imperatriz e de toda Familia Imperial.

Cidade do Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*Padre Francisco José da Silva Porto.*—*Dr. Galdino de Carvalho e Andrade.*—*Antonio Nobre de Almeida e Castro.*

SENHOR.—A Camara Municipal da Villa de Itabaiana, vem pressurosa aos pés do Throno render os mais sinceros votos de respeito e gratidão á Vossa Magestade Imperial.—Exultai, Sergipenses, por terdes em vossas plagas honrando-vos com sua visita, e entre vossos muros, o inclito Monarcha Brasileiro; por quem devemos render graças ao Supremo Arbitro do Mundo pela sua prospera viagem, e de Sua Magestade a Imperatriz.—Patricio e amigo dedicado ao engrandecimento do solo, em que vio a primeira luz, Pro-



tector dos desvalidos, amante da orfandade, sollicito e incansavel na Administração da justiça.

Senhor, a Camara Municipal da Villa de Itabaiana não pode deixar de ufanar-se pela distincta honra que lhe resulta de se encaminhar presentemente em seu nome e de seus Municipales, pela Preciosa vida de Vossa Magestade Imperial e sua Augusta Dynastia. Itabaiana 9 de Janeiro de 1860.—*João Manoel Lopes de Carvalho Pimentel.*—*Manoel Raymundo Telles de Menezes.*—*Antonio Carneiro de Menezes.*—*Tertuliano de Mesquita.*—*João Antonio de Moraes.*

SENHOR.—A Municipalidade da Villa de Divina Pastora, não podia ser indifferente á subida honra que o inclito Monarcha dos Brasileiros lhe confere, resolvendo visitar esta Provincia e para apresentar ante o Throno Augusto de V. M. I. seus mais ardentes e vivos sentimentos de adhesão e profundo respeito, nos commetto esta honrosa missão.

Senhor, não encontraríamos linguagem capaz de traduzir os sentimentos de dedicação e homenagem que vos denotão os Divinos Pastorenses e de graças que fervorosos rendem ao Arbitro Supremo do Mundo pela prospera viagem V. M. I. e de Nossa Idolatrada e Virtuosa Imperatriz: limitamo-nos a assegurar a V. M. I. que a Camara de quem somos orgãos, neste momento, de tamanha solemnidade se compenetra profundamente desta grande verdade—que somente á sombra das instituições juradas e do Governo Paternal de V. M. I. poderá este vasto Imperio attingir ao maior grão de civilisação que lh'está destinado pela Providencia.

Dignar-se-ha V. M. I. de acolher com bondade nossos testemunhos do mais elevado preito e homenagem á V. M. I., á S. M. a Imperatriz e ás Serenissimas Princezas, concedendo-nos a muito especial graça de beijarmos as Augustas mãos de VV. MM. II.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*Salustiano Orlando d'Araujo Costa.*—*José Matheos Leite Sampaio.*—*Simião Telles de Menezes.*—*José Corrêa Dantas Cesar.*—*Antonio Coelho Barretto Junior.*

SENHOR!—O Vigario Geral d'esta Provincia, como orgão fiel do clero da mesma, cheio do maior prazer vem hoje beijar a Mão Augusta de V. M. Imperial, e de Sua Magestade Nossa Imperatriz, pela Feliz chegada de Vossas Magestades Imperiaes á esta Provincia. Permittiu a Providencia, Imperial Senhor, que tivessesmos tambem a distincta honra de ser visitados por Vossas Magestades Imperiaes. Esta Visita, Imperial Senhor, será um escudo inabalavel, que fortificando nossos corações confirmará os protestos de respeito, consideração e fidelidade ás Sagradas Pessoas de Vossas Magestades Imperiaes, de Suas Altezas Imperiaes, á favor dos quaes fazemos votos á Divina Providencia pela conservação de Suas Preciosas Vidas, como penhores Sagrados da Monarchia Brasileira.

*Ignacio Antonio da Costa Lobo.*

SENHOR!—Possuido unicamente do mais vivo entusiasmo pela certeza da geral estima e do mais profundo respeito que V. M. I. tem sabido inspirar á todos os habitantes do Norte do Imperio, eu faltaria ao meu maior e mais sagrado dever se não viesse hoje offerecer á V. M. I. e á S. M. a Imperatriz minhas cordiaes e sinceras felicitações pela tão honrosa visita de VV. MM. II. á esta Provincia de Sergipe, d'onde sou filho e por mercê de Deus me tenho sempre conservado como um subdito fiel da Soberana Monarchia. Na qualidade, pois, Senhor, de Parocho Collado da Freguezia de Senhora Sant'Anna da Villa de Simão Dias, e de Vigario Geral da Comarca Ecclesiastica do Bom Conselho, deste Arcebispado da Bahia, venho por mim, por meu rebanho e por todos os meus Comarcãos manifestar a V. M. I. nossa pequenina homenagem e muito grande adhesão ás Augustas Pessoas de V. M. I. e de Nossa Virtuosa Imperatriz. É esta, Senhor, a importante missão, de que me encarreguei cumprir, e muito feliz serei se por ventura fôr ella do Paternal agrado de V. M. I.

Aos Céos, por tanto, faço meus fracos votos não só pela conservação de tão preciosas vidas, como tambem pela perpetuidade da Dynastia Brasileira. para felicidade minha e de todos os habitantes do vasto Imperio

do Cruzeiro. E a V. M. I. peço finalmente as Sagradas Mãos para beijal-as com aquelle acatamento, fidelidade e amor que por direito pertencem ao Chefe da Nação.

Aracaju 12 de Janeiro de 1860.—*Antonio da Costa Andrade*, Vigario Geral e Parochial.

SENHOR!—Aquelle a quem uma Nação entregou a chave de sua Soberania, e que, como Vós, recebeu a unção de seu amor e dedicação, tem o incontestavel direito á homenagem do respeito e lealdade de todos os seus subditos.

Assim, a Camara do Lagarto, em nome de seus municipes, importante parte da população d'esta Estrella do Cruzeiro, fiel ao voto de respeito e obediencia, aqui nos manda felicitar á Vossa Magestade Imperial e á Sua Magestade a Imperatriz pela prospera viagem que se dignarão fazer ás plagas Sergipanas.

Senhor! A Camara do Lagarto entende que a honrosa visita de Vossa Magestade Imperial a esta Provincia é o seu oraculo de felicidade, e, na grandeza de seu reconhecimento, Vos assegura que a graça que vem de receber será mais um élo na cadeia da immensa adhesão que consagraão ao Monarcha Brasileiro.

Senhor! A Camara do Lagarto acredita que é feliz o Paiz que vive á sombra de Instituições livres e protectoras como as nossas, tendo a gloria de possuir como o mais bello ornamento de sua forma politica de Governo um Principe amigo do Povo e illustrado como vós, e por isso faz fervorosas supplicas á Providencia pela conservação de Vossos preciosos dias, pela perpetuidade de Vossa Dynastia, como seguro penhor da integridade do Imperio, e fonte perenne da felicidade Brasileira.

A Commissão que tem a honra de estar em Vossa Presença, fazendo-se ouvir pelo humilde orgão que vos falla, espera indulgencia se por ventura não cumpriu o mandato da Camara que representa em termos assás dignos de Vós, e pede a graça de beijar as Augustas Mãos de Vossa Magestade Imperial e de Sua Magestade a Imperatriz, como a demonstração solemne do alto apreço que dá a Bondade Paternal com

que Vossa Magestade Imperial acolhe ao Povo Brasileiro.

Aracaju 12 de Janeiro de 1860.—*Francisco Joaquim da Silva.*—*Manuel da Silva Rego.*—*Norberto José Diniz Villas-boas.*

SENHOR.—Ao som dos hymnos e dos canticos com que tem sido saudados Vossa Magestade Imperial e Sua Magestade a Imperatriz, encarregou-nos commovida a Camara Municipal de Itaporanga de juntar a expressão de seu respeitoso jubilio pela visita de Vossa Magestade Imperial á esta Provincia.

No entusiasmo e effusão que por toda parte trasbordão em derredor de V. M. Imperial, a Camara Municipal de Itaporanga se desvanece de encherger a mais intima alliança entre o povo e o primeiro Representante da Nação.

E', Senhor, que ao passo que Vossa Magestade tem comprehendido que não póde ser Monarcha venturoso sem a felicidade da Nação, o povo do Brazil se acha com razão compenetrado de que sem Vossa Magestade Imperial a Nação não póde ser venturosa.

São estes, Senhor, os sentimentos d'aquella Camara e seus Municipales.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*José de Barros Pimentel.*—*Vigario José Evangelista de Campos.*—*Domingos Dias Coelho e Mello Junior.*

SENHOR.—Os Vice-Consules estrangeiros residentes no Aracajú tem a subida honra de felicitar á Vossas Magestades Imperiaes pela sua feliz chegada nesta Capital.

Os seus corações expandem-se de jubilo por tão fausto acontecimento, e acompanhão os Vice-Consules aos habitantes desta Provincia nas preces que dirigem ao Senhor Supremo por lhes ter concedido tamanha graça, na qual vêem um signal percursor de immensos bens para esta parte do grandioso Imperio da Santa Cruz.

Os Vice-Consules, por parte dos subditos de suas respectivas Nações, residentes nesta Provincia, agradecem muito reconhecidos á Vossa Magestade Imperial

a protecção que tem recebido dos Delegados de Vossa Magestade, ao abrigo da qual elles continuão a cooperar tanto quanto em suas forças cabe para o engrandecimento deste hospitaleiro Paiz; e contão que assim como tudo se fortificará com a Augusta presença de Vossas Magestades Imperiaes, assim tambem as suas garantias sociaes serão protegidas no futuro por modo á fazer com que incessantemente dirijão votos ao Céu pela conservação da preciosa vida de tão Magnanimo Monarcha.

Os Vice-Consules particularmente dirigem fervorosos votos ao Altissimo para que continue a proteger os dias da Augusta Familia Imperial para felicidade e gloria da Nação Brasileira.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*José Narboni*, Vice-Consul da França, e Uruguay.—*Horacio Urpia*, Vice-Consul de Portugal.

SENHOR.—Feliz o Soberano cujo Throno é sustentado pelo amor de seu povo, e ainda mais feliz o povo, que caminha á prosperidade, sendo guiado por um Soberano grande na Politica, vasto nas Scienias, e ardente na Religião do Homem Deus.—A antiga viagem do Sul, a presente viagem do Norte—, aquelles, e estes corações, revelados pelos applausos expontaneos e geral contentamento manifestão que—Vossa Magestade Imperial é o Soberano feliz.—Estas mesmas viagens, este serio estudo ás necessidades dos diversos lugares, esta attenção continuada á todas as queixas e pedidos até mesmo d'aquelles que occupão a mais triste classe da Sociedade, este acurado exame dos diversos ramos de administração publica, esta caridade applicada ora ao velho que derramou seu sangue pela nossa Independencia, ora ás orphãs que não conhecerão outros paes, e outr'ora aos que vivem das esmolas de cada dia, esta fé manifestada pelo respeito aos principios da Santa Religião e pelo auxilio aos Templos de Deus, e mais ainda esta *politica de fraternidade*, que tem feito esquecer o passado e muito esperar do futuro.—Tudo isto, Senhor, demonstra ainda mais que este povo feliz, é o povo do Brazil,—Pesada, sem duvida, e até algumas vezes triste é a missão de um Principe so-

bre a terra; mas deve anima-lo esta alegria e felicidade do povo, que outra cousa não é senão a revelada promessa do premio que Deus guarda lá na Eternidade.— Para maior fortuna do Brazil é a Augusta Companheira de Vossa Magestade Imperial, Mulher typo em virtude, Mãi desvelada, que quasi sempre esquece os filhos das entranhas por aquelles que lhe dá a Sociedade, espalhando á estes o que deveria guardar para aquelles.

Nós pela Camara do Rozario do Catête e esta pelos seus habitantes, lançando estas palayras não damos echo sómente ao que se passa no Paiz, mas tambem patenteamos nossos proprios sentimentos.—E por taes sentimentos nos felicitamos, e á Vossa Magestade Imperial agradecemos a graça de visitar a nossa Provincia, visita que nos servirá de epocha gloriosa para legarmos aos nossos filhos.

Ouçã o Todo Poderoso os votos que sem cessar levantamos ao Céu.—Conceda delongados annos ao Monarcha que faz seu povo feliz, á Sua Augusta Esposa, Mãi de Caridade e amor, e faça das Augustas Filhas outra Izabel de Portugal e outra Leopoldina d'Austria.

Aracajú 12 de Janeiro de 1860.—*Leandro Bezerra Monteiro.*—*Gonçalo Vieira Telles de Menezes.*—*Raymundo Telles Barretto.*—*O Vigario Francisco Vieira de Mello.*—*Francisco Raymundo Telles de Menezes.*

SENHOR.—O affan e enthusiasmo com que o povo do Municipio de Propriá á 16 de Outubro do anno passado correu á prostrar-se ante Vossa Magestade Imperial para beijar-lhe a augusta dextra, erão bem sinceros! A Camara daquelle Municipio por parte de todos os seus habitantes constituindo-nos interpretes de seus sentimentos, ainda esta vez tem a honra de felicitar a Vossa Magestade, e exprimir seu regosijo pela chegada de Vossa Magestade á esta Capital. E quando o mundo illustrado proclama a Vossa Magestade um dos mais sabios Monarchas deste grande Seculo, e Vossa Magestade, o Tito Brasileiro, faz as delicias do povo, sobre o qual impera, esta acção da Camara, Senhor, bem longe de se poder confundir com uma formula da etiqueta, é ainda o écho do enthusiasmo d'aquelle dia, e o transumpto do que pode

haver de mais leal e extremo no preito de subditos á seu Soberano. A Camara, Senhor, procura tambem indemnizar-se do pezar de não ter podido contemplar á par de Vossa Magestade Sua Augusta Consorte, nossa mui cara Imperatriz, enviando-nos agora com especiaes poderes para ao mesmo tempo lhe render aquella pura e affectuosa homenagem, a que a virtude, ainda no extremo opposto ao Throno, quanto mais n'elle! tem incontestavel direito. Senhora, a Camara Municipal de Propriá, reverenciando até a adoração a Vossa Magestade, e observando o Todo Poderoso pela conservação e bem-estar de Vossa Magestade, offerece por penhor da cordialidade de seus votos a lembrança que ousa esperar que Sua Magestade o Imperador terá guardado de sua estada naquella Villa.—*Hugolino Ayres de Freitas e Albuquerque.*—*Gonçalo Vieira de Carvalho e Mello.*—*Antonio José Pereira Guimarães.*

### VISITA Á BARRA DOS COQUEIROS.

As 4 horas da tarde do dia 13 de Janeiro o rio Cotinguiba apresentava um espectáculo bellissimo. Os tres vapores *Apa*, *Itajahy* e *Pirajá*, que estavam no ancoradouro defronte do Aracajú baloiçavão-se altaneiros sobre as aguas que crescião magestosamente. Os topos deixavão peneirar-se nas azas da brisa o pavilhão nacional, onde reflectião os raios dardentes do sol pomposo dos tropicos. Toda a margem do rio do lado do Aracajú estava coalhada de escaletes e canôas que se enchião de pessoas, desejando pressurosas acompanhar a SS. MM. na visita á barra dos Coqueiros.

E' a barra dos Coqueiros o lugar talvez mais bello de toda a Provincia de Sergipe. Situada á margem do norte do rio Cotinguiba, defronte do Aracajú, é uma planicie vastissima coberta de uma floresta immensa de Coqueiros que sacodem, orgulhosos, nos ares suas plumas lusentes. A fileira da frente dependura-se da superficie da terra espalhando-se nas aguas do rio em

uma grande extensão da costa. Prolongão-se depois para dentro da terra por um espaço ainda maior, duplo, triplo talvez da extensão em que se perdem na margem do rio.

Era um panorama encantador. O rio a crescer a mais e a mais. As bandeiras e os galhardetes a tremularem espanejando nos ares ao sopro da brisa da tarde. A população correndo appressada e prasenteira para as duas margens do rio.

As 5 horas da tarde SS. MM. embarcarão. Retroarão os foguetes. O hymno nacional derramou no ether suas harmonias embriagadoras. Das embarcações subião aos ares foguetes em uma successão estrondosa. A marinagem subiu ás vergas para fazer a saudação á passagem do Imperador.

Pouco depois a galeota Imperial abicava na ponte expressamente construida para o desembarque do Imperador na barra dos Coqueiros, pelos Srs. Inspectores da Alfandega e da Thesouraria da Fazenda. A ponte está feita de madeira rija, pintada de vermelho escuro. É larga e espaçosa. Está ornada em toda sua extensão com arcos magestosos tecidos de folhas verdes, com festões de flôres atadas com fita amarella. Desembarcarão SS. MM. II. no meio de estrepitosas saudações populares.

S. M. o Imperador traja o uniforme de almirante. S. M. a Imperatriz traja vestido de seda verde morte-côr, mantelete de renda finissima bordado, e chapelinha branca.

Uma multidão de pessoas, á frente das quaes estavam os Srs. Inspectores d'Alfandega e da Thesouraria da Fazenda formavão alas pelas margens da ponte. Alguns moços vestidos de branco, com fitas verdes a tiracollo bordavão os lados da escada. Quando SS. MM. puzerão os pés na ponte reboarão os vivas: subirão aos ares os foguetes: retumbarão as florestas com as notas harmoniosas da musica do *Apa*, que tinha desembarcado para aquella margem do rio afim de saudar SS. MM. na sua ida áquelles lugares amenos e pitorescos.

Logo depois um dos jovens vestidos de branco, o Sr. Elysario da Lapa Pinto, recitou a seguinte allocução:



« SENHOR.—Os habitantes do povoado da Barra dos Coqueiros do Aracajú, venturosos como todos os Sergipanos que tem a dita de ver-vos em seu seio, e transportados pelo enlevo da gloria do Vosso Nome, vem por sua vez depôr ás Augustas Plantas de Vossa Magestade Imperial e de Sua Magestade a Imperatriz os seus mais sinceros e espontaneos votos de profundo respeito, amor e adhesão.

O sentimento sublime e puro que inspiraes á todos aquelles que uma vez vos virão, sentimento que gera a veneração que vos consagrão e que toca ao fanatismo, tambem veio hoje tomar lugar em seus corações; e eil-os que rendem graças ao Supremo Creador do Universo por haver confiado seus destinos ao melhor e mais Magnanimo dos Monarchas, e á Vós pela inestimavel Graça que lhes outorgaes.

Protestar-vos a sua dedicação sem limites, o seu amor e fidelidade seria duvidar da asserção para elles tão honrosa á que tem avançado tantos estrangeiros, ou alardear dos sentimentos innatos em su'alma principal panegyrico dos corações brasileiros. Elles, Senhor, jamais se esquecerão de Vosso Augusto Avô, primeiro Soberano que pizou terras do Brazil, como jamais se esquecerão do Filho d' Aquelle que nas margens do Ipyranga firmou a Santa Liberdade do Paiz, ganhando assim o affecto de todos os seus vassallos.

Aqui, nestas Costas desabridas, longe por assim dizer do turbilhão da vida e do mundo, não encontrareis mais que a rustica e innocente simplicidade da natureza, tão rude e tão selvagem como nos felizes tempos das Tribus Americanas; mas em compensação encontrareis subditos verdadeiramente Sergipanos, verdadeiramente Brasileiros.

Concedei-lhes pois a honra de beijar Vossa Augusta Mão, e nesse beijo recebei, se não suas vidas, porque estas pertencem á Patria, ao menos seus corações sinceros e gratos pelo que vos devem, pelo que vos deve a Nação inteira. »

A população que se tinha estendido ao longo da praia para assistir ao desembarque foi-se concentrando para formar o prestito. Todas as Senhoras,

que tinham passado do Aracajú, reunindo-se, davão ao prestito uma grande belleza naquella formosa estrada, assim honrada pela primeira vez, theatro de uma scena rica de encanto.

Toda a Officialidade do *Apa*, do *Itajahy* e do *Pirajá*, acompanhando SS. MM. II., constituia um bello panorama naquella floresta verdeneira. O brilho dos caixos, e das franjas de ouro das dragonas; scintillando aos raios do sol, produzia um que indissolvel, contrastando com o verde dos arbustos que bordavão á alameda. Era como uma myriade de estrellas refulgindo em um Céu azul-sereno. Ou antes era a copia fiel do auriverde pendão nacional, a que estão ligadas as mais gloriosas reminiscencias da Nação Brasileira, recebendo naquella occasião a homenagem do sol, que com seus tremulos raios mandava-lhes doces beijos de amor e de encantamento.

A musica do *Apa* derramava naquellas margens os sons mais harmoniosos, fazendo estremecer pela primeira vez aquellas franças das arvores, que tremião, peneirando-se suavemente nas asas da brisa.

A estrada aberta no meio da floresta dos coqueiros tinha de largura cinco braças, e de comprido 300 jardas. Era bellissima alameda, feita entre estas palmeiras magestosas da America, que sacudião aos ares seus penachos luzentes, como as alas de um exercito que se abrião para deixar passar o prestito, que ia alegre e entusiasmado saudando com vivas estrepitosos ao Imperador e a Imperatriz.

No fim da alameda divisava-se de longe como que um lago de esmeralda, onde as ondas reflectião os raios tremulos do sol.

Era o palanque levantado ahi, todo forrado de verde: representava por uma feliz illusão da optica um lago de esmeralda. Elevado sobre a altura de duas braças o pavimento inferior do palanque estava alcatifado de um tapete formado de palhas de coqueiros. Uma escada larga acha-se tapeçada do mesmo tapete natural.

Doze columnas, elevão-se deste pavimento, e todas entretecidas de folhas do pau de arco, com suas flôres amarellas, contendo annanaes silvestres, que surgem

do seio das folhas como feixes de rubins, emulando o carmesim de seus involucros com a purpura luzente dos cardos, que se dependurão no meio de espinhos, de seus pedunculos formosos: essas doze columnas sustentão o tecto do palanque que é tambem verde entretecido de flôres.

No alto do tecto, no meio do frontespicio está desenhada a corôa Imperial: nos dous capiteis das columnas externas da frente estão as effigies do Commercio e da Industria. Este frontespicio representa assim a epocha em que o Brazil recebendo o influxo da civilisação, gosou dos fôros de um commercio seu, por favor do Sr. D. João VI que deixando Portugal veio residir nesta bella porção da America meridional.

Do lado opposto eleva-se no meio a effigie de um Indio, altaneiro e magestoso, sacudindo nos ares as plumas esbeltas de seu formoso kanitar. Tem a tiracollo sua aljava, contendo milhares de settas, com que está ligada a ideia da valentia selvagem destes habitantes primitivos das florestas do Brazil. Descança do lado esquerdo sobre o seu arco afrouxado, como disposto a lançar mão d'elle na primeira occasião que se lhe offereça. Na mão direita está uma setta afiada prompta a servir aos mysteriosos instinctos do guerreiro americano.

O semblante do indio n'aquella attitude bellica, tão commum aos habitantes d'essas mattas verdem-egras, onde a mão de Deus parece ter escripto poemas sagrados de valor em paginas luzentes de liberdade, o semblante do indio parece traduzir aquelle axioma dos governos independentes—*Si vis pacem, para bellum.*

Nas columnas extremas d'esse lado estão as effigies da liberdade e da monarchia.

Um distico lê-se na cornija do palanque, e este é—  
Tributo das selvas ao Imperador.

Ao subirem SS. MM. ao palanque, romperão vivas estrondosos, que reboarão nos seios das florestas desertas, que responderão com o seu echo temeroso.

Em um instante o palanque ficou cheio de todos os cavalheiros e das senhoras, que acompanhavão SS. MM. A muzica rompeu.

Os animaes que estavam espalhados em um recinto adjacente saltavão nos laços que os continhão. De repente das cabanas armadas no recinto que rodeava a parte posterior do palanque, representando as tabas dos selvagens, surgem como que espantados muitos homens vestidos de cabocolos. Então o Sr. Elyziario Prudencio da Lapa Pinto recitou a poesia, que publicamos aqui, a qual em harmonia com o encanto d'aquella scena, produziu nos espectadores muita impressão:

Eis alli, vê, vê, Senhor,  
Os filhos da liberdade  
Ao rude som do tambor  
Dançando á sua vontade;  
Não lhes pergunte quem são,  
Que não te responderão  
Senão com seus *cachechês*;  
Não carecem que lhes Falles—  
Elles sabem quanto Vales,  
Elles sabem quem Tu És.—

Nascêrão na mata virgem  
Lá onde não vae ninguem  
Ignorão sua origem,  
Ignorão d'onde vem:  
Não sabem o que é mentira,  
Nem d'elles em redor gira  
A pomposa adulação;  
Não tem—não conhecem rei,  
Só pôde ditar-lhes lei  
A voz do seu coração.

Não querem ser nobres—não—  
Porque lá não ha nobreza;  
Os foros de cortezão  
Não valem sua riqueza.  
—Correr no mato cerrado  
Perseguindo algum viado  
Debaixo d'um sol ardente;  
Tocar no rude emboral  
Bem conhecido signal  
Do cão que rasteja em frente:

Depois voltando cançado  
Com tatù ou capivara,  
Se por acaso o viado  
Mais ligeiro lhe escapara,  
Ir sentar-se á pobre meza  
E o fim da arriscada empreza  
Contar a mulher—ao filho;  
Ou antes de entrar na choça  
Torcer, e chegando á roça  
Cortar o pendão do milho:

Vêr da lua a face bella  
Mirar-se n'alva corrente,  
Solettrar em cada estrella  
A sina de cada um ente;  
Ver passar a branda aragem  
Susurrando entre a folhagem  
Do cedro ou da sicupira;  
Ouvir o carajúa  
O canario, o sabiá  
Apenas o dia abrira:

Resvalar por sobre as agoas  
Na pôpa d' uma piroga,  
Cantarolar breves magoas  
Ao pausado som da voga;  
Ver nadando as piassocas,  
Marrecas, patos, gaivotas,  
Como nós vemos por cá;  
É melhor qu'essas grandezas,  
Qu'essas sonhadas nobrezas,  
Que a natureza não dá.—

Tudo isto tem mais gôso  
Qu'esses pomposos brazões,  
O homem é mais venturoso  
Sem pizar aureos salões!  
Só ama o que o peito diz:  
Suas matas—seu paiz,  
Sua familia e seu cão;  
Não teme humano valor,  
Só teme á voz do Senhor,  
Quando ribomba o trovão.—

Assim são estes que vês  
Como loucos de alegria,  
E em cujos semblantes lês  
O que mais ninguém leria.  
Fugirão lá dos seus montes  
Da borda de suas fontes  
Para te virem saudar;  
Não é ao Chefe do Estado,  
Não é ao sceptro doirado,  
Mas é ao Homem sem par.

É ao Homem Justiceiro,  
Tão sabio como ninguém;  
É ao digno Brasileiro,  
Meu irmão, d'elles tambem:  
É ao astro de bonança,  
Ao santelmo de esperança  
Que luzio na tempestade;  
É ao Filho d'Esse Bravo,  
De quem meu peito é escravo,  
Porque deu-me a liberdade.

É á estrella mais radiosa  
Do nosso céu do Brasil,  
Que brilha em nuvem de rosa,  
Como a—d'alva—em puro anil;  
A' bella Napolitana,  
Nossa Augusta Soberana,  
Que m'inspira as rudes trovas:  
É á Fada do Vesuvio,  
É á Pomba do deluvio  
Que vem trazer boas novas.

É á formosa Princeza  
Do Adriatico immenso,  
Que no golfo de Veneza  
Banhou-se em ondas de incenso;  
A' Thereza—a caridosa—,  
Mãi, Esposa Virtuosa,  
Protectôra do infeliz;  
A' ambos; que ao nosso amor  
Tem direito o Imperador,  
Tem direito a Imperatriz.

E pois consente, Senhor,  
Te beijem a Augusta mão;  
Acceita seu puro amor,  
Sua espontanea adhesão:  
Ninguem aqui convidou-os—  
A natureza inspirou-os  
A todos—á cada qual;  
De sua dança selvagem  
Bem vêes que a pobre homenagem  
Não é fingida—é leal.

E Tu desculpa, Senhora,  
Aos irmãos dos *Naporás*,  
Estende a Mão Protectora  
Sobre os nobres *Payayás*.  
Se do bardo a voz sentida  
Pudesse encontrar guarida  
Em tu'alma Piedosa,—  
Eu socorro Te implorara  
P'ra minha patria tão chara,  
Tão bella—tão destitosa.

Bem vêdes ambos, bem vêdes  
Como é linda a minha terra,  
Mas não sabeis, mas não crêdes  
Que grandezas ella encerra:  
Não é a sua belleza  
Somente a sua riqueza;  
Muito mais inda ella tem!  
Tem minas de prata e ouro,  
Tem muito occulto thesouro  
Que ainda o não viu ninguem.

P'ra ella pois, não p'ra mim  
Vos imploro compaixão.  
Ah! não deixeis que o jasmin  
Do norte murche ao tufão:  
Mandae-lhe uma aura subtil,  
Que a folhinha mais gentil  
Rorêge de puro odor;  
Tomae, Tomae minha vida,  
E Dae á Patria querida  
Mais vida, mais esplendor.—

Começou então a dança dos Payaás, uma imitação das dansas d'aquella geração primitiva das mattas selvagens.

Terminada a dança ia a por-se o sol: uma brisa fagueira banhava o rosto do Imperador e da Imperatriz: nuvens brancas como pedaços de setim soltos sobre o azul sereno de um Céu anilado passeiavão fagueiras, como que tomando parte n'aquelle festim. Os raios do sol tremulos reflectião sobre o verde luzente das folhas que ornavão as columnas do palanque. Então o Dr. Luiz Alvares dos Santos recitou a seguinte poesia:

A VOZ DO POETA.

Olha, Monarcha! as cores verde-negras

Da floresta gentil.

Olha a formosa côr do azul sereno

D'aquelle Céu de anil.

Olha que nuvens de setim passeião

Romeiras lá no Céu—

Como envolvem do sol tremulos raios

Em diaphano véu.

Não sentes esta brisa sussurrando

Vir-te a fronte banhar!

Não ouves alto grito, sobre as praias

A desprender o mar!

Não vês alli o sol ir-se escondendo

Sem mais brilho, sem cor?

Como fugindo, pallido de inveja,

Ao ver-te, Imperador!!

Que diz esta floresta em sua pompa?!

Que diz o Céu de anil?

Que diz de lá do Céu a peregrina,

A nuvem senhoril?

Que diz a meiga brisa que te banha

A fronte sem igual?

Que diz o mar nos gritos temerosos

De estrondo peremnal?

Que diz o sol fugindo envergonhado

Ao ver-te, Pedro, aqui?

Isto tudo o que diz nos seus mysterios,

A este povo, e a ti?!



II.

Tudo isso o que diz?! Diz—Liberdade—  
E diz—Pedro—tambem.  
Diz que o povo é feliz si tem Monarcha  
Como o teu povo tem.

És filho do Brasil: tu comprehendes  
Qual é tua missão:—  
Tu sabes que teu throno é só teu povo:  
Tu és Rei Cidadão.—

Filho do Heróe querido de dous mundos,  
Tu subeste ser Rei.  
Aprendeste que ao Throno só protegem  
A Liberdade, e a Lei.

Sabes o povo o que é, tu, Soberano,  
Sabes o povo amar.  
E ao meu caro Brasil feliz destino  
Pedro, tu has de dar.

III.

Orgulho, poeta! ao alto esta fronte  
Por sobre o horisonte  
Eleva tambem.  
Por Deus coroado com a luz do talento  
O teu pensamento  
Victorias já tem.

Já tem. Que cantaste na lira dourada  
A guerra afamada  
Do teu Pirajá.

Orgulho poéta! dos martyres queridos  
Teus cantos ouvidos,  
Tinhão sido lá.

Ouvidos, ouvidos naquelles lugares  
Por entre os asares  
Da morte e pavor.  
N'aquellas campinas, aonde morrerão  
Os que combaterão  
Com gloria e valor.

E Pedro Segundo, o Rei mais amado  
Ao campo adorado  
Levou nome e luz.

Depondo a corôa de perpetuas lindas  
P'ra glorias infindas  
Na baze da cruz.

Corôa formosa, corôa sagrada  
Por Pedro lançada  
No tumulto de heróes.

De Heróes, que seu mimo nas covas tomando,  
De lá se elevando  
Brilharão quaes sóes.

É isto, Monarcha, é isto, acredita,  
Que meu estro incita  
A vir-te saudar,

Eu filho de um bravo, de audaz veterano  
Que altivo, que ufano  
Morreu, sem chorar.

Honraste da gloria o campo querido  
Com o terno gemido  
De teu coração.

Bastou; e saudei-te; que minha alma adora  
Monarcha, que chora  
Com a sua Nação.

Então minha lyra de cordas mais finas  
P'ra canções divinas,  
P'ra ti afinei.

Na patria, que adoro, na ilha guerreira, (\*)  
Pela vez primeira  
Audaz te saudei.

Saudei: foi meu canto um grito singello,  
Um magico élo  
Para o povo, e p'ra tí:

Mas inda era pouco: sulquei o oceano:  
E vim, Soberano,  
Vim saudar-te aqui.

Aqui, na floresta dos lindos coqueiros,  
Que assim altaneiros  
Se perdem no ar.

E os ricos penachos sacodem com orgulho  
Ao rijo marulho  
Das brisas do mar.

(\*) A denodada ilha de Itaparica, d'onde é filho o poeta.

Aqui! onde livre—tão livre—na terra  
A minha alma encerra  
Este Céu de anil.  
Aqui o meu brado nas selvas echôa  
Com Deus que abençôa  
Ao Rei do Brasil.

IV.

E a ti flor da Italia, a ti, Anjo puro,  
Abono seguro  
Do Throno e do amor,  
A ti minha voz, humilde tremendo  
Te vai já dizendo  
Meu culto e fervor.

V.

Anjo da charidade! eu vi teu rosto  
Brilhar todo de luz, quando a pobreza  
Mírrada mão p'ra ti foi estendendo.  
Ah! era a luz do Céu, Anjo querido!  
Era a luz do Senhor que illuminava  
Teu semblante de paz, tua alma santa.  
A viuva infeliz, que viu roubado  
Pelo golpe fatal o amado esposo,  
Que treme, que suspira, e afflicta geme,  
Foi a teus pés depor tristes penhores  
Do throno nupcial sem pai deixados.  
Tu amparaste o ai, que susurrando  
Sobre as azas da brisa entre gemidos  
Teus ouvidos feriu, vibrou tua alma.  
Tu o amparaste, tu,—anjo da vida—  
Levaste ao coração de dor transido  
Esperança sem par, branda ventura,  
E a viuva infeliz hoje acredita  
Que ha Deus do Céu, porque te vê na terra.

VI.

Povo! Este dia não se esqueça nunca  
Oh nunca, povo, aqui.  
Do teu Monarcha esta visita grata  
E' gloria para ti.

Neste terreno, que elle honrou agora

Na vasta solidão.

Eleva, ó povo, um templo á Deus, que atteste

A tua gratidão.

Com o templo venha a luz, venha a grandesa

P'ra ti, p'ra os filhos teus.

Reuna, aqui, ó povo, o pensamento

—Pedro, Theresa, e Deus.—

A scena que n'esta hora representava a natureza, tão em harmonia com o canto do poeta, deu á poesia um encantamento sublime. O povo coroou-a de vivas ao Imperador e á Imperatriz. Logo depois SS. MM. descerão do palanque, sempre no meio das ovações populares. Era a hora melancolica do crepusculo: era essa hora dos mysteriosos vôos da imaginação e da linguagem silenciosa da natureza. Havia um não sei que de sublime n'este adeus. Era uma dupla despedida: a da natureza e a do povo.

Ao retirarem-se SS. MM. os Srs. Inspectores da Alfandega e da Thesouraria de Fazenda pedirão a S. M. a Imperatriz permissão para offerecerem-lhe todos os animaes e as aves que tinham sido reunidas no recinto adjacente ao palanque. S. M. dignou-se dizer que os acceitava.

Embarcarão-se então. Reboarão os ares com os vivas, com os gritos do enthusiasmo de um povo innocente, que recebia pela primeira vez a visita Imperial.

Não seja infructifera esta visita áquelles logares.

Não seja perdida na vastidão das selvas a voz do poeta, que lembra a edificação de uma Capellinha n'aquelle logar, afim de que haja para os habitantes d'aquelle sitio um templo, por pequeno que seja, para n'elle elevarem a Deus suas orações.

Ligue-se a visita do Imperador com a ideia da Religião Santa, que civilisa os povos, amenisando os costumes, e regenerando as sociedades.

### FOGO DE ARTIFICIO NO ARACAJÚ.

Na noite do dia 13 antes de começar o baile teve lugar um fogo de artificio na Praça em frente do Pa-

ço Imperial. SS. MM. assistirão a elle de uma das janellas, entre os vivas e as aclamações do povo que enchia a Praça, não cessando de saudar a S. M. o Imperador, e a S. M. a Imperatriz.

### BAILE.

Nessa mesma noite do dia 13 teve lugar o baile que foi offerecido a SS. MM. II. As 9 e 11/2 horas entrarão no salão o Imperador e a Imperatriz.

Forão saudados na entrada com vivas entusiasticos, não só das pessoas que estavam dentro do salão, mas tambem de todo o povo que de fóra rodeiava o edificio.

O toilette de S. M. a Imperatriz era vestido de filó azul-claro com rendas largas de Bruxellas, em guarnição.

Uma grinalda de flôres brancas a imitação de cardamomo. No collo um fio de perolas.

S. M. o Imperador traja a Almirante.

Depois da 1.<sup>a</sup> quadrilha a musica do *Apa* entrou para derramar no baile as suas harmonias.

SS. MM. dançarão quatro quadrilhas na fórmula seguinte :

Dançou S. M. o Imperador:

1.<sup>a</sup> quadrilhã—Com a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Clemencia Galvão, consorte do Sr. Presidente da Provincia.

2.<sup>a</sup>—Com uma filha do Sr. Senador Diniz.

3.<sup>a</sup>—Com a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna Barros Pimentel, consorte do Sr. Deputado Barros Pimentel.

4.<sup>a</sup>—Com a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Mariana Freitas, consorte do Sr. Tenente Coronel Freitas.

S. M. a Imperatriz :

1.<sup>a</sup> quadrilha—Com o Sr. Ministro do Imperio.

2.<sup>a</sup>—Com o Sr. Presidente da Provincia.

3.<sup>a</sup>—Com o Sr. Senador Diniz.

4.<sup>a</sup>—Com o Sr. Deputado Barros Pimentel.

Os *vis-avis* de S. M. o Imperador forão os seguintes:

1.<sup>a</sup> quadrilha—O Sr. Dr. Chefe de Policia Casado Accioli.

2.<sup>a</sup>—O Sr. Dr. Angelo Ramos.

3.<sup>a</sup>—O Sr. Dr. Hugolino.

- 4.<sup>a</sup>—O Sr. Dr. Guilherme Pereira Rebello,  
Forão *vis-avis* de S. M. a Imperatriz os seguintes:  
1.<sup>a</sup> quadrilha—O Sr. Dr. Tobias Rebello Leite.  
2.<sup>a</sup>—O Sr. Tenente Coronel Freitas.  
3.<sup>a</sup>—O Sr. Dr. Juiz de Direito de Itabaiana, Duarte  
Ferreira.

4.<sup>a</sup>—O Sr. Dr. Joaquim José de Oliveira.  
Era meia noite quando SS. MM. se dignarão sentar  
á mesa, onde forão servidos.

A 1 hora da madrugada SS. MM. se retirarão do  
baile.

Forão saudados como na entrada.

Comparecerão ao baile 30 Senhoras.

Alguns *toilettes* erão de muito gosto.

Depois da saída de SS. MM. ainda se demorarão  
muitas pessoas até ás 4 horas.

#### VISITA DE SS. MM. II. Á MAROIM.

As 6 horas da manhã do dia 14 sahiu S. M. o Imperador dando o braço a S. M. a Imperatriz, acompanhado de sua comitiva, bem como do Sr. Presidente da Provincia, afim de fazerem a viagem para Maroim.

Pouco depois embarcavão-se os augustos Visitantes no vapor *Pirajá*, que está sob o commando do primeiro tenente Montaury. Ao passar o *Pirajá* pelo *Apa* e *Itajahy* subirão os marinheiros ás vergas e fizerão as continencias do estylo. N'esta occasião sahiu a *Itajahy* em commissão para a Bahia.

O *Aracaju*, levando a seu bordo a commissão de recebimento e mais pessoas, seguiu na esteira do *Pirajá*.

Muitas pessoas collocadas na praia saudavão com vivas ao Imperador. Muitos foguetes subirão ao ar.

A's 6 e meia largarão os vapores.

Levava o *Pirajá*, a reboque, a galeota imperial e o *Aracaju* os escaleres para o desembarque no Maroim.

A's 6 e 35 minutos passavão os dous vapores pela embocadura do Pomonga.

A's 6 e 42 minutos passavão pelo rio do Sal, que fica na margem opposta a em que fica a do Pomonga.

Às 7 horas e 20 minutos passou o vapor *Pirajá* pelo porto das Redes.

Ahi observou S. M. o trapiche que fica á margem do norte (esquerda) do rio Sergipe, e a povoação d'aquelle logarejo, que affluio ao porto, dando vivas e soltando foguetes. O sino da casinha de oração, que ahi ha, repicou n'esta occasião.

O porto das Redes é uma linda situação, onde se vê um bello coqueiral. Ahi foi por muito tempo a alfandega da provincia. Era esta a primeira vez que o rio do Maroim via suas aguas cortadas por vapores. E' que a visita imperial é o elemento creador do progresso e da civilisação. E' que ao vapor *Pirajá* estava reservada esta gloriosa missão—a de ser um facho de luz, escrevendo sobre as aguas dos rios ainda não navegaveis por vapores paginas brilhantes, como tem sido a da visita do Imperador.

Esta madeixa de fumo, que pende da cabeça do *Pirajá*, é a historia sublime do seu importante destino.

Às 7 e 3 quartos dava fundo o *Aracaju* no porto das moendas, por não poder seguir avante. O *Pirajá* seguiu até o logar chamado José de Góes. SS. MM. passarão-se para a galeota ás 7 horas e 55 minutos.

O Sr. capitão de fragata Guerra passou-se com a commissão e mais pessoas que ião no *Aracaju* para os escaleres.

Ao passar S. M. o Imperador pelo engenho da Praia, do Sr. tenente coronel Gonçallo Vieira de Mello, uma gyrandola de foguetes annunciou á cidade a proximidade dos augustos visitantes.

Às 8 e 1 quarto da manhã tocou a galeota no caes de desembarque, construido pela commissão para esse fim, do qual damos abaixo a descripção.

Sobem ao ar gyrandolas de foguetes, que rebôão em um brado incessante, cobre o povo todo o espaço com estrondosos vivas, filhos de um enthusiasmo frenetico.

SS. MM. desembarcarão e se encaminharão debaixo do pallio, que era levado pela Camara Municipal, para um lindo barracão.

Ahi o Presidente da Camara, o advogado Gregorio de Araujo Brasiliense, recitou um discurso, no acto de

entregar a S. M. o Imperador a chave da cidade, ao qual S. M. se dignou responder:

« Agradeço muito os sentimentos da Camara Municipal. »

Uma menina precedendo a outras vestidas de branco com fexas de cores nacionaes dirigiu a S. M. uma allocução appropriada.

Algum tempo depois, o Revd.<sup>o</sup> Vigario da Freguezia dirigiu igualmente uma allocução a S. M. o Imperador, terminando por pedir-lhe que designasse occasião para assistir ao Te-Deum: ao que S. M. respondeu:

« Não é possível assistir ao Te-Deum, porque não terei tempo de percorrer a cidade. »

Pouco depois um menino, lançando flores aos pés de SS. MM. recitou uma allocução.

No meio da praça da Alegria elevava-se um arco sobre quatro columnas revestidas de branco com enfeites de diversas cores, ornado de bandeiras.

Ao lado d'esse arco estavam dous meninos vestidos de anjos, os quaes, ao passarem SS. MM. por baixo do arco, lançarão-lhe flores.

O prestito continuava como levado por uma onda de povo, que fazia repercutir os ares com vivas estrondosos.

Todas as ruas estão calçadas e limpas. Nem menos era de esperar da atilada commissão, que dirigiu os festejos publicos em Maroim, onde tudo foi uma obra efficaz e duradoura.

Na frente da casa destinada para o paço imperial, da qual daremos abaixo a respectiva descripção via-se um luzido barracão para a guarda de honra, pintado das côres nacionaes, com tres grandes arcos com cortinas das mesmas côres e preparado com muita belleza. Abaixo damos d'elle a descripção.

Na fachada d'esse barracão, acima da cornija, sobre uma larga tarja verde, lia-se em letras de ouro:

« *Viva SS. MM II.* »

Dirigirão-se SS. MM. II. á Igreja Matriz e ahi fizeram oração. Na Capella-mór estava preparado um rico docel de velludo verde e amarello, no espaldar, e a cupula revestida de seda de outras côres; duas cadeiras



de coxim, forradas de damasco carmesim, servirão a SS. MM.

A's 9 horas SS. MM. recolherão-se ao paço. Ali perguntou S. M. ao parochó que população tinha a sua freguezia, e qual era tambem a população da cidade. A resposta que deu o Sr. Vigario foi que a freguezia tinha 4,000 almas, e a cidade duas mil e tantas pessoas.

O Sr. Eduardo Wien, vice-consul da Suecia e Noruega, dirigiu a S. M. uma felicitação, a que S. M. se dignou responder. Ouviu depois ao Dr. Juiz Municipal pedindo-lhe informações sobre o seu termo.

O paço estava arranjado com summo primor. Abaixo damos a descripção minuciosa de sua decoração e mobilia, mas não podemos deixar de referir aqui um riquissimo cortinado de renda de Italia bordada em relevo com sombreado que deixava ver-se perfeitamente impressos n'elle muitos fructos e muitas aves do paiz, o que muito agradou a SS. MM.

No paço o Dr. Angelo Ramos, presidente da commissão do Aracaju, beijando a mão a S. M. o Imperador pediu permissão para retirar-se, visto estar finda a sua commissão de acompanhar SS. MM. II. até serem recebidos pela commissão de Maroim. S. M. o Imperador respondeu:—« Faça boa viagem. »

A's 10 horas e 1 quarto, depois do almoço, sahio S. M. a pé e foi visitar a Capella da Boa Hora, que fica á pequena distancia do povoado. Não estando aberta a Egreja, S. M. esperou que viesse a chave. Aberta, entrou, fez oração e notou o estado de abandono em que está esta capella: leu a inscripção que se acha na lapide sepulchral do Dr. Alexandre José da Silva Visgueiro.

Depois foi visitar a casa que serve de quartel do destacamento de policia. Vendo uma palmatoria dependurada na parede, voltou-se rapidamente para o commandante do destacamento e perguntou-lhe:—« Sr. commandante, para que é esta palmatoria aqui? » A isso respondeu o commandante que era para castigar os pretos escravos encontrados fóra de horas vagando pelas ruas. Mandou abrir a prisão e encontrando n'ella um preso de nome João Baptista, disse-lhe com a

maior affabilidade: « Se tiver alguma cousa que representar, represente por intermedio da delegacia de policia. »

Perguntou S. M. ao commandante se os soldados tinham rancho; respondendo este que não, disse-lhe S. M.: « Pois é máu. »

Visitou a casa da camara, onde o Presidente lhe dirigiu algumas palavras, implorando a S. M. a graça de firmar-se na acta que se lavrou por occasião de tão honrosa visita, ao que S. M. acquiesceu. Em quanto porém se lavrava a acta passou S. M. a examinar toda a casa, perguntando onde se reunia o Jury e o conselho, e notando muito acanhamento na sala.

Visitou depois a aula de primeiras letras de meninas; examinou por si mesmo a duas alumnas (D. Rubina Maria do Espirito Santo e D. Lenesia Augusta da Conceição) tomando notas a respeito de tudo.

Mandou que a Professora questionasse sobre doutrina e explicasse quando qualquer d'ellas não satisfizesse.

Passou depois á aula de meninos, aos quaes examinou. Soube que a aula tinha de matricula 113 meninos e de frequencia 54. S. M. tomou notas. Ahi um menino leu a allocução que vai abaixo.

Os nomes dos meninos arguidos são Francisco Correia Dantas, Ernesto Rodrigues Vieira, Mauricio Maximo d'Oliveira e Collecto Luiz da Cunha.

Depois S. M. passou a ir visitar e examinar a Igreja Matriz, obra que attesta, como um monumento, a piedade religiosa do Barão de Maroim que n'esse bello Templo tem despendido mais de 100:000\$.

Achou perfeito o trabalho do entalhador. Disse que o Templo ficaria muito bonito e de muito gosto o côro e o pulpito, se fossem ambos envernizados.

Erão 2 minutos depois de meio dia.

S. M. percorreu todas as divisões da Igreja: subiu á tribuna da Capella-mór, do lado do Evangelho, d'onde levou algum tempo a observar todo o Templo.

A 1 hora recolheu-se S. M. ao paço imperial e nessa occasião as pessoas mais gradas da cidade correrão a beijar as magnanimas dextas de Suas Magestades, em

cujo numero notamos o Padre Euzebio Pires d'Almeida, que achando-se gravemente enfermo dirigiu-se assim mesmo ao Paço em uma cadeirinha, e dirigiu a S. M. o Imperador as seguintes palavras:

« SENHOR!—Regosijado por ver e conhecer pessoalmente o Esclarecido Monarcha, cujo Sceptro, ornado das mais brilhantes virtudes, constitue o mais solido fundamento e seguro penhor da paz e estabilidade d'este Imperio, a vós, Senhor, e a Sua Magestade a Imperatriz felicito por esta feliz chegada a esta Provincia e honrosa visita a esta cidade d'onde sou filho. »

A's 2 horas deu S. M. beija-mão, recebendo por esta occasião alguns requerimentos.

A's 4 horas recolheu-se para jantar.

A's 6 horas, um pouco antes da partida, deu beija-mão de despedida. Mandou dar—

1:000#000 para o cemiterio.

1:000#000 para o encanamento das aguas potaveis.

500#000 para os pobres.

300#000 para a Capella de Nossa Senhora da Purificação.

Perguntando-lhe nessa occasião o Vigario se as escolas erão para todos os pobres que se lhes apresentassem, ou para os de sua freguezia, respondeu-lhe S. M. que para os de sua freguezia somente.

S. M. sahiu do paço para embarcar-se ás 6 horas e 40 minutos.

Uma porção immensa de povo accumulou-se ao redor da sahida do paço e acompanhou S. M. até que se effectuasse o embarque.

Muitos vivas sahirão do seio d'aquelles corações que as saudades pungião ainda mais, porque não esperavão que SS. MM. os deixassem n'aquelle mesmo dia.

As 6 e 1/2 horas encontrou perto ao trapiche da praia a galeota imperial com um escaler da Alfandega que levava o Guarda-mór e o Redactor do *Correio Sergipense*, que ia levar a S. M. a correspondencia e os Jornaes da Côrte.

N'esta occasião o Sr. 1.º Tenente Manuel Carneiro da

Rocha, que sustentava o estandarte imperial na prôa da galeota, perguntou ao escaler ao que vinha. Em consequencia da resposta dada, mandou S. M. parar a galeota, á qual atracou o escaler, entregando então o Sr. Deschampes Montmorency e o Dr. Luiz Alvares a correspondencia e os jornaes da côrte.

D'ahi seguiu a galeota imperial acompanhando-a o escaler da alfandega e vindo aos pontos em que estavam o *Pirajá* e o *Aracajú*.

A's 8 e 1/2 horas sahio o *Pirajá* da ponta da Mombaca, ou porto de José de Goes, em direcção a Larangeiras.

O porto das Redes estava todo illuminado.

O *Aracajú*, levando a reboque os escaleres da capitania e mais o da Alfandega, tendo passado para seu bordo o guarda-mór e o Redactor do *Correio Sergipense*, levantou ancora um pouco depois, acompanhando o *Pirajá*.

No rio para Larangeiras encalhou o *Pirajá* no mangue da margem do sul do rio: SS. MM. e sua comitiva passarão para a galeota, chegando a Larangeiras ás 11 horas da noite.

#### ALLOCUÇÕES ALLUDIDAS.

SENHOR!—Com todo respeito, submissão e amor devido a um Monarcha Sabio, Religioso e amante dos seus subditos peço-vos licença para apresentar a Vós e á Vossa Dignissima Esposa, Nossa Virtuosa e Amavel Imperatriz, que o Omnipotente nos concedeu para maior gloria nossa, os sinceros e cordiaes votos de obediencia, alta consideração e intrinseca amizade que eu, e o pequeno rebanho que a Vossa Magnanima Bondade me confiou, vos consagra.

Nós vos felicitamos pelas felices viagens que tendes feito, e pelas virtuosas e optimas qualidades de que sois ornados, as quaes tanto penhorão as nossas almas possuidas dos mesmos sentimentos de submissão, respeito e amor para com os Sagrados Objectos que mais prendem os vossos amantes e paternaes corações. O Senhor Bom Jesus dos Passos, Divino Padroeiro d'esta Freguezia, por Quem É, lance sobre SS. MM. II. e so-

bre toda Vossa Imperial Familia suas Divinas Benções, e vos conserve por dilatados annos, para nossa felicidade e de todo o Imperio da Santa Cruz.

O Vigario *José Joaquim de Vasconcellos*.

SENHOR!—Permitti que neste momento de enthusiasmo, expressões nascidas do intimo de nossos corações, onde se estranha a lisonja, vos felicitem pela vossa feliz chegada a esta terra e vos saúde respeitosamente.

A Presença de Vossa Magestade Imperial e a da Vossa Virtuosa Consorte, Nossa Idolatrada Imperatriz, abre em nosso paiz natal uma epocha de eterna e grata recordação.

Bemvindo sejaes, Augusto Par; os Céos sempre justos prolonguem vossos preciosos dias para incremento do vasto Imperio Brasileiro, e para que veleis sobre a nossa educação civil e moral, firmando em nossos peitos o reconhecimento e amor de nossos deveres para com a Lei e o Throno de V. M. Imperial, o mais Inclito e magnanimo dos Monarchas.

Maroim 14 de Janeiro de 1860.

*Ernesto Rodrigues Vieira.*

### CAES, ARCOS, E PAÇO IMPERIAL EM MAROIM.

Saltarão SS. MM. em um caes de 80 palmos de largura de escada, com 12degráos de 200 palmos de comprimento.

Um pavilhão ao gosto corinthio sobre um pavimento elevado com 40 palmos em quadro—com duas escadas, uma ao Sul e outra ao Norte—8 columnas formando 8 arcadas sustentavão a cupula, que rematava em um globo,—ao lado direito o throno imperial, armado com damasco e velludo, ao esquerdo a capella com a reliquia do Santo Lenho. No centro da praça da Alegria um arco elevado sobre 4 columnas gothicas, tendo na frente as armas imperiaes. Em frente do Paço um quartel provisório para a guarda de honra com um frontespicio de 60 palmos, formando 3 arcadas: sobre a do centro havia a seguinte inscripção em letras douradas—Vivão SS. MM. Imperiaes. O edificio feito de ma-

deira estava pintado a oleo com as cores imperiaes, tendo na faxada do centro a corôa imperial. A Matriz, onde devia celebrar-se o Te-Deum, que S. M. dispensou, estava decentemente ornada e com muito gosto. O throno imperial era armado com velludo verde e amarello, sanefas de setim das mesmas côres com franjas de ouro; as cadeiras estavam forradas com damasco encarnado; alcatifas avelludadas. Até ás grades estava a Igreja alcatifada.

O Paço, que foi a casa de uma orphã, e por isso mesmo escolhida pe'a commissão, contém 75 palmos de frente sobre 96 de fundo. Estava preparada com simplicidade, decencia e muito gosto.

A sala do Imperador, forrada com papel verde e damasco, tinha no centro do tecto um circulo dourado de bello gosto, do qual sahia a corrente em que estava pendurado um lustre de optimo gosto, sendo verde com flores douradas a porcellana, que n'elle havia. A mobilia era de jacarandá, feita ao gosto de Luiz XIV, havendo um sofá de 2 assentos para os Imperiaes Visitantes. Notava-se n'esta sala um par de jarras de porcellana finissima, que forão do principe Jeronymo Bonaparte, e que na Bahia servirão ao Sr. D. Pedro I, e agora ao Sr. D. Pedro II, em Maroim: estes jarros pertencem ao Major Barros. Na frente da entrada via-se a effigie de S. M. o Imperador, copiada em sua volta da Cachoeira de Paulo Affonso á Bahia.

No fundo d'esta primeira sala estava o quarto de dormir de SS. MM. Continha 28 palmos de largura sobre 20 de fundo. Duas bellas camas com colxões de damasco verde e flores amarellas estavam sobre ellas. Travesseiros de damasco vermelho e fronhas de cambraia de linho bordadas. Dous cortinados de finissima renda com cupulas de damasco azul e cor de rosa, e franjas e borlas de retroz. Um d'estes cortinados agradou muito a SS. MM., por n'elle haverem aves do Brasil, tão bem formadas, que se distinguem ao primeiro lance de vista. As camas erão de jacarandá. As paredes d'este quarto, pintadas de verde claro, tinham o damasco de diferentes cores. Sobre uma mesa moderna de jacarandá estava a cella de Santa Thereza em miniatura; em outra, que ficava em frente d'esta vidraça, um par de mango-

tes com pingentes verdes e brancos, sendo as mangas verdes com as armas imperiaes n'ellas abertas.

O quarto que ficava junto a este era destinado para o banho: estava preparado com decencia, mas nada havia de notavel.

D'este quarto passava-se para o toilette. Bellos espelhos o adornavão. Um excellente guarda roupa, feito em Copenhague; dous lavatorios com marmore; custureira de mogno; jarros e bacias de prata; perfumarias, etc. Ahí havia de notavel uma cadeira, vinda de Paris.

Esta cadeira era feita de jacarandá com optimas flores em talha—encosto, assento e braços de retroz e lâ; dos braços pendião franjas de retroz. N'esta cadeira adormeceu S. M., e dormiu algum tempo.

No fundo d'este toilette ficava a sala de jantar de SS. MM. Esta sala era mobiliada de vinhatico.

Contigua á esta sala ficava a da comitiva, tambem mobiliada com decencia, havendo n'ella um apparador, que tem chamado a attenção de todas as pessoas, que o veem.

Junto á esta sala havia um quarto preparado com decencia para o criado grave de SS. MM.

Uma outra sala forrada de papel com trepadeiras de rozas, era destinada para S. M. a Imperatriz. Esta sala continha o gosto das senhoras. Muitos espelhos, quadros, cadeiras de balanço, sofás, consollos, serpentinas, e emfim tudo quanto agrada ao bello sexo; mas notava-se n'esta sala tres quadros, que são os seguintes— Napoleão, no seu gabinete de leitura com seu filhinho adormecido sobre o collo; Frederico da Prussia, tambem em seu gabinete de leitura, distrahido por seu filhinho, que veio interrompel-o; a Imperatriz dos Francezinhos rodeiada das damas de sua côrte.

No fundo d'esta sala havia o quarto destinado á dama de honra. Era preparado com decencia, e a propria dama não desgostou do aposento que se lhe preparou.

Um outro quarto estava destinado para a dama de retrete.

Além d'estas accomodações internas, outras haviam no mesmo Paço, separadas por um pateo lageado seguindo duas galerias, ficando a dispensa no primeiro

quarto da direita, a cosinha no primeiro da esquerda; seguindo-se depois dous quartos, preparados para criados.

No fim d'esta galeria havia um pequeno jardim, feixado por grades pintadas de verde, e no fundo d'este um pavilhão convenientemente preparado para recreio; sobre as dez pilastras, que compõe o jardim, haviam craveiros, plantados todos em jarros proprios.

O serviço do Paço foi de porcellana dourada e crystal. A baixella de prata.

Nas camas do Paço só havia damasco e cambraia de linho.

A entrada 3 reposteiros o decoravão.

Além do Paço, tinha a commissão preparado mais 3 casas para a comitiva imperial. Não tinhamo luxo, apenas decencia.

As ruas da cidade forão calçadas com a presteza possível. Todas as casas estavam externamente ou caiadas, ou pintadas.

A commissão de Senhoras para a recepção de S. M. o Imperador compoz-se da Senhora e Filha do Sr. Erico, da Professora Publica, das tres Filhas do Sr. José Rodrigues Vieira, e da Senhora do Sr. Tenente Coronel José Soterio Barretto.

Na frente do pavilhão do desembarque estavam as bandeiras Nacional, Austriaca, Napolitana e Portugueza. No pavilhão 8 bandeiras designavão a Provincia e as suas sete Comarcas.

### VISITA DE SS. MM. Á LARANGEIRAS.

Erão 11 horas da noite, quando approximou-se da Cidade a galeota imperial.

Sorprehendia a todos ver áquellas horas mortas da noite como o povo estava acordado, reunido na ponte que fôra construida para o desembarque de SS. MM. A não vel-o não se acreditaria por certo. Toda a população, composta de senhoras ricamente trajadas, de cavalheiros vestidos a grande galla, e de todo o resto do povo com seus trajos festivos esperavão na ponte do



desembarque, como que embriagados em um devaneio, insensíveis todos ao frio da noite, ás gottas da chuva, á humidade da evaporação permanente do rio, esperavão todos alegres a chegada dos Augustos Viajantes, que vinhão a deshoras, ao relento da noite, visitar Lorangeiras.

Apenas perceberão os Larangerenses que se approximavão os dous hospedes augustos, estenderão-se em grande porção pela margem do rio com archotes accesos. Logo ao avistarem a galeota imperial, subirão ao ar os foguetes.

Era um bello espectaculo!

No meio da escuridão da noite, no silencio solenne das trevas, aquelles estrondos alegres, alviçareiros, erão como o primeiro canto de um poema da natureza, em sua linguagem mysteriosa.

Aquellas luzes brilhantes mas subitas, aquelles clarões rapidos, phosphorescentes, no meio de uma nuvem ligeira, vaporosa, surgindo e reaparecendo em uma successão no manto azul setim de um Céu estrellado, tinhão um não sei que de magico, de poetico, de sublime.

O gemido tão doce, tão suave do rio, lambendo suavemente as margens lamosas, onde a onda escorregava mais maciamente, parecia harmonisar-se com a sublimidade d'aquella scena.

A galeota era uma sylphide encantadora, uma fada, que sulcava o lago, prendendo todas as aspirações do povo com uma cadeia mysteriosa.

Na margem do rio, na visinhança d'um arco que atravessava de um lado ao outro, em um ponto proximo da Cidade, levanta-se e falla um habitante das selvas brasileiras. Era um indio, que saudava o Imperador, vestido de suas pennas de arara, de seus trajes simples, mas harmonicos com o seu destino da terra.

O kanitar estremeceu. A palavra do indio retumbou nas margens do rio saudando o Imperador. S. M. mandou parar a galeota.

Era uma scena bellissima: um contraste do mundo selvagem com o mundo civilizado.

O encantamento passou: os remos fenderão as aguas: a galeota esbelta, foi avante. Abicou na ponte. O grito

popular rompeu. A noite pareceu acordar de seu silencio, e, estremecida, sacudir seu manto nebuloso.

As estrellas dependurarão-se como para contemplar aquelle epilogo novo de um bello poema. Era uma hora da noite e muitas senhoras estavam na ponte.

Muitos cavalheiros as acompanhavão. Era o prestito que devia receber os Imperiaes Viajantes.

SS. MM. saltarão no meio de vivas estrondosos.

S. M. a Imperatriz traja vestido de seda verde. O Imperador traja uniforme de Almirante.

A Camara recebeu SS. MM. debaixo do pallio, recitando-lhes uma allocução appropriada.

Tudo estava illuminado.

SS. MM. seguirão no meio das ovações populares, que formavão um brado unisono entre as harmonias silenciosas da natureza dormindo.

A cerimonia do Pax Tecum foi no pavilhão armado no fim da ponte, que estava todo illuminado, em symetria com as luzes da ponte. Um altar na sua simplicidade christã serviu aquella cerimonia solemne.

Na praça da Matriz, no angulo em que a rua se perde nella, estava um arco levantado pelos artistas. Ao passarem SS. MM. por baixo desse arco os vivas redobrarão.

Assim atravessarão SS. MM. até a Matriz. Ahi fizerão oração. O povo accumulou-se no Templo do Deus Vivo, como querendo contemplar alli, sob o tecto do Templo sagrado, os rostos dos Soberanos do Brasil.

Do Templo recolherão-se ao Paço, para onde os acompanhou o povo, saudando-os sempre com suas ingenuas manifestações, que traduzião todos os sentimentos singellos do coração.

Na occasião do desembarque recitou uma menina de nome D. Joanna Ladislau de Faro Jurema a poesia que abaixo vai transcripta.

O paço imperial é a casa da Camara de Larangeiras, que foi preparada com todo o aceio pela commissão.

Rapido foi o resto da noite. O somno foi um desejo continuo de acordar.

Raiou o dia 15 de Janeiro. O povo saudou nas ruas o alvorecer do dia.

Às 7 horas da manhã sahiu S. M. á pé á visitar a cidade.

O primeiro estabelecimento que S. M. honrou com a sua presença foi o Collegio particular de Instrucção, sob a direcção da Exm.<sup>a</sup> Sra. D. Possidonia de Bragança, consorte do Sr. Dr. Francisco Alberto de Bragança. Este collegio é o unico estabelecimento deste genero na Provincia. O Sr. Dr. Bragança não se tem poupado a despezas e esforços para tornal-o digno de seu destino.

Ao entrar S. M. no salão do collegio, foi saudado com vivas expressivos, entoando immediatamente as meninas uma prece á Virgem, á quem o canto pedia a sustentação do Imperio do Brasil e a benção de Deus para o Imperador.

O cantico é em francez. Sentimos não poder dar aqui a musica com que era elle entoado, mas damos a letra:

« Que le seigneur te benisse, Empereur du Brésil,  
« De ton peuple heureux, c'est le vœu le plus gentil.  
« Il est ton seul espoir, qu'il soit ton seul appui  
« Que devant tes vertus, son corroux s'attendrisse  
« Et que notre sacrifice et nos louanges s'elevent jusqu'à lui.

CORO

« A genoux-aux pieds de Marie  
« Beni soit le peuple qui prie,  
« Efface, grand Dieu, du peuple la douleur  
« Soutiens le Brésil et protege l'Empereur. »

Depois do hymno S. M. foi percorrendo a primeira sala e examinando com vagar os trabalhos que pendião das paredes. Erão 16 quadros de ponto de marca feitos por differentes meninas.

Havia tambem sobre as mesas sapatos do mesmo ponto, e outras obras de labyrintho e varias barafundas.

S. M. examinou depois o livro de matricula. Ha 100 meninas matriculadas e 70 de frequencia. Depois passou a arguir as alumnas em leitura, em grammatica e em arithmetica, mostrando-se satisfeito das respostas das meninas.

Afinal o Imperador disse á Professora que fizesse perguntas ás alumnas sobre a Doutrina Christã, ficando contente das perguntas da Professora e das respostas das discipulas, mostrando-se para com todas affavel e prazenteiro.

Quando S. M. quiz levantar-se, uma das meninas vindo com uma salva de prata na mão, contendo um lenço de cambraia, trabalho do collegio, em labyrintho, recitou a poesia que abaixo publicamos, offerecendo a S. M. o lenço.

Neste lenço estão escriptas em labyrintho as seguintes palavras:

« A S. M. O IMPERADOR

*Homenagem da Professora Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança e de suas alumnas.* »

D'ahi sahio S. M. para visitar a ponte do Açougue que foi construida em 1846 pelo Engenheiro Bloem. Esta ponte fica construida sobre o Rio que corta a cidade.

É um trabalho que attesta a pericia daquelle Engenheiro.

Da ponte passou S. M. a visitar a aula de Philosophia, Geographia e Historia regida pelo Professor Tito Augusto Souto e Andrade. Ahi mandou que o Professor arguisse aos alumnos sobre as diversas questões em ambas essas sciencias, parecendo ficar satisfeito das respostas dos alumnos.

D'ahi foi visitar a obra da Capella da Immaculada Virgem da Conceição que se está construindo nesta cidade; então o Padre Pedro Antonio d'Almeida recitou esta allocução:

« Senhor!—Desejoso de que houvesse nesta cidade de Larangeiras um Templo dedicado á Immaculada Senhora da Conceição, e mesmo porque sendo o maior occorresse ás necessidades locaes, encarreguei-me da construcção do Templo, á que se ha Vossa Magestade Imperial dignado lançar suas caridosas vistas, em o dia 3 de Abril do anno de 1858, e, graças á Deus, pela caridade publica tenho quasi podido levar a effeito o desejo de minha maior gloria.

Todo este edificio tem sido construido com as esmolas dos devotos; agenciadas por mim; mas, Senhor, pela escassez do tempo, e mesmo por parecerem os devotos ja cansados ou exhaustos, receio não poder continuar com a obra; lembrado porém da paternal e religiosa bondade de um Monarcha, que é o mais forte esteio da religião do Deus Homem, á Vossa Magestade Imperial recorro para que se digne concorrer para este edificio com a sua augusta esmola.

As benções do Céu e a gratidão de um povo serão, Senhor, immorredouro monumento da Vossa maior gloria. »

Sua Magestade Imperial dignou-se responder: « Concorro. »

Então S. M. o Imperador foi visitar a aula de primeiras letras de meninos, onde fez aos alumnos perguntas sobre os diversos pontos de instrucção primaria, mostrando-se satisfeito.

Nessa eschola deu-se um facto que demonstra o interesse do Monarcha. Perguntando ao Professor ha quantos annos estava n'aula um alumno, que era arguido, e respondendo-lhe elle que ha 5 annos, sendo porém obrigado a faltar muito por causa de sua pobreza, S. M. perguntou-lhe então o nome do menino e escreveu-o na sua carteira.

Depois desta aula foi visitar a Egreja de S. Benedicto onde entrou e fez oração. Esta Egreja é pequena, sem ornatos, não tendo nem o tecto forrado, sendo apenas um testemunho da piedade christã.

D'ahi passou a ir visitar a aula de latim. Logo ao entrar, os alumnos, tendo á frente o seu Professor, o saudarão com vivas e acclamações.

Ao sentar-se S. M. na cadeira do Professor, um dos alumnos recitou uma allocução em homenagem a S. M. o Imperador.

Depois o Monarcha passou a examinar-lhes, mandando traduzir Horacio, Sallustio e Tito Livio.

Admirou a todos a paciencia e bondade com que elle emendava os erros commettidos pelos alumnos, e mediu depois os versos de Horacio. O alumno que tradu-

ziu Sallustio sahiu-se mal, mas os outros forão soffri-velmente.

Ao passar pela casa do Sr. Marsillac, francez estabelecido nesta cidade, chegou este á janella e saudou S. M. com estas palavras: « *Viva o Imperador do Brasil.* » Foi nesta casa que residiu Labatut durante os 22 dias que esteve em Larangeiras, quando vinha do Penedo para a Bahia na epocha da Independencia. É hoje propriedade do Sr. Marsillac. Tem 93 palmos de frente e 152 de fundo, e tinha uma sacada larga de 5 palmos, toda com columnas e gradaria muito bem feitas, que forão ultimamente mandadas demollir pela Camara Municipal.

D'ahi recolheu-se ao Paço para almoçar: erão 11 horas do dia. Pouco depois sahiu a ouvir Missa, que foi celebrada pelo Sr. Conego da Capella Imperial.

A Egreja Matriz, que foi onde S. M. ouviu a Missa de que fallamos, é espaçosa, attestando pelo bem acabado da Capella-mór a piedade dos Christãos.

Quando S. M. sahiu do Templo o povo saudou-o com suas acclamações espontaneas.

S. M. recolheu-se ao Paço. Ahi pouco depois appareceu o Dr. Bragança acompanhado de sua Senhora e de todas as alumnas do Estabelecimento para terem a honra de beijarem a mão de S. M. a Imperatriz. Logo que Suas Magestades Imperiaes se dignarão acolhel-as a alumna D. Josephina Emilia da Silveira recitou o seguinte discurso:

« SENHOR.—Humildes e reverentes saudamos a V. M. Imperial e a nossa Augusta Imperatriz em nome da professora Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança, que com seu marido e com suas alumnas, de que fazemos parte, nos confiarão a missão nobre de trazer ante o Excelso Throno de V. M. Imperial suas cordiaes felicitações e respeitosas homenagens bem dizendo vossa vinda, em que divisão um favor do Ceu.

Enthusiastas por tão feliz successo proclamão o dia de hoje como o dia maior de sua gloria e ventura, e dirigem fervorosos votos ao Todo Poderoso pela conservação da preciosa vida de V. M. Imperial, de quem

depende a felicidade e integridade do Imperio confiado a vosso zelo. Cheios de jubilo veem pisando o solo Larangeirense o Monarcha Brasileiro, o Heroe Pedro Segundo que em sua visita manifesta soberano e paternal amor a seus subditos que sobremodo agradecidos então hymnos e cantão louvores immortalizando seu Nome Augusto; porque em tão honrosa visita o Virtuoso Monarcha conhece de perto as necessidades de seu povo; e remediando-as promove sua felicidade e lhe abre uma nova era que os vindouros abençoarão, assegurando-lhe um futuro lisongeiro, cuja esperança minora os flagellos do presente e serve de consolação aos afflictos, que comnosco chamão as benções celestes sobre sua Augusta Pessoa e sobre a Familia Imperial.

Estes sentimentos, Senhor, que pueris, desenxabidas e trémulas vozes apresentam á V. M. Imperial, são vivas demonstrações de puro amor, de adhesão e liberdade de vossos subditos á Vossa Augusta Pessoa, á nossa Idolatrada Imperatriz, e á nossas muito amadas Princezas: aceitai-os, Senhor, com benevolencia; e sobre nós lançai um olhar favoravel, Vós, que vos apraiseis tambem de ser Eximio Protector das Sciencias e das letras que tanto amais, honrando até as primeiras que cultivamos; e permitti que para completo regosijo nosso entoemos em vossa Augusta Presença hymnos, que mais revelão os sentimentos de nossas almas, beijando por ultimo as pias mãos de V. M. Imperial e de nossa Virtuosa Imperatriz.»

Logo depois foi offerecido a S. M. a Imperatriz um lenço de cambraia, trabalhado em labyrintho tendo gravado esta inscripção :

« A S. M. A IMPERATRIZ

*Homenagem da professora Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança. »*

Nesta occasião recitou a professora a poesia que abaixo publicamos.

Dous outros lenços trabalhados da mesma fórma forão entregues pelas duas filhas do Sr. Bragança com as seguintes inscripções :

1.º A S. A. a Serenissima Princeza Imperial D. Izabel.

Homenagem da jovem Maria Vicencia de Bragança,

2.º A S. A. a Serenissima Princeza D. Leopoldina.

Homenagem da jovem Marianna Apolinaria de Bragança.

Tambem estas meninas recitarão uma poesia que abaixo daremos.

Depois entoarão um hymno.

Sua Magestade a Imperatriz aceitou todas estas offer-  
tas com toda a affabilidade que lhe é reconhecida.

Ao meio dia S. M. mandou saber do estado em que se achava o Sr. Dyonisio Ribeiro Feijó, que pela manhã fôra atacado de uma febre perniciososa. Sabendo que os accessos erão repetidos e graves, e ouvindo a opinião do Sr. Dr. Bonifacio, ordenou que o Sr. Feijó fosse logo conduzido para o *Aracaju*.

Foi então conduzido ao escaler o Sr. Feijó carregado em uma rede e acompanhado dos Srs. Pedreira, Dr. Bonifacio e muitas pessoas, sendo ao embarcar encarregado de acompanhal-o, em razão de o não poder fazer o Sr. Dr. Bonifacio, o Dr. Luiz Alvares dos Santos para ministrar-lhe os remedios á hora precisa.

A' hora propria SS. MM. forão jantar. Os talheres que servirão na mesa imperial forão de prata, e as colheres que tinhão de servir no chá erão de ouro.

Tiverão a honra de jantar com SS. MM. em Laran-  
geiras—

Commandante superior Manuel Raymundo Telles de Menezes.

Dr. José Nunes Barbosa de Madureira Cabral.

Brigadeiro José Antonio Neves Horta.

Juiz de direito Manuel de Freitas Cezar Garcez.

Tenente-coronel Francisco Felix de Freitas Barretto.

Anacleto José Chavantes, presidente da Camara.

A's 5 e 3/4 S. M. subiu a pé até a Egreja do Senhor do Bomfim, que fica em uma alta eminencia d'onde se descortina toda a cidade, formando um bello panorama, pois do alto da eminencia fica a cidade de Laranjeiras como a *vue d'oiseau*.

A's 10 horas SS. MM. embarcarão no meio das ac-  
clamações populares, que traduzião toda a saudade do



coração d'aquelle povo, que ia deixar de ver os dous Augustos Hospedes, que tinham penhorado os affectos de todos.

Grande numero de Senhoras acompanharão SS. MM. e essa porção de povo bordou as margens do Rio com archotes accesos, elevando ao ar os gritos que traduzião as suas despedidas.

Em Larangeiras S. M. deixou de esmolos as seguintes quantias:

1:000#000 para serem distribuidos com os pobres.

500#000 para a Capella de Nossa Senhora da Conceição, onde acima dissemos que o padre dirigira uma allocução a S. M. pedindo-lhe que concorresse para a terminação da obra.

300#000 para a Egreja do Senhor do Bomfim.

1:000#000 para o Cemiterio.

#### POESIAS ALLUDIDAS.

*Na occasião do desembarque—por D. Joanna Ladisláu de Faro Jurema.*

Em transportes de Alegria  
Saudemos o Augusto Par  
Que esta ditosa provincia  
Houve por bem visitar.

Si o justo embora cercado  
Pelo fausto da grandesa  
Presta mais sincero acólho  
A's gallas da Natureza?

Vós, modellos de virtudes,  
Estas flores acceitai,  
São mimos de ternos filhos  
A sua Mãe e a seu Pai.

*No acto da entrega do lenço á S. M. o Imperador—por D. Maria Joaquina de S. Pedro Roza.*

Senhor! que vindes do throno  
O nosso collegio honrar  
Dando assim seguro abono  
Que ao ensino sabeis presar.

Nós vos saudamos contentes  
E humildes e reverentes  
Beijamos a Augusta Mão.  
Acceitai nossa homenagem  
Como sincera lingoagem  
Do que sente o coração.

He um pequeno tributo  
De nosso innocente amor,  
De nosso trabalho é fructo:  
Oh! desculpai-o, Senhor!  
Não lhe olheis a valia  
Que é nulla: a soberania  
Não está n'ella: está em vós.  
Perdão para a offerta pedimos  
Expressão do que sentimos,  
A off'renda falle por nós.

*No Paço á S. M. a Imperatriz—pela Professora  
Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança.*

Senhora! á vossos pés humilde venho  
Esta prova de affecto hoje depor,  
Não posso vos dar mais: mais nada tenho  
Que ingenua prova de sincero amor.

Prova de nosso amor, de nosso culto  
A vossos dons sem par, Anjo de Paz,  
Acceitai-o, que sois do Throno o vulto  
Que mais ditoso o seu Imperio faz.

Desculpai-me; não é offerta rica,  
D'arte o primor, Imperatriz, não é.  
É culto de um collegio que hoje fica,  
Entre as florestas a vos ver, de pé.

*No Paço—entrega das ofertas das duas meninas.*

Senhora! De Vossas Filhas  
De longe vos recordaes;  
Ellas são as maravilhas  
Do mundo, e a gloria dos Paes.  
Dellas tambem nos lembramos  
Agora, e lhes offertamos  
Do affecto nosso um penhor.  
De nossas almas fagueiras  
As Princesas brasileiras  
He prova de ingenuo amor.

## PONTE PARA O DESEMBARQUE DE SS. MM. NA CIDADE DE LARANGEIRAS.

Esta ponte, construída para o desembarque de SS. MM. no porto de Larangeiras, tem 60 palmos de extensão e 20 de largura. Tem 7 degraus de madeira, e um, que é o ultimo, de pedra, que é da extrahida do Aracaju, especie de marne que imita ao marmore branco.

A ponte está guarnecida de uma gradaria de páo até o ultimo degráo.

Foi posto na occasião do desembarque de SS. MM. tapete de baêta azul.

## PAVILHÃO JUNTO Á PONTE.

No fim da ponte, de que acima fallamos, foi levantado um pavilhão para a cerimonia do *Pax tecum* e a entrega das chaves.

Está sobre quatro columnas e tem a fórma quadrada. A altura das columnas é de 22 palmos. Cada lado do pavilhão tem 25 palmos de largura. Sobre as columnas, que estão forradas de branco com enfeites de setim verde e amarello, corre um plano que fecha o pavilhão pela parte superior. Sobre este plano eleva-se a cupula do pavilhão que se acha em harmonia com as columnas. A cornija está enfeitada com o mesmo gosto. O chão está alcatifado.

Do lado direito para quem desembarca está preparado devidamente um altar para a cerimonia do osculo no Santo Lenho.

Do lado esquerdo recitou o Presidente da Camara a sua allocução, a que S. M. respondeu com affabilidade como já dissemos.

Um numero avultado de senhoras enchia este pavilhão quando SS. MM. se ajoelharão no altar.

O pavilhão estava todo illuminado.

### PAVILHÃO NA PRAÇA DA MATRIZ EM LARANJEIRAS.

Na praça da Matriz, no angulo em que termina a rua que vem da ponte levantarão os artistas um arco em homenagem á Visita Imperial.

Este pavilhão é quadrado. Tem 20 palmos de cada lado. A altura das columnas é de doze palmos. Sobre a cornija elevão-se as columnas em fórma de SS, as quaes se reúnem no centro. No ponto em que se reúnem prendem um mastro, em cujo tope fluctua a bandeira nacional.

Todo o pavilhão está ornado como o da ponte do desembarque.

Fica visinho á casa em que se hospedou a comitiva de S. M. o Imperador, que é a do Presidente da Camara.

O pavilhão tem o chão forrado de tapete. Foi todo illuminado.

### VOLTA DE SS. MM. DE LARANJEIRAS.

A noite do dia 15 no Aracaju foi de inexplicavel anciedade e contentamento.

Quando SS. MM. na vespera tinhão ido de Maroim para Laranjeiras o vapor *Pirajá* encalhara á grande distancia desta cidade. O vapor *Aracajú* que sob o commando do Sr. Capitão do Porto na tarde no dia 15 trouxera a reboque a galeota em que viera o Sr. Feijó gravemente doente, acompanhado do Dr. Luiz Alves dos Santos que com o Sr. Dr. Propicio ficara encarregado de seu tratamento no Aracaju, voltou pouco depois para Laranjeiras com cincoenta homens afim de tirarem o *Pirajá* do lugar onde estava encalhado na margem meridional do rio. Todos os esforços feitos na preamar da manhã tinhão sido baldados. Suppunha-se difficil o resultado da empresa.

Em Aracaju pois havia um sentimento indefinivel. Incerteza e esperança, dôr e prazer, anciedade e contentamento.

Ao anoitecer os cidadãos se forão agglomerando na costa e na ponte do desembarque. De olhos fitos nas aguas do rio, a vista se prolongava insensivelmente

para o lugar d'onde esperavão que apparecesse o *Pirajá*, conduzindo os dous penhores das affeições populares. E o que mais admirava era que neste ardor, neste desejo inexplicavel tomavão parte activa a porção mais delicada do mundo—as senhoras.

A's 10 horas da noite no meio das saudosas despedidas do povo Larangeirense tinhão-se embarcado os Imperiaes Viajantes.

A's 11 horas da noite, felizmente, o *Pirajá* foi desencalhado no meio das mais estrepitosas acclamações que terminavão pelo grito de—*Viva o Imperador!*

Fez-se de rumo para o Aracaju sendo acompanhado pelo vapor a reboque.

A 1 hora e meia da madrugada SS. MM. vão desembarcar.

Pouco antes uma girandola de foguetes tinha annuciado a approximação do *Pirajá*. A cidade estava toda illuminada. O pavilhão branco com suas luzes formando como uma corò de brilhantes se espelha no rio.

É a virgem *bianca de bianco vestita* caminhando de noite as deshoras pelos desertos das solidões que a imaginação de Ossian soube tão felizmente pintar.

Estão tambem illuminados o castello da praça, a gradaria da ponte de desembarque, o portão da praça forte, em que termina a ponte, e todas as casas da cidade.

Do lado opposto a Barra dos Coqueiros com fachos de luzes faz desenharem-se nas aguas os vultos varonis dos coqueiros, como os antigos maioraes das tribus sacudindo nas margens dos rios seculares os seus pennachos galhardos e esbeltos.

No meio do rio se balouça illuminado o *Apa*, meneando orgulhoso a pôpa magestosa no meio das luzes variadas que o illuminão. Procurão, invejosas, imital-o as outras embarcações com suas luminarias.

Chega a formosa sylphide das aguas caminhando feiticeira, trazendo accesas tigellinhas de mixto, que dão luzes de côres diversas, vermelha, verde, azul, amarella, escarlate.

É o *Pirajá*.

Dir-se-hia uma fada, na solidão da noite, no meio de seus mysterios, fazendo prodigios.

E de certo. O Cotinguiba nesta hora, em frente da cidade, é o *lago das fadas*.

Vão desembarcar SS. MM. É 1 hora e meia da madrugada.

Sobem ao ar os foguetes. O castello da praça dá as salvas do estylo.

A's luzes que se reflectem nas aguas unem-se estas outras que vão surgir como perylamos na vastidão dos ares acompanhadas do estampido dos foguetes. É uma tridua illuminação — na terra, no mar e nos ares.

Essa trindade une-se com a illuminação do Céu—as estrellas—que nessa hora solemne tinham um fulgor sublime.

Retumba o hymno.

A's harmonias suaves da musica liga-se o brado estrepitoso dos vivas dados pelas senhoras, que em duas alas formão na ponte, esperando SS. MM., e pelos cidadãos que de archotes accesos as acompanhão. É um grito unisono—o estrondo dos foguetes, as notas da musica e as aclamações populares.

É uma harmonia encantadora no silencio mysterioso da solidão da noite. Tudo se animava n'aquella hora solemne. SS. MM. caminhão para o Paço, acompanhados das senhoras e dos cidadãos que trazem archotes accesos, e recolhem-se no meio das saudações do povo.

A primeira pergunta do Imperador ao chegar no Paço é sobre a saude do secretario do Ministro do Imperio. Uma pessoa é immediatamente mandada á casa onde estava a comitiva, a ter noticias do doente, Os dous medicos, o Dr. Luiz Alvares e o Dr. Propicio, que tem escripto o bolletim do estado do doente, informão minuciosamente, satisfazendo assim ás perguntas mandadas fazer por S. M. o Imperador.

S. M. destina o resto da madrugada a algum repouso e aos preparativos para a viagem ao Pomonga e Japarutuba, que se effectua ás 5 e meia horas da manhã.

## VISITA DE S. M. O IMPERADOR Á CIDADE DE S. CHRISTOVÃO.

A antiga Capital da Provincia de Sergipe não podia deixar de receber a visita do Monarcha. Attencioso para todos os seus subditos, elle quiz visitar todas as Cidades da Provincia de Sergipe. Pretendia visitar São Christovão levando em sua companhia a Augusta Imperatriz. A difficuldade porém da entrada da barra do Rio Vaza-barris muito razoavelmente antolhada impediu que este plano se effectuasse litteralmente e assim S. M. o Imperador resolveo-se a ir por terra do Aracajú a São Christovão. Por mais grata que fosse a visita do Imperador a São Christovão, a noticia de que S. M. a Imperatriz não iria tambem áquella Cidade, contristou aos habitantes.

E' que o amor do povo é tão nobre, quanto expansivo. A Monarchia está consubstanciada no par Augusto, a quem estão entregues os destinos do Brazil. O povo liga ás duas pessoas o amor que vota a Monarchia. Assim a certeza de que São Christovão não seria honrado tambem com a presença da Imperatriz foi uma nuvem de tristeza que turvou os corações que anciosos esperavão a visita Imperial. Uma representação foi apresentada em Larangeiras a S. M. o Imperador pedindo a ida da Imperatriz. O Imperador não poude defirir-lhes. A' dôr porém achou o linitivo na honra que ia dar a São Christovão o Imperador. No dia 17 ao amanhecer S. M. partio para São Christovão.

As 5 horas estavam em frente do Paço no Aracajú um grande numero de cavalleiros que ião acompanhar o Imperador. Apezar da fadiga das successivas viagens, S. M. ia nesse dia a São Christovão. Um numero de cavallo, convenientemente ajaesados esperava a comitiva Imperial. O cavallo destinado a montaria de S. M. estava no meio d'aquelles á porta do Paço.

As 5 e 1/2 horas da manhã S. M. montou, e seguio pela estrada do Campo Grande para São Christovão, acompanhado de sua comitiva, e de todo o sequito

de cavalleiros. S. M. traja paletot preto, calça branca, chapéo de palha e botas de montaria.

Acompanhão a S. M., além de sua comitiva o Sr. Presidente da Provincia, o seu Secretario, o Sr. Chefe de Policia e muitos cavalleiros.

O forte da Praça salvou: os foguetes subirão ao ar: a musica retumbou nas margens do Cotinguiba. O povo que ja estava acordado respondeu com as suas acclamações do estylo. Nos areiaes que circulão o Aracaju houve um engano dos batedores, que ahi errarão o caminho; mas isso foi de pouca monta, pois aquellas vastissimas planicies de areia, onde surgem formosos oasis no meio da esterilidade não podem deixar de merecer a contemplação do viajante. E si ninguem se dispõe a ir percorrel-os voluntariamente, o erro do caminho nas estradas que ahi se crusão traz em paga a consolação de ver aquelles areiaes: o que começou mau grado, acaba-se então com prazer.

O sol nascia, derramando seus raios com toda a magestade do Sol dos tropicos. Ahi veio-nos a memoria a bella poesia do Sr. Franklin Dorea—o Sol nascente—e repetimos comnosco aquellas estrophes lindissimas :

O halito de Deus o sol accende,  
E o sol o manto de oiro preste estende  
Sobre o ether azul, e a terra e o mar:  
Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,  
Se espreguiça, se agita, se alevanta,  
Ao seu ardente e penetrante olhar.

As nuvens são corseis que dispararão  
Da arena afogueada que formarão  
As faixas do horisonte em combustão:  
Freios partidos pelo ar galopão;  
Sangue vivo escumando ora se topão,  
Ora em procura do infinito vão.

Lamentamos que não tivessem preparado a estrada: era um beneficio, cuja efficacia duraria. O Imperador ia em um formoso ginete. Estava affavel como nunca. Tratava com muita familiaridade a alguns dos Cidadãos que o acompanhavão. E' como deve ser



o Monarcha. A etiqueta continuada, permanente é um pezo para os corações bem formados, como o do Senhor D. Pedro II.

Na baixa do *Valle do Médo*, que fica 1½ legua distante de São Christovão era S. M. o Imperador esperado pelo Coronel Domingos Dias Coelho e Mello, um dos mais ricos proprietarios da Provincia, varão maior de 68 annos. Estava no grande uniforme da patente militar que tem, e acompanhado de seus filhos, genros e outros muitos Cidadãos, que tinham vindo a cavallo da Cidade de São Christovão para ahí receberem S. M. o Imperador. Quando o Imperador chegou a este lugar foi saudado com vivas a SS. MM. Imperiaes.

O Imperador agradeceu com affabilidade que lhe é innata, e que neste dia patenteava-se extraordinariamente. Quando o Imperador entrou na Cidade erão 7 horas e 55 minutos. A distancia percorrida tinha sido de 5 leguas. Estava toda ornada de arcos a Cidade, feitos de folhagens e bandeiras. As ruas limpas e alcatifadas de junco.

Todas as casas estavam aceiadas, tendo as janellas ornadas de colxas. Das janellas as Senhoras e meninas espargindo flôres sobre o Imperial Viajante, acompanhavão este acto com vivas entusiasticos, com aclamações prasenteiras e sinceras. A antiga Capital se apresentava enfeitada, ostentando suas graças e donaires como a matrona que se enfeita esperando occupar em um salão de baile o lugar que em outro tempo occupara orgulhosa e altiva.

A divisão da Guarda Nacional commandada pelo Sr. Senador Antonio Diniz de Siqueira e Mello, formava alas desde a entrada da Cidade até o Paço.

A parada compunha-se de 3 brigadas. A 1.<sup>a</sup> brigada era commandada pelo Tenente Coronel José Guilherme da Silveira Telles. A 2.<sup>a</sup> pelo Sr. Tenente Coronel Domingos Dias Coelho e Mello Junior. A 3.<sup>a</sup> pelo Sr. Tenente Coronel Manuel Gaspar de Mello Menezes. As praças erão em numero de 1,200. Dessas 476 tinham sido fardadas, as que compõe o 3.<sup>o</sup> batalhão, pelo seu Commandante Domingos Dias Junior. Ao entrar o Imperador houve uma salva de Artilhe-

ria, e o estrondo dos foguetes do ar. As acclamações populares acompanharão estas saudações do estylo, e assim forão continuando, até que ao apeiar-se S. M. no Paço foi recebido ahi pela Camara Municipal e mais authoridades locaes. Subiu S. M. ao Paço, que foi o antigo Palacio da Presidencia em São Christovão. Foi ahi, em uma Capella convenientemente preparada a cerimonia ao osculo do Crucifixo. O Crucifixo era de um rico lavor. Era a Imagem do Crucificado toda de prata. Os raios, e os outros apparatus são de ouro: a Cruz é de jacarandá. Esta Imagem foi outr'orados padres Jesuitas, e é hoje do Sr. Francisco Dias Coelho e Mello. Ao lado do Crucifixo no Altar estão as Imagens de Nossa Senhora da Conceição e do Pilar. O Paço estava ricamente preparado. Era o mais sumptuoso de todos da Provincia.

O Sr. Francisco Dias Coelho e Mello pediu licença a S. M. o Imperador para ser por elle offerecida a S. M. Imperatriz uma Imagem feita toda de pedra, ao que o Imperador se dignou acceder. A Imagem é de Santa Roza Mystica: a peanha representa uma rosa cercada de botões da mesma flôr.

Apenas S. M. mudou as roupas de viagem sahiu para orar na Matriz. Erão 9 horas da manhã. A tropa estava em alas, desde o Paço até a porta da Igreja.

A Igreja Matriz de S. Christovão foi erecta no tempo dos Philippes de Castella. Tem sido diversas vezes reparada. Ultimamente, quando se fazião alguns reparos no tecto, este desabou todo, desde a porta da Igreja até o arco cruzeiro. A piedade dos fieis, instigada pelo desejo da recepção imperial, effeituou prodigios. Em menos de 20 dias a Igreja foi coberta convenientemente, e no dia da entrada do Imperador, ninguem diria que fôra aquelle mesmo edificio, que tinha soffrido tão lamentavel desastre, um mez antes. A Igreja estava ornada com simplicidade, denotando todo o zelo que houve em apromptal-a para a augusta cerimonia, que ahi devia ter lugar.

S. M. declarou ao Sr. Vigario que dispensava o Te-Deum, que preparavão em acção de graças.

Depois de ter orado S. M. voltou para o Paço, onde almoçou.

A mesa estava preparada com azeite e profusão.

Além da comitiva de S. M. tiveram a honra de sentar-se á mesa do estado o Sr. Presidente da Provincia, o Sr. Chefe de Policia, o Deputado da Provincia Barros Pimentel, e os Srs. Commendador Sebastião Gaspar de Almeida Boto, Francisco Dias Coelho Mello, o Dr. Francisco da Silva Freire, bem como o Sr. Roberto Francisco de Carvalho, Commandante da Guarda de Honra, a qual foi prestada pela Guarda Nacional

Um pouco depois S. M. sahio e visitou a Igreja da Misericordia, percorrendo todas as suas divisões.

Depois entrou no Hospital, visitando as enfermarias, dirigindo aos doentes uma palavra de affecto, um gesto de consolação.

Foi até á cozinha, e pediu informações sobre todas as particularidades do estabelecimento.

Ao sahir do Hospital foi saudado com acclamações estrepitosas.

Em seguida foi ao Convento de S. Francisco. Orou na Capella mór. Depois passou a observar o claustro. Subiu todos os andares, indo ao salão, onde foi a Bibliotheca Publica, que ja hoje não existe senão em miniatura no Aracaju, em uma sala do archivo da Assembléa Provincial; notou que a Provincia ja não tivesse Bibliotheca regular: foi ao salão em que foi a Assembléa Provincial. De todos esses logares procurou gosar os differentes pontos, que das janellas a vista descortina para o lado do rio Paramopama, e as baixas em que se formão as sallinas pelas aguas vindas pelo rio Comprido.

O convento de S. Francisco attesta o zelo dos antigos fieis na edificação dos Templos. Edificada a nave da Igreja com todo o esmero apresenta o bello aspecto do convento de S. Francisco de Paraguassú na Bahia. Foi neste convento que residiu um religioso, fallecido o anno passado, que poucos minutos antes de expirar compoz uma poesia. Chamava-se Frei José de Santa Cecilia. Hoje ha apenas dous religiosos nesse Convento.

Sahindo do Mosteiro, S. M. foi visitar a Ordem Terceira de S. Francisco. Percorreu todas as carneiras, tendo antes visitado a Sacristia.

D'ahi foi visitar a aula de primeiras letras, cujo Professor é o Sr. Francisco José Gomes. Pediu o livro das matriculas e examinou-o, tomando algumas notas. Arguiu a tres meninos, os quaes mostrarão pouco adiantamento.

Perguntando ao Professor os motivos d'aquelle atrazo, respondeu elle a S. M. que os alumnos não comprehendião suas explicações. Notando S. M. o atrazo em que se achavão os alumnos a respeito das quatro operações da arithmethica e fazendo sobre isso uma reflexão ao Professor, este desculpou-se dizendo que isso acontecia porque os meninos não tinham compendios. A isso disse-lhe S. M. « Ensine-lhes o senhor: o melhor compendio é o Professor. »

Estas palavras cahidas dos labios do Imperador n'aquelle recinto devem servir de um protesto solemne contra o deleixo do Professorado da Provincia. A infancia cumpre dar a instrucção por meio da palavra animada, viva, transmittida pelo ardor da vocação do Professor. Não é dar-se-lhe um livro e querer que o pobre menino leia, releia, e rumine idéas que elle só por só não pode colher. Cumpre ao mestre descer ao alcance da intelligencia infantil; traduzir por assim dizer a linguagem obscura do livro; animar com sua palavra a letra morta do papel; verificar o escripto, transmittir a idéa da palavra ao alumno, que a não ser este esforço do Professor, passará, como se não passasse, pela pagina do livro, lerá, como se não lesse, o que está escripto no papel.

É essa a tarefa do Professor: é a gloriosa missão do ensino. Não se esqueça mais aquelle axioma do Imperador: « O melhor compendio é o Professor. » Estas palavras sós por sós resumem todos os tratados sobre a Instrucção publica. Ellas resolvem o grande problema do ensino. Por ellas transpirão as idéas da civilisação hodierna sobre o grande destino do Mestre em seu ministerio.

É um reflexo sagrado do pensamento de Lhermier: « Derramai a instrucção sobre a cabeça do povo: vós lhe deveis esse baptismo. »

Depois de ter examinado os tres alumnos, S. M. mandou que o Professor arguisse sobre a doutrina christã

e attendeu com o maior cuidado ás perguntas feitas e as respostas dadas.

Sahindo desta aula foi S. M. á Egreja do Rosario, onde fez oração.

Ao passar pela Egreja do Senhor das Misericordias, que ainda está por concluir, perguntou qual a invocação, e depois de obter a resposta continuou em seu caminho.

Foi á Egreja e ao Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Barbadinhos. Este Mosteiro fica na extrema da cidade em uma posição agradável. A Egreja está construída com aquella simplicidade magestosa que dá aos Templos a grandeza pura e singela da Religião Christã. É edificada pelo mesmo gosto por que são construídos os Templos dos Barbadinhos. É esta singeleza de construcção que dá tambem tanta belleza á Matriz do Aracajú, a Egreja de S. Salvador, construída ha poucos annos, unico lugar de Sergipe onde S. M. aceitou o *Te-Deum*.

Depois S. M. foi á Egreja do Amparo, onde visitou todas as divisões do edificio.

Sahindo d'ahi foi ao Convento do Carmo; depois de ter examinado a Egreja, procurou o lugar em que foi neste Convento o extincto Lyceu da Provincia, visitando a sala das congregações e das aulas. D'ahi passou a percorrer o edificio da Ordem Terceira.

Pouco depois foi á aula de Latim que é regida pelo Rev<sup>mo</sup> Sr. Padre José Roberto d'Oliveira, que foi o professor desta disciplina no Lyceu extincto. S. M. arguiu a alguns alumnos, fazendo-os traduzir Horacio e o Cicero.

Da aula de Latim S. M. foi ver a aula de primeiras letras para o sexo feminino sob a direcção da Professora publica D. Maria Ponce Souto Maior. Arguiu a tres meninas que mostrarão algum aproveitamento, encarregando S. M. á Professora de fazer perguntas sobre doutrina Christã.

Esta insistencia do Imperador para que os Professores arguão n'esses elementos do Cathecismo é muito proficua. Conhece-se do zelo do Professor em derramar no meio d'essas intelligencias infantis as sementes da Religião, que é a base da instrucção publica. De fei-

to cumpre formar esses corações, moldando-os no cadinho da doutrina e da fé. Releva pois fazer-lhes comprehender estas verdades, ainda que não seja senão pelo habito, que se lhes faça repetir as phrazes da doutrina que mais tarde comprehenderão.

D'esta aula passou para a de meninos, regida pelo Padre José Antonio Correia. Nesta aula, tendo feito algumas perguntas a diversos alumnos, viu que esses apresentavão algum aproveitamento, satisfazendo todos elles ás questões que forão propostas. S. M. pareceu satisfeito.

D'ahi foi visitar a Capella de S. Miguel e recolheu-se ao Paço, dando beija-mão á Camara Municipal e a muitos outros cidadãos.

Depois do jantar, a que forão convidados os mesmos cidadãos que acima dissemos, S. M. sahiu a cavallo e visitou o cemiterio e a Casa do Mercado.

A's 6 horas e meia da tarde recolheu-se. A' noite deu beijamão, a que concorrerão muitos cidadãos.

Nessa occasião uma porção de meninas vestidas de branco, com grinaldas de flores na frente, subirão ao Paço e cantarão em presença de S. M. um hymno, findo o qual tiverão a honra de beijar a sua augusta mão.

No centro da praça da Matriz havia um palanque que tinha sido levantado ás expensas dos artistas. Para elle se subia por duas escadas de 13 degráos. O palanque se eleva sobre 8 arcos e termina em um pavimento. Cobre esses ha 4 columnas e uma cupula de um lado, formando uma especie de docel.

Este kiosque era enfeitado de cambrinha verde e encarnada. Não attestava arte, nem gosto architectonico. A' noite foi illuminado. O clarão das luzes na ordem em que estavão dispostas, davão-lhe uma belleza que elle por si não tinha.

Toda a cidade illuminou-se á noite. A quem entrava então por terra pelo lado da Igreja dos Barbadinhos, a cidade representava uma vista encantadora. Era como um candelabro de myriade de luzes surgindo no meio das florestas.

A's 10 horas da noite S. M. recolheu-se.

Ao amanhecer do dia 18 de Janeiro S. M. partiu pa-

ra o Engenho Escurial onde almoçou, chegando de volta a S. Christovão ás 11 horas do dia. Este engenho dista de S. Christovão quatro leguas.

Recolhido ao Paço S. M. foi tomar algum repouso, bem como a comitiva.

A's 4 horas da tarde sahiu para o Aracaju, acompanhado de muitos cavalheiros, que lhe formarão sequito até a capital. Erão os mesmos cavalheiros que pela manhã o tinham acompanhado, e parte dos que o receberão no Valle do Medo.

As aclamações saudarão ao Imperador até que elle deixou a antiga capital da Provincia.

S. M. dignou-se aceitar umas flores de panno muito bem feitas, que representavão as naturaes: erão 2 pés de espirradeiras, 2 cestas com flores diversas e 1 pé de jasmim.

Em S. Christovão deixou S. M. de esmolas 2:000# para os pobres e para a Misericordia 3:000#.

A's 7 horas da noite entrou S. M. no Aracaju, onde foi recebido com os brados enthusasticos do povo, que o saudava.

Foi neste dia que a guarda de honra no Aracaju teve por porta bandeira o Vice-consul do Uruguay. A' noite S. M. deu beijamão, a que concorrerão muitas pessoas. Era a despedida. Tinha de partir no dia seguinte pela manhã.

*Allocução dirigida á S. M. I. pela Camara Municipal da cidade de S. Christovão.*

SENHOR!—A Camara Municipal da cidade de S. Christovão tem a subida honra de depositar nas Augustas Mãos de V. M. I. a chave desta mesma cidade, symbolo do poder e da segurança que em seu Imperador reconhecem os Brasileiros.

Senhor, esta Camara que por Lei é o legitimo orgão de seus municipes, não tem expressões bastantes com que hoje demonstre seu enthusiasmo e reconhecimento pela honrosa visita que seus Soberanos se dignarão fazer á esta Provincia.

Se os Brasileiros encontrão sempre em V. M. I. o mais seguro garante de suas liberdades e dos mais di-

reitos de que gosão pelo systema politico jurado, esta importante occorrença lhes assegura ainda mais esta verdade, recebendo elles como um favor do Céu Aquelles que não contentes com a expedição de ordens, quizerão ver com os seus proprios olhos aos seus fieis subditos, e pessoalmente prover suas necessidades, como o Pae desvelado que só se apraz quando junto á si vê seus filhos.

Praza a Deus, Senhor, que a solidez do vinculo, que perpetuamente vos liga aos Brasileiros, mereça as bençãos dos Céos, aos quaes esta Camara dirige as mais ardentes preces pela preciosa vida, paz e prosperidade de V. M. I., da Augusta Imperatriz Vossa Virtuosa Consorte, e da Familia Imperial, e em nome de seus municipes vos assegura a mais sincera adhesão e fidelidade ao governo de V. M., firmado nas solidas bases da Constituição Politica do Imperio, que adoptamos, e que procuraremos manter, ainda com o sacrificio da propria vida.

A Camara pede a V. M. I. licença para depositar em Vossas Augustas Mãos esta supplica dos seus municipes, o que V. M. tomará na consideração que merecer.—*João Baptista da Lapa Trancoso.*—*Silvio Anacleto de Souza Bastos.*—*José da Matta Rebello.*—*José Pedro d'Oliveira.*—*José Joaquim de Sant'Anna.*—*Luiz Antonio de Queiroz.*—*Antonio d'Almeida Lacerda Rocha.*—*Francisco Luiz d'Azevedo.*—*José Guilherme Machado d'Araujo.*

*Felicitação que a S. M. I. dirigiu a commissão encarregada de sua recepção na cidade de S. Christovão.*

SENHOR!—A commissão encarregada do recebimento de Vossa Magestade Imperial e da Augusta Imperatriz do Brasil nesta parte da Provincia, tem a subida honra de apresentar-se ante Vossa Magestade Imperial, e, como orgão dos vossos subditos desta localidade, de fazer-vos comprehender quaes os nobres sentimentos que sinceramente nutrem acerca da Pessoa e do Governo de V. M. I.

Senhor! Os habitantes da amena localidade de S. Christovão crêem profundamente que os attributos



pessoas do seu Imperador são inseparáveis da Monarchia, são dogmas politicos consagrados por justo e irrecusavel interesse publico; e nesta profunda convicção existe a segurança do seu amor, respeito e dedicação á pessoa de V. M. I. E se elles rendem a mais sincera homenagem á esta verdade ensinada pela mais madura e reflectida sabedoria, e da qual depende a prosperidade das Monarchias, é justamente porque, ligada ella por nós reciprocos ao Governo de V. M. I., lhes faz reconhecer pelos factos que o systema Constitucional Representativo que os rege é uma realidade, e que esta importante these politica é por V. M. I. desenvolvida em publico proveito da Nobre Nação, em que tem a fortuna de imperar.

Senhor! Se aos Christovenses faltão recursos com que demonstrem a importancia em que avalião a Visita de V. M. I. e da Augusta Imperatriz do Brasil, sejam elles suppridos por suas ingenuas intenções, pela mais solemne e publica confissão que fazem de sua fiel adhesão á Dynastia Imperante, aos principios de ordem, justiça e egualdade, elementos nutridores da segurança e prosperidade do Imperio: elles cordialmente vos amão e por isso são dignos da vossa protecção.—*Domingos Dias Coelho e Mello.*—*Antonio Dias Coelho e Mello.*—*Sebastião Gaspar de Almeida Bôto.*—*José Guilherme da Silveira Telles.*—*Vigario Geral Conego Ignacio Antonio da Costa Lobo.*—*Vigario Parochial José Gonçalves Barroso.*—*Pedro Muniz Telles de Menezes.*—*Francisco da Silva Freire.*—*Pedro Leopoldo de Araujo Nabuco.*—*João Baptista da Lapa Trancoso.*—*Marcellino Pereira de Vasconcellos.*—*Antonio Fernandes de Souza.*—*Seraphim Alves d'Almeida Rocha.*—*Silvio Anacleto de Souza Bastos.*—*Francisco da Motta Rebello.*—*Vigario de Itaporanga José Evangelista de Campos.*—*Felisberto de Oliveira Freire.*—*Gonçalo Vieira Dantas.*—*Delfino Gaspar d'Almeida Bôto.*

### DESCRIPÇÃO DO PAÇO DE S. CHRISTOVÃO.

O Palacio, que outr'ora servia para a residencia dos Presidentes da Provincia, na antiga Capital de Ser-

gipe, foi o destinado para servir de aposento a SS. MM. II. quando fossem a S. Christovão.

Esse edificio fica ao lado esquerdo da praça para quem entra na Cidade, vindo do Hospicio da Piedade. Está situado defronte da Igreja de S. Francisco.

A Commissão de recepção em S. Christovão esmerou-se por tornar aquelle edificio digno dos Hospedes Imperiaes.

O exterior do Palacio foi aceiado e pintado convenientemente.

A entrada dá para uma bella escada de dezoito degraus.

O lagado do peristylo é da pedra da Provincia, *marne*—que imitta o marmore branco.

Finda a escada atravessa-se um corredor ou galeria que dá entrada para todos os aposentos do edificio.

Entrando-se pela direita, chega-se na sala do docel. Esta é vasta, tendo de largura 41 palmos, e de comprimento 170 pouco mais ou menos. Está toda alcatifada de tapetes de lavores diversos. As paredes forradas de papel pintado. Do tecto pende um lustre de 8 luzes. As janellas estão guarnecidas de cortinas de chamalotes verde e amarello, com sanefas de setim encarnado, presas por flôres de metal dourado. Os portaes estão fornecidos de arandelas.

No fundo da sala está preparado o Throno. E' um rico docel, com espaldar feito de setim verde, bem como os tres degraus. O espaldar e os seus appendices estão orlados de galão de ouro. No docel estão duas cadeiras de jacarandá com espaldar estufado de veludo carmesim, bem como de veludo carmesim são os assentos. As presilhas que segurão os assentos e os encostos são douradas. As cadeiras são de um trabalho delicadissimo. Forão as que servirão na Bahia no pavilhão levantado pela Camara Municipal na Capital dessa Provincia, quando SS. MM. ahi descançarão. Forão as primeiras em se sentarão SS. MM. em sua viagem pelo Norte do Imperio, pois foi a Bahia a primeira Provincia visitada.

Ao lado de cada uma dessas cadeiras está um bofete forrado de setim escarlata agaloado de ouro. Do

alto cahem duas cortinas de setim verde, tambem orladas de galão de ouro. Este docel estava destinado para S. M. o Imperador e para S. M. a Imperatriz.

Da galeria, voltando-se em direcção para o plano superior á entrada, dá-se na sala de recepção. Esta está alcatifada tambem de tapete, e forradas as paredes de papel pintado de côr verde. A mobilia é de Gonçalo Alves a Luiz XIV. Ha no centro uma mesa da mesma madeira, contendo uma serpentina de bronze dourada. Do tecto que está pintado de branco pende um lustre de 6 luzes, de bronze. Sobre o sophá fica um rico espelho de moldura muito bem trabalhado, e dourado com muito gosto. As janellas estão guarnecidas de renda branca com sanefas de setim côr de roza, prezas por flôres douradas. As portas tem cortinados de chamalote como as da sala do docel. Os portaes estão guarnecidos de arandellas de vidro. Sobre um consolo ha um relógio de ebano em fôrma de semi-ellipse, terminando por uma figura, que sentada sobre o mostrador aponta com o dêdo index para um livro, com o titulo—*Confessions de J. J. Rousseau*—tendo defronte uma estantesinha de livros. Ha junto aos sophás tapetes de pelle de Onça, e de gato montez, orlados de setim. Desta sala se passa para a sala do docel, para o quarto da Imperatriz e para a capella.

A capella fica á esquerda de quem entra na sala de recepção, ficando situada entre essa e a sala do docel. Está forrada de papel e tapeçada. Defronte da porta está o altar com a Imagem do Senhor Crucificado. Aos lados dessa Imagem que está levantada sobre um calvario de jacarandá, ficão as Imagens de Nossa Senhora da Conceição, e de Nossa Senhora do Pilar. Junto dessa ultima está um Crucifixo pequeno todo de prata, que foi dos Jesuitas. Foi esse o offerecido a S. M., como dissemos na discripção da recepção em S. Christovão.

O quarto de S. M. o Imperador, que fica para o lado direito a quem entra, havendo para elle entrada pela sala de recepção está todo alcatifado de tapete de ricos labores. As paredes estão forradas de lindo papel pintado. A mobilia neste quarto é toda de pau

setim. A cama é de um trabalho perfeitissimo. Ha junto della uma *table de nuit* da mesma madeira. O toilet tem ricos vasos de porcellana. O lavatorio tem jarro e bacia de prata, pendendo junto desses duas tualhas de cambraia. Tambem de cambraia erão os lençoes. Os travesseiros são de seda, com fronhas de cambraia bordada. A colcha é de gorgurão lavrado. O cortinado é riquissimo.

Contiguo ao quarto de S. M. o Imperador fica o quarto de S. M. a Imperatriz. Este tem o chão todo alcatifado de tapete. As paredes estão forradas de papel bordado com flôres. O tecto está forrado de setim côr de roza.

A mobilia é de Sebastião de Arruda. Consta de cama, toilet, consolos, lavatorios, e *tables de nuit*. Os lençoes de cambraia. Travesseiros grandes, de seda côr de roza, e os pequenos de seda azul. De cambraia são as fronhas. Sobre os consolos estão duas jarras de porcellana finissima, contendo flôres de panno de um trabalho superior. Essas flôres constituem um primor de arte. Ha tambem castiçaes de prata lavrada. O cortinado da cama é de setim côr de roza. Sobre o toilet estão objectos proprios, de porcellana verde e de prata. Junto a cama está um tapete de pelle de lontra, orlado de setim côr de roza.

Continuando pela galeria em direcção a parte posterior do edificio entra-se a esquerda na sala de jantar. Ahi vêem-se ricos aparadores: sobre elles diversos serviços de porcellana, e 12 salvas de prata, com tres bandejas do mesmo metal.

No centro está a mesa de estado. Em direcção della, distante uma braça fica a mesa imperial. Nesta mesa ha duas grandes jarras de prata, de rico lavor, contendo flôres. A louça é de porcellana dourada: os talheres de prata. Ha profusão de iguarias, que são delicadas, bem como os vinhos. Ao lado está uma bacia de prata muito bem trabalhada sobre um lavatorio, junto do qual pendem duas tualhas de cambraia finissima.

A mesa de estado está fornecida de abundantes iguarias, doces e fructas. A sala de jantar é muito arejada, cercada de janellas. D'alli passa-se para a des-

pensa. Do lado direito do corredor ficão os aposentos para a comitiva, os quaes estavão convenientemente preparados.

### VISITA AO ESCURIAL.

No dia 18 ás 6 horas da manhã partiu S. M. o Imperador acompanhado de sua comitiva, do Exm. Sr. presidente da Provincia e do Sr. Chefe de Policia para o Engenho Escurial, propriedade do Sr. Antonio Dias Coelho e Mello,

Durante todo o caminho affluia o povo para as orlas da estrada afim de saudar com os seus brados ao Imperador.

Passando S. M. pela Villa de Itaporanga foi festejado por girandolas de foguetes, que subirão ao ar, e por estrepitosos vivas.

As 7 horas e meia da manhã chegão ao Engenho, onde foi S. M. recebido com todo o enthusiasmo, foguetes e aclamações estrondosas.

O caminho estava enfeitado por arcos de folhas naturaes com festões de flores. Chegando ao Engenho, S. M. assistiu ao trabalho da machina. Este Engenho móe á agua. O Imperador visitou todos os departamentos do edificio.

S. M. fez á respeito algumas reflexões que demonstrarão quanto é entendido neste ramo da industria agricola. Depois foi aos cannaviaes, onde viu trabalhar o *cultivador*, especie de arado que por si faz o serviço de muitos homens. O Imperador elogiou este melhora-mento introduzido na agricultura, que serve para tantos mysteres, como seja amanhar o terreno, limpar a canna, &c., e que deve ser aproveitado.

Todo o gado do engenho tinha sido reunido em um espaço. S. M. mostrou-se muito contente de ver o modo porque no Escurial são cultivadas as diversas raças do gado vaccum, cavallar e lanigero, os quaes todos tem neste engenho apresentado uma procreação utilissima, em razão do esmero do seu proprietario.

Depois S. M. serviu-se do almoço que lhe tinha sido offerecido pelos proprietarios.

Tiverão a honra de tomar parte nesse almoço, além da comitiva, os Srs. Presidente da Provincia, Chefe de Policia, Senador Diniz, Deputado Barros Pimentel, Brigadeiro Horta, José Matheos Leite Sampaio, Capitão Gonçalo Vieira Dantas, Major Seraphym Alves de Almeida Rocha, Tenente Coronel Manuel Gaspar, Major João de Aguiar Boto, Antonio Diniz Dantas, Comendador Sebastião Gaspar de Almeida Boto, Dr. Silvio Anacleto de Souza Bastos, Major Pedro Muniz Telles de Menezes, Tenente Coronel Pedro Leopoldo Nabuco de Araujo, e alguns outros cavalleiros, cujos nomes não nos chegarão ao conhecimento.

Tiverão a honra de servir a mesa á S. M. os Srs. Antonio Dias Coelho e Mello, Domingos Dias Coelho e Mello Junior, Francisco Dias Coelho e Mello, José Rodrigues Coelho e Mello, e Domingos Dias Coelho e Mello Pai.

As 9 1/2 S. M. retirou-se, chegando as 11 e 1/4 a São Christovão.

O Imperador durante todo o caminho pedia informações a respeito do systema mais usado para preparar o assucar na Provincia, fez a respeito algumas reflexões, denotando que tem as melhores ideias a respeito dos melhoramentos, a que tem direito este ramo da agricultura do paiz.

Olhando para os terrenos, que bordão a estrada, e para a vegetação fez S. M. algumas observações, que provarão os conhecimentos que teve da Historia Natural.

Foi o *Escurial*, o unico engenho que na Provincia de Sergipe teve a honra de ser visitado por S. M. o Imperador: cumpre aos seus proprietarios procurar fazer que elle corresponda áquella attenção, fazendo progredir a agricultura, melhorando cada vez mais os systemas, pelos quaes o assucar se prepara, afim de que possa um dia o—*Escurial*—ser um engenho modello.

## VIAGEM DE S. M. O IMPERADOR AO CANAL QUE DEVE LIGAR OS RIOS POMONGA E JAPARATUBA.

Ha na Provincia de Sergipe um valle de excessiva fertilidade, a que está ligada a origem da riqueza futura da Provincia. São as uberrimas planicies do Japaratuba. Abrir a navegação desde este valle até a barra do Cotinguiba é um serviço de espantoso alcance para esta Provincia. E' esta a obra que tem sido comprehendida, e continuada por duas Administrações, que tem feito grandes serviços á Provincia de Sergipe. Foi a Administração do finado Dr. João Dabney de Avellar Brotero, e a actual do Exm. Sr. Dr. Manuel da Cunha Galvão.

Temos diante dos olhos a planta desta obra utilissima, sob o titulo—« Projecto de um canal de navegação entre o Rio Japaratuba, e o Rio Pomonga, estudo sob a direcção do Exm. Sr. Dr. Manuel da Cunha Galvão, Presidente da Provincia, pelo Engenheiro Civil Euzebio Stevaux. »

E' um precioso trabalho este.

Aquella obra importantissima não podia deixar de merecer a attenção de S. M. o Imperador durante sua estada em Sergipe. Zeloso como é S. M. por tudo que diz respeito aos melhoramentos do Paiz, procura sempre a occasião de por si mesmo estudal-os, examinando minuciosamente o que a elles é concernente.

No dia 16 de Janeiro, apezar de ter chegado de Lorangeiras a 1 hora da madrugada, ás 5 horas da manhã estava S. M. de pé para ir visitar o canal do Pomonga e Japaratuba.

A's 6 horas da manhã sahio o Imperador do Paço, acompanhado de toda sua comitiva, menos o Sr. Veador Pedreira, e o Sr. Mordomo Mello, que ficarão no Paço ao serviço de S. M. a Imperatriz, e o Sr. Conego Mello, que ficou ao lado do Sr. Dionysio Feijó, que se achava muito doente. Alem da comitiva, acompanhão a S. M. o Sr. Presidente da Provincia, o Sr. Chefe de Policia, e muitos outros Cavalheiros, e entre os quaes os dous Engenheiros ao serviço da

Provincia. A's 6 horas da manhã embarca S. M. para a barra dos Coqueiros, donde tinha de ir por terra examinar os lugares por onde passaria o canal.

O embarque no Aracajú, e o desembarque na barra dos Coqueiros foi acompanhado das cerimoniaes do estylo. Da barra dos Coqueiros segue S. M. para o Porto-grande, lugar que fica á margem do Japarutuba. D'ahi vai até á barra do Japarutuba, onde chegou ás 9 horas da manhã. Examinou minuciosamente este lugar, fazendo algumas perguntas sobre a profundidade do rio neste lugar, e os embaraços que existem na sahida da barra. D'ahi voltou para o Porto-grande, onde almoçou em casa do Sr. Góes. Neste lugar ouviu S. M. os pobres, e as pessoas que o procuravão para ter a honra de beijar-lhe a mão. Ahi forão recitadas estas palavras:

« SENHOR.—Retumbando em nossos peitos harmoniosos canticos de louvor em Acção de Graças ao Altissimo que revelou a imperial visita dos Anjos Tutelares do Brasil ás Provincias do Norte, entre as quaes tocou por sorte ter a honra de ser agraciada a de Sergipe de que somos natos; e faltando-nos os necessarios meios de podermos em tal caso exprimir nosso pensamento a respeito do Solemne Acto de Beneficencia praticado por Vossas Magestades Imperiaes, que sollicitos em promover o bem á seus Vassallos, não hesitarão entregarem-se aos incommodos de uma viagem, felizmente passando hoje neste porto, valemo-nos da debil penna com que apenas assignamos nossos pobres nomes, para manifestar a Vossas Magestades Imperiaes, quanto submissos somos aos degrãos do excelso Throno, e quanto desejo temos hoje mais que nunca de possuirmos bens de fortuna consideravel que nos coadjuvassem a apresentar neste encontro memoravel um apparatuso acto de memoria digno de apreço em saudação e louvor de Vossa Magestade Imperial, da Soberana Imperatriz Candida Mãi do Brasil, dos Augustos Principes Preciosos Fructos desse Imperial Consorcio, que egualmente felicitamos, e por quem rogamos a Vossas Magestades Imperiaes, queirão aceitar o cordial af-



fecto nascido dos nossos corações todos brasileiros, todos amantes de seu Inclyto Monarcha, e de toda Prole Imperial, a quem Deus guarde por seculos infinitos.

Senhor, se as opulentas Cidades, Villas e Povoações apresentarão aquella grandeza propria em festejó das Magnanimas Pessoas de Vossas Magestades Imperiaes, que vos pode Senhor, offerecer uma terra isolada, uma malfadada Freguezia despojada de seus antigos fóros como o Soccorro!

Ah! Senhor, os seus habitantes apresentam muito mais em adhesão e respeito a Vossas Magestades Imperiaes; sua humildade, seu proprio sangue, seus firmes corações que é mais que tudo; não tem mais que offertarem, dão quanto podem: Aceitai Senhor, Aceitai.

Porto-grande do Soccorro 15 de Janeiro de 1860.—  
*José Philippe d'Araujo Pinto*, por si, seus parentes e amigos, »

Às 11 1/2 horas embarcou S. M. na galeota, acompanhado do Sr. Engenheiro Pyrrho, que levava a planta do Pomonga e Japaratuba, e o projecto de canalisação feito pelo Sr. Stevaux, de que acima damos noticia.

Na galeota percorreu S. M. todo o canal existente entre o Pomonga e Japaratuba, fazendo minuciosas reflexões a respeito da direcção deste canal, e comparando-a com a do outro projectado. Já no Pomonga, no lugar denominado Angelim entrou S. M. no *Pirajá*, para onde se passou com a sua comitiva, dirigindo-se ao Aracajú, onde desembarcou ás 6 horas da tarde.

Ao desembarcar foi recebido pela commissão do Aracajú, e por grande numero de Cidadãos que affluirão a saudar a S. M. no meio de vivas.

Foi uma das viagens mais incommodas para o Imperador. Possa a visita imperial a estes lugares servir de incentivo aos representantes da Provincia para empenharem seus esforços afim de darem todo o adiantamento a esta obra, fazendo convergir para ella os recursos da Provincia de Sergipe.

Fonte immensa de riqueza, esta obra pagará no

futuro com usura todas as despesas que por ora são de urgente necessidade para levar a effeito o novo plano de canalisação entre o rio Pomonga e Japarutuba.

### VIAGEM DE SS. MM. II. PARA A ESTANCIA E SUA RECEPÇÃO AHI.

O amanhecer do dia 19 de Janeiro era para o Aracaju uma antithese solemne do que foi o dia 11 do mesmo mez.

O espirito popular experimentava um não sei que de doloroso, de vago, de indefinivel que se concentrava no sentimento mysterioso da saudade.

SS. MM. II. devião partir n'aquella manhã para a Estancia e da Estancia sahirião depois para Valença na provincia da Bahia, d'onde voltarião para o Rio de Janeiro passando pelo Espirito Santo.

No dia 11 o arrebol da manhã rompeu as nuvens douradas derramando o prazer em todos os corações. No dia 19 o mesmo sol vinha annuiar os corações com as trevas da tristeza.

Oito dias apenas, e tudo estava acabado para a provincia de Sergipe. Em vez da alegria viria em breve o desprazer esmagar todos os corações. Gosar para perder tão depressa o que se gosara tão pouco! Oh! antes não gosar. Tal é o mysterio da saudade. Mas felizmente, como disse-o Garret, a saudade repassa os corações com dôr que tem prazeres.

Estes prazeres erão para a capital de Sergipe a certeza de ter visto, de ter admirado aos seus Soberanos, ainda que tivesse sido por tão pouco tempo.

A's 7 horas da manhã estava embarcada no *Apa* toda a bagagem. Pouco depois, conduzido em uma cadeirinha e acompanhado de seus dous medicos, o Dr. Luiz Alvares e o Dr. Propicio Barretto, ia embarcar-se o Sr. Feijó. Estes dous medicos acompanharão-n'o até o seu camarim no *Apa*.

A's 8 horas da manhã SS. MM. II. acompanhados por grande numero de senhoras, por todas as authoridades civis e militares e por muitos cidadãos caminhavão de-

baixo do pallio, cujas varas erão carregadas pelos membros da camara municipal.

A guarda nacional, formando alas, estendia-se desde a porta do Paço até a ponte de desembarque. Atravez destas alas passa o prestito manifestando no semblante a tristeza que ia nas almas de todos.

Quando SS. MM. II. ião descer para a galeota, o presidente da camara, em nome de seus municipes, fez a SS. MM. as respectivas despedidas nestas palavras:

« SENHOR!—A separação do objecto amado é sempre sensível a quem ama. A Camara Municipal da Capital como interprete do regosijo de seus municipes pela honrosa visita que VV. MM. II. se dignarão fazer a esta Provincia, me ordenou que eu como seu órgão fizesse sentir a VV. MM. II. o prazer de que estavam possuidos depositando aos pés do Throno homenagens de respeito e dedicação; hoje porém, Senhor, me determina que eu faça chegar ao alto conhecimento de VV. MM. II. a dôr que opprime seus leaes corações pelo apartamento que vão ter de seus Augustos Soberanos.

O Corpo Municipal, Senhor, conhecedor da fidelidade de seus municipes, tem a gloria de com ufanía assegurar a VV. MM. II. que seus corações, suas vidas e fortunas serão sacrificadas ao bem da estabelidade do Throno e segurança da Monarchia.

Consenti, bom Soberano, que esta pequena porção dos vossos subditos vos beijem a Mão Augusta e a de Vossa Digna Esposa, cara Mãe dos Brasileiros, como penhor de nosso amor.

O Céu queira que a viagem de VV. MM. II. seja serena e feliz a par de uma saude inalteravel, afim de que gozem o doce nectar de abraçar em breve os vossos caros Filhos.

Cidade do Aracaju 19 de Janeiro de 1860.—Padre *Agostinho Rodrigues Braga*, Presidente. — *Joaquim Rodrigues Dantas Portella*.—*José Joaquim Ferreira e Mello*.—*Luiz Ferreira de Rezende*.—*Manuel Ferreira dos Santos*.—*Leandro Muniz Telles*.—*José Meirelles de Menezes*.—*Antonio Moniz de Mello Telles*. »

S. M. I. dignou-se responder que muito lhe penho-

ravão os sentimentos de amor e lealdade que lhe tributava a Camara da cidade do Aracaju em nome de todos os seus municipes.

Então ouvirão-se os vivas e as aclamações; não aquellas estrondosas que ahi tinham repercutido poucos dias antes, mas sim abafadas, tristes, talvez misturadas com soluços de algumas almas sensiveis para quem a separação é sempre um martyrio.

A's 8 horas e 1 quarto SS. MM. estão embarcados no *Apa*.

A's 9 horas e 5 minutos da manhã fez o *Apa* signal para suspender.

A's 9 e 10 minutos seguião os vapores na ordem seguinte:

1.º O vapor *Aracaju*, commandado pelo Sr. capitão do porto José Moreira Guerra.

2.º O *Apa* com o pavilhão imperial.

3.º O *Itajahy* com o pavilhão do chefe da estação da Bahia.

As duas margens do rio estão ainda cheias do povo, que taciturno, melancholico, neste vago soffrimento da saudade cravava os olhos no pavilhão imperial, como querendo prendel-o ahi, em frente do Aracaju, ou ao menos demorar a marcha do *Apa*, que ia assim a pouco e pouco levando o centro d'aquelles olhares do povo para longe, talvez para não apparecer alli mais nunca.

A's 10 horas e 1 quarto da manhã o *Apa* passava a barra do Cotinguiba. Foi notavel. Esta barra tão encapellada sempre, esta barra onde um mez antes se espedaçara o patacho nacional *Ensaio*, estava mansa, abatida, gemendo apenas sobre os baixios que a orlão.

Dir-se-hia que tambem o mar achava-se sob a pressão da saudade, mudo, triste, soluçando?!

O que é certo é que o vapor *Apa* alteroso como é passou a barra com um quarto apenas de enchente da maré.

Este facto não deve passar desapercibido, devendo agradecer-se ao Exm. Sr. Almirante Marques Lisboa esta audacia maritima, pela qual se effectuou a sahida do *Apa*, com tão pouca agua nas *arrebentações*, afim de poder a esquadrilla aproveitar a mesma enchente

para entrar no Rio Real. Honra ao distincto ornamento da armada Brasileira!....

Ao passar o canal da barra o *Apa* apenas roçou o fundo sobre a areia.

Nesse momento a guarnição do *Aracaju* subiu ás vergas e deu vivas a SS. MM. II. como dando-lhes os profaças por terem a salvo passado a barra com um quarto de maré de enchente.

Mudarão então de posição os vapores, ficando nesta ordem:

- 1.º O *Apa*.
- 2.º O *Itajahy*.
- 3.º O *Aracaju*.

A's 2 horas menos 25 minutos demanda o *Apa* a barra do Rio Real. A *Itajahy* conserva-se em 3 milhas de distancia d'elle e desta distante o *Aracaju* 5 milhas pouco mais ou menos.

Apenas entra o *Apa* no Rio Real pela pôpa lhe apparece o *Pirajá*, que tinha sahido do *Aracaju* na manhã do dia 18, duas horas antes da chegada da *Itajahy* n'aquelle porto.

Estavão balisando o canal do Rio Real os 3 cutters do Estado *Pyauhytynga*, *Paramupama* e *Tramandahy*, dous fondeados e um á vela.

A's 2 horas entra na barra a *Itajahy*.

É um bello quadro a barra do Rio Real. Elevão-se de um lado altissimos combros de areia, branca como a neve, reflectindo os raios do sol. É o—*Manque Secco*. São as cãs de gigante ancião impondo respeito ás gerações que passam, como que dizendo-lhe ao ouvido e aos olhos que entrem attentos n'aquella barra.

Do lado opposto (o *Saco*) ha uma formosa collina revestida de coqueiros e outras arvores na mais robusta vegetação, representavão a epocha vigorosa da vida— a mocidade—como que dizendo ao viajante que não se intimide ao aspecto das cãs do ancião, e bradando-lhe o grito de coragem: *Away! Away!*

Pelas praias alguns grupos de pessoas assistião prazenteiras a entrada dos vapores.

A's 3 horas e 1 quarto da tarde fundeou na barra do *Biriba*, lugar denominado *Fundão*, o *Apa* e logo depois a *Itajahy*.

Às 4 horas larga ancora na pôpa d'aquelle o *Aracaju*, que traz a seu bordo os membros da commissão da capital—Dr. Guilherme Pereira Rebello, capitão Francisco Pereira da Silva, Tenente-coronel Silveira e Conego Sant'Anna, que vinhão a fazer as ultimas saudações a SS. MM. II. Vem tambem no *Aracaju* a musica de Policia. O Sr. Presidente da Provincia e seu secretario vem no *Apa* com a comitiva de S. M.

Passão SS. MM. para o vapor *Pirajá* com as saudações do regulamento da armada. Segue para Estancia ás 4 horas da tarde o *Pirajá*, levando a reboque a galeota Imperial.

Em seguida vem em um escaler o Sr. Ignacio Joaquim da Fonseca, commandante da canhoneira, o medico desta Dr. José Caetano da Costa, o chefe da estação da Bahia com o seu secretario, o Dr. Carlos Frederico, medico da estação naval da Bahia, alguns officiaes, o Sr. Tenente-coronel Mundim e o Dr. Luiz Alvares dos Santos, encarregado pelo Presidente da Provincia de descrever a viagem de SS. MM. II.

Chegão SS. MM. ao lugar do desembarque ás 5 horas e meia.

Nesse lugar está preparada uma ponte arcada de gradaria pintada toda, onde sobresaem as cores nacionaes.

Na parte anterior da ponte eleva-se um arco, delimitando-a, tendo em cada columna um quadro, onde estão gravados os seguintes disticos, em letras douradas:

Na columna esquerda—

« Domine, salvum fac imperatorem nostrum »;

Na columna da direita—

« Benedictus, qui venit in nomine Domini. »

Junto de um velho trapiche (o Lacerda) fundeou o *Pirajá*, que assim ficou defronte da ponte, a qual é appensa ao trapiche da viuva Magalhães, ou « Credito Commercial ».

A ponte tem 20 braças de comprimento e 6 de largura.

SS. MM. forão recebidas pela Camara Municipal debaixo do pallio, pelo Juiz de Direito e outras autoridades civis, pelas autoridades militares, no meio das

quaes avulta o Sr. Coronel Martins, distincto Bahiano, em cuja farda brilhão tres commendas. Acompanhão-n'os a commissão da Estancia e immenso povo que, aos sons dos vivas estrepitosos, sauda o Monarcha.

Dirigem-se SS. MM. para um altar, preparado no mesmo trapiche «Credito Commercial» no logar em que foi a Mesa de Rendas Provinciaes. Ahi teve logar a cerimonia do beijo no Crucifixo.

Segue depois o prestito por uma ladeira bem longa.

No meio d'ella, no Alto da Conceição, ha um pavilhãozinho, levantado sobre oito columnas, e tendo para a subida sete degrãos.

Muito pouco se demorarão ahi os Augustos Viajantes.

Continuando a subir a ladeira, sempre no meio das mais estrepitosas acclamações partidas dos labios de uma immensa multidão, que os cerca, SS. MM. chegam ao largo do Rozario.

Sobem ahi a um pavilhão, que tinha sido preparado para a entrega das chaves da cidade, que S. M. o Imperador recebeu das mãos do Presidente da Camara Municipal, como é de estylo.

E' um pavilhão preparado com simplicidade. Sustentão-n'ó 16 columnas, cingidas de rosas e grinaldas de flores artificiaes. E' branco o fundo com cortinas da mesma côr. Ha no centro um docel, tendo 4 degrãos. N'esse docel estão 2 cadeiras de jacarandá. Para o pavilhão sobe-se por uma escada de 8 degrãos, cobertos todos de tapete.

No frontespicio do palanque estão as armas imperiaes. Dentro, na parte central do fundo, o seguinte distico, cercado de rosas—PEDRO II.

Dous lustres de bronze pendem do tecto, cada um com 8 mangas de vidro. Ha no fundo 2 espelhos e 4 mesas com jarras cheias de flores, tendo 2 mangas de vidro cada uma.

Na cupula do pavilhão tremulão bandeiras de diversas Nações. Mais de trezentas luzes illuminão o palanque.

Visinho a elle, n'este mesmo largo, está a casa do Sr. Dr. Juiz de Direito, toda illuminada, e tendo em todas as janellas bandeiras Nacionaes.

Pela rua do Rosario forão seguindo SS. MM., sem-

pre no meio das acclamações do entusiasmo do povo. Estava essa rua toda enfeitada. Tres arcos: dous nos extremos e um no centro da rua, marcão a direcção de duas alas, que a orlão com postes pintados de branco, tendo nos topes as bandeiras brasileiras. O arco central é forrado de setim verde e amarello, com sanefas da mesma cor. As columnas são de branco. Os extremos são forrados de velludo carmezim com sanefas de seda verde e amarella. De um a outro lado as duas alas se prendem por finos cordeis, d'onde pendem globos de papel de cores diversas, em numero de trinta. Esses globos illuminados produzem bello effeito, pelas cores variadas que tem.

Chegão SS. MM. á praça da Matriz. Ahi derramão-se as ondas populares, em repetidos brados, e SS. MM. recolhem-se ao Paço, que é um sobrado do Sr. Dr. João José de Bittencourt Calasans.

Foi estrondosa a recepção na Estancia. Mais de 500 praças da Guarda Nacional, tinhão formado alas desde o logar do desembarque. Estavão desarmados, e todos de uniforme branco.

Na occasião do desembarque, estavão postados 50 indios, pouco mais ou menos, vindos da Chapada do Geru, armados de arco e flexa.

O povo reunido em numero maior de 3,000 pessoas acompanhou o prestito até a praça, derramou-se n'ella, que representou pela primeira vez um espectaculo muito bello. Larga, espaçosa, como é, conteve em si esta multidão de gente. Illuminada toda ella apresenta um panorama encantador na escuridão da noite. As ondas do povo se concentrão em um angulo da praça.

E' o logar em que está o Paço Imperial. Ahi retumbão os ares com os brados estrepitosos do povo. A musica do *Apá* toca na porta do Paço. SS. MM. derão beijamão á Camara Municipal e a todos os cidadãos.

A's 10 horas da noite, SS. MM. vão repousar das fadigas d'aquelle dia, que não tinhão sido poucas, por certo.



## DESCRIÇÃO DO PAÇO IMPERIAL NA CIDADE DA ESTANCIA.

Foi a casa do Sr. Dr. João José de Bittencourt Calasans, que foi destinada para o aposento de SS. MM. na cidade da Estancia.

Este edificio é um bello sobrado com 10 janellas de frente.

Foi todo caiado e pintado de novo.

O pavimento superior é composto de duas salas e dous gabinetes lateraes.

Destas salas a primeira, a da entrada, é destinada para o docel, que está levantado á direita de quem nella entra, sobre tres degraus forrados de verde. Duas cadeiras de jacarandá, de braços, ahi estão convenientemente collocadas.

O chão está forrado de esteira côr de roza.

A outra sala é destinada para a recepção particular de SS. MM. II. Esta está preparada com aceio.

Um dos gabinetes é destinado ao estudo de S. M. o Imperador.

Fica ao lado da sala do docel. Existe nella uma estante com excellentes obras antigas e modernas. Sobre uma mesa a direita está uma obra de historia, intitulada *Fastos Universaes*.

Na parede central do gabinete está um lindo quadro symbolisando o juramento da Constituição do Imperio.

Serve de aposento á dama de S. M. a Imperatriz o outro gabinete, que fica do lado opposto.

No interior do edificio estão os aposentos de dormir de SS. MM. II.

Estão ricamente preparados.

Em cada um desses quartos ha um quadro. Um representa a Familia Imperial. O outro, o Imperador e Sua Augusta Esposa.

No quarto do Imperador ha uma pequena mesa construida de um numero de madeiras do paiz dispostas com muita symetria e belleza.

No quarto de S. M. a Imperatriz ha um bello nicho, com diversas Imagens de pedra. E' uma obra, que attesta o trabalho do artista, no delicado do lavor, e bem acabado da obra.

Proximos aos aposentos de dormir ha dous *toiliets* muito bem preparados, destinados a SS. MM. II.

O Paço está alcatifado todo de esteira.

Ha na sala de jantar duas mesas, dispostas com toda a regularidade. Uma para SS. MM, e a outra para a comitiva.

O serviço é de porcellana e de prata.

Ha sobre os aparadores muitas iguarias delicadas, e vinhos finissimos.

O pavimento inferior é dividido em duas salas destinadas uma para a guarda de honra, e a outra para os criados.

Os portaes do pavimento superior estão guarnecidos de arandellas.

Do tecto pendem lustres de 6 e mais luzes. Sobre as mesas estão candelabros ricos.

Todo o Paço foi illuminado por fóra nas noites da estada de SS. MM. na Estancia.

#### ESTADA DE SS. MM. NA ESTANCIA, E SAHIDA PARA VALENÇA (NA BAHIA).

Tinha, como ja dissemos, a Estancia feito uma recepção pomposa aos Augustos Visitantes.

A noite foi passada entre folguedos populares, que denotavão toda a alegria da cidade de Sergipe, que no meio das florestas, é apenas separada da Bahia por um regato, que deixa ás vezes passar a pé enchuto de uma para outra provincia; é o Rio Real na origem.

A's 6 horas da manhã S. M. o Imperador, montando a cavallo, acompanhado pela sua comitiva e pelos Srs. Joaquim José de Calasans, o Commandante Superior Antonio Martins Fontes, Tenente-coronel João Martins dos Reis, o negociante Manuel Joaquim da Silva Heitor, delegado Manuel Barbosa Franco Freire, capitão Manuel Ignacio de Magalhães, Tenente Leoncio Amando do Espirito Santo, promotor Dr. Conrado Alvaro de Cordova Lima e outros cavalleiros, visitou a ponte da Cachoeira, e do alto, onde existe a propriedade da Sra. D. Anna Dantas, observou a Cachoeira, correu os cemiterios novo e velho, a Igreja do Bomfim, as aulas pu-

blicas e o Internato, onde S. M. I. examinou em latim, francez, geographia e grammatica alguns alumnos, distinguindo-se os jovens Antonio Rodrigues Cutia, Bricio Mauricio Cardoso, Horacio Moreira e Gervazio Dantas, recolhendo-se a Palacio ás 11 horas e 1 quarto, e depois de almoçar recebeu as pessoas mais gradas da cidade, differentes commissões, o Sr. capitão Florentino, professor de uma aula de instrucção primaria, acompanhado de grande numero de alumnos. Uma tribu da aldeia da Chapada do Geru teve entrada no Paço, representando a S. M. o Imperador sobre questões em suas terras, cujas posses estão em letigio. Os chefes chamão-se Angelo Custodio e Maximo. Perfeitamente domesticados e com as vestes ordinarias ainda em seus semblantes se notavão traços particulares, que denotavão o estado bruto em que tinhão vivido. Vinhão armados de arcos e settas: os arcos são feitos de páo d'arco e de itapicurú, a corda de fio de algodão bem trançado e as settas de pennas de jacú e aracué.

Algumas mulheres os acompanharão.

Entre outras commissões, que saudarão a SS. MM. podemos conseguir a allocução que a Camara Municipal de Santa Luzia dirigiu a S. M. o Imperador, e da qual forão membros os Srs. Bacharel Pedro de Calasans, Joaquim José de Calasans Bittencourt e José Raymundo Costa Carvalho: aqui a transcrevemos:

« SENHOR!—A Camara Municipal da villa de Santa Luzia, possuida do mais a fervorado jubilo pelo faustoso acontecimento de vossa augusta visita á esta provincia, não podia deixar de depôr ante a magestade do Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil o pequeno, mas sincero tributo do seu amor ás Leis, á Constituição e ao Throno.

« Quando, como vós, Senhor, um Principe reúne á sabedoria de Socrates o coração piedoso e pacifico de Numa, a alma generosa e magnanima do Benemerito Fundador do Imperio ao espirito vasto, activo e investigador de Alexandre, felizes são os povos que, fortes e inabalaveis columnas, sustentão o solio, em que se senta um tal Monarcha.

« Bem disse um litterato Portuguez:—não fez Deus

os príncipes para os príncipes, senão para os povos—. E é por que vós sabeis comprehender essa maxima, que nós os brasileiros não recusamos cada qual o bago de incenso, que deve arder no turíbulo de vossas glorias, tantas e taes que hão de attestar duração, com os celebrados triumphos do antigo Capitolio.

« Por onde quer que o sol de vossas visitas derrama as suas luzes animadoras, a charrua do progresso tem que abrir largos sulcos para receberem a semente, de onde devem brotar os germens, as flores, os fructos da nossa prosperidade.

« A provincia de Sergipe, Senhor, na extensão do seu territorio, como nos recursos da sua vida; no seu desenvolvimento moral e material; como no esplendor de suas festas imperiaes, ha mister de ver-se vencida pelas suas irmãas, igualmente honradas com a vossa augusta visita; mas no tocante á vehemencia do affecto, da dedicação, do amor ás instituições e á dymnastia reinante não sabe, não pode, nem deve ceder a superioridade a nenhuma.

« São estes os sentimentos da provincia, são tambem os da camara de Santa Luzia, que humildemente nos envia a felicitar-vos por si e seus municipes, e que vos deseja, assim como á Augusta Familia Imperial, annos dilatados de uma existencia feliz e gloriosa. »

Pertence á tradição historica que a cidade da Estancia foi construida por um official portuguez, que, naufragando no Rio Real, veio rio acima, e ahi tratou de formar pequenas choças, apresentando-se hoje bellos edificios.

A cidade da Estancia possui em seu seio quatro Igrejas—a Matriz, o Amparo, o Rosario, que hoje estão soffrendo reparos, e o Bomfim, Templo pequeno, porém novo e ainda em construcção.

A Matriz, que tem por invocação Nossa Senhora de Guadalupe, estava preparada para celebrar o Te-Deum pela feliz chegada de SS. MM. II.

A Matriz é de excellente prespectiva no seu exterior, interiormente é uma Igreja regular. As paredes achavão-se caiadas, e o tecto, que nos pareceu em obra, estava forrado de panninho branco.

Esta Igreja, que tem cinco altares, inclusive o altar-mór, achava-se decentemente decorada. No corpo da Igreja notão-se doze tribunas; um dos altares é novo e dedicado ao SS. Sacramento. Na capella-mór existem seis tribunas. Todas ellas achavão-se ornadas de damasco carmezim.

Ao entrar na capella-mór. do lado esquerdo, via-se o docel para SS. MM. assistirem ao Te-Deum. O docel estava collocado sobre uma base de madeira forrada de papel azul-claro com florões brancos; o espaldar era de damasco encarnado com galões de ouro, e sobre este pedestal estavam dous degrãos, pelos quaes se subia para o docel; a cupula era de damasco verde, toda agaloada, e as bambinellas de velludo carmezim com franjas de ouro, o tecto forrado de setim branco, e uma cadeira simples de jacarandá era destinada para S. M. sentar-se. Por cima d'esta cadeira, em simicirculo, se notavão, sobre um campo verde, 20 estrellas de prata, representando as 20 provincias. Os degrãos do docel erão forrados de velludo verde.

No centro da capella mór via-se uma lousa encerrando os restos mortaes de um homem notavel por sua illustração e actividade: sobre a lousa achavão-se abertas a buril as armas de um cavalheiro—um escudo, e na parte superior d'este um capacete: florões ornavão de um e outro lado estas armas, e logo abaixo lia-se o seguinte epitaphio:

« Aqui jaz o brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araujo, fidalgo da casa de S. M. Imperial, governador das armas, que foi d'esta provincia em 1823, e falleceu aos 25 de Março de 1825 na idade de 36 annos incompletos. »

Na sachristia, via-se o retrato do padre Miguel, primeiro Vigario que teve essa Matriz.

Esta Igreja tem mais de 200 annos de construcção.

Na sua visita teve S. M. I. occasião de examinar a ponte do rio Piauhytinga e a cachoeira do mesmo nome.

Para esta ponte se desce por uma pequena ladeira toda calçada, e á entrada da ponte se notão duas columnas de pedra, terminadas por um canno; juntas a esta estão duas muralhas tambem de pedra e cal de tres

braças de extensão, e logo depois segue-se a ponte de 160 braças.

Esta ponte é sustentada por gigantes de pedra, sobre os quaes formão a ponte grossas traves, e os gigantes estão apoiados sobre alicerces de pedra e cal. N'estes gigantes notão-se faces com o fim de quebrar a força da agua na enchente do rio. De um a outro gigante ha um espaço capaz de accomodar 12 a 13 cavalleiros para se abrigarem da chuva ou descansarem.

Ao entrar na ponte nota-se sobre pedra marmore a seguinte inscripção:

« Foi lançada a primeira pedra d'esta ponte no 1.º de Junho de 1854, e acabou-se no 1.º de Outubro de 1859. »

Esta ponte foi construida na presidencia do Sr. Barbosa, ja fallecido, administrador intelligente, a quem a provincia de Sergipe muito deve.

A cachoeira nada offerece de notavel. Quanto a nós, não merece ella este nome: na enchente do rio, e pelo crescimento das aguas não podem ser apreciadas as quedas d'esta, e ao espectador offerecerão antes a idéa na enchente de verdadeiros baixios.

A's 11 e meia da manhã S. M. I. regressou do seu passeio, tornando a sahir ás 4 e meia da tarde, acompanhado pelos mesmos cavalleiros, que o tinham seguido no seu primeiro passeio.

Visitou S. M. I. as outras aulas, a cadeia, o quartel e a Camara Municipal.

A's 7 e meia da noite regressou, e depois de jantar recebeu grande numero de pessoas e familias.

A's 8 horas da noite um batalhão patriotico, fazendo tremular as bandeiras nacionaes, e com grande numero de archotes, estando todas as praças vestidas de paletot branco e chapéo de palha, trazendo fitas verdes e amarellas a tiracollo, postarão-se diante do Paço, trazendo á sua frente a banda de musica de policia.

SS. MM. II. de uma das janellas do Paço assistirão a algumas poesias, que forão recitadas, cheias de bellos pensamentos. Enthusiasticos vivas retumbarão nos ares, ao terminuar o Sr. Gomes de Sousa sua poesia.

E' forçoso confessar que nosso coração palpitára de prazer, por alguns momentos nos julgando transporta-

dos á Bahia, gozando das festividades patrioticas do dia Dous de Julho, d'esse dia de tão caras e bellas recordações, como o da emancipação de um Imperio.

Ha tres dias tinha chegado á Estancia um pobre velho de 70 annos de idade, filho do Ceará, por nome Antonio Francisco de Alencar, primo do Exm.<sup>o</sup> Sr. Senador Alencar, o qual dizia-se ter partido de Inhambuns, distante 200 leguas d'aqui, que pertence á cidade do Piahy, a 11 de Dezembro. Gastára 37 dias com o unico fim, como nos declarou, de vêr, antes de morrer, SS. MM. II.

A musica do vapor *Apá* tocou até 9 e meia da noite á porta de Palacio, ás 10 horas da noite SS. MM. II. recolherão-se, devendo partir no dia 21 pelas 6 horas da manhã para Valença, na Bahia.

Uma menina, como oradora de uma commissão, dirigira a S. M. a Imperatriz a seguinte allocução:

« SENHORA.—O sonho que illudia os nossos sentidos, que dourava a nossa imaginação até o momento o mais feliz de nossa infancia, acaba de realisar-se na presença de Vossa Augusta Pessoa.

« Os nossos corações, de contentes, não cabem em nossos peitos, mas nós não sabemos dizer-vos o que em nós se passa: é talvez o doce enlevo de nossa alma, o amor de uma Mãe, que nos arrebatá: talvez seja a confusão do nosso espirito na presença do objecto que mais ambicionavamos de ver, mas nós ja vos conheciamos de ha muito; todas nós sabemos que no jardim de vossas virtudes a arvore da caridade é por vós a mais cultivada, e a flor a mais querida de Deus, aquella cujo perfume é o alimento para o desvalido, morou sempre em vosso coração.

« Senhora, o amor de filha nos trouxe ao vosso encontro.

« Recebei estas flores que servirão de traduzir-vos a innocencia de nossos sentimentos e a pureza de nossas intenções.

« Deixai que beijemos a Vossa Augusta Mão. »

Nessa noite S. M. o Imperador ouviu tambem a seguinte allocução por parte do commercio da cidade

da Estancia, sendo membros da commissão os Srs. José de Calasans Barbosa da França, José da Costa Lisboa Junior, Manuel Joaquim de Souza Heitor, José Luiz Fernandes e Antonio da Silva Moutinho:

« SENHOR!—O pequeno e acanhado commercio desta cidade constitucional da Estancia, cujo orgão tenho a honra de ser, quiz tambem render aos pés do Throno de VV. MM. II. seus votos de adhesão e respeito; tambem quiz scientificar a VV. MM. que jamais esquecer se-ha do nunca esperado favor e honra que acabão de fazer-lhe VV. MM. visitando este pequeno torrão do vasto Imperio da Santa Cruz, por isso que fazendo votos ao Todo Poderoso pela conservação dos preciosos dias de VV. MM. protesta que jamais, quando se faça mister, trepidará de verter até a ultima gota de sangue em favor de tão Inclyto Monarcha e sua Imperial Dynastia. »

Ao anoitecer um dos Estancianos, o Sr. Escrivão Oséas Pitanga, recitou uma bella poesia.

Quando chegou o batalhão patriotico o Sr. Gomes de Souza recitou a excellente poesia que abaixo vai transcripta:

ROMA DIANTE DE AUGUSTO.

*Roma se curva soberana e bella  
Diante de Augusto omnipotente e grande.*

Não são alcatifas de bordadas sedas  
Que a mão suprema da opulencia outhorga;  
Não são altares de corinthios paços  
Que as artes erguem; que esboroa o tempo;  
Não são diademas que a saphira enfeita,  
Não são perfumes de cheirosa myrrha,  
Nem epopeias de um esforço homerico  
Duraveis como Deos e a eternidade,  
Não são custosas opulentas pompas  
Que a minha patria vos dedica hoje.  
Pobre vassalla pequenina e bella  
Somente os dons da natureza encerra!



Pobre vassalla, pequenina e nobre  
Tem por thesoiros os thesoiros d'alma!  
Pobre vassalla pequenina e forte  
Por vós, Senhores, barateia a vida  
Sem que o pavor lhe empane a côr do rosto!

Eis a vassalla que se enfeita hoje  
Das lindas flores que seos campos ornão,  
Como a virgem gentil no seo noivado,  
Para cahir á Vossa Planta Augusta;  
E em vez das joias de subido preço  
Um coração leal, ousado e nobre  
Ao seo Imperador contente offerta.

No livro de ouro das acções heroicas  
A minha patria não levou seo nome.  
Mas nem por isso deixará de, um dia,  
Erguer o collo de gentil guerreira  
E lá sentar-se nos festins da guerra.  
Vereis então á um só aceno della,  
Como a Vestal no circo dos Romanos,  
Atrarem-se ao campo das pelejas  
Por seo Imperador, por sua patria  
Vaidosos campioes, brandindo a espada  
—Raio crusando um ceo de tempestade—  
E aos louros que matisão Vosso Throno  
Novas palmas unir, novas coroas!

Vem, minha patria, aos pés do teo Monarcha  
Depor tu mesma teos sinceros preitos!  
Anda mostrar as peregrinas graças  
Com que a mão do Senhor cubriu-te o rosto.  
Mostra esta fronte que a nobresa estampa  
Onde se acoitão pensamentos de ouro  
Suspirando uma esphera illimitada!  
Vem desdobrar o lindo panorama  
Dos teos formosos, matisados campos,  
Cambiados de flores e arvorêdos,  
Por entre os quaes murmurejando correm  
Doces regatos, placidos ribeiros!  
Vem mostrar os cabeços verdejantes  
Dos serros teos—eternos monumentos  
Que o perpassar dos tempos não corrompe.  
O lindo rio que te beija a planta  
Eternamente murmurando os nomes,  
Com dous hymnos de Theresa e Pedro!

Pode o canto queixoso dos teos passaros  
De campina em campina voltejando;  
Podem os risos das manhãs serenas  
Pelo beijo das flores perfumadas;  
Pode o ruído fresco dos teos rios,  
Onde um céu de saphira se reflecte,  
Melhor que o vate tradusir o hymno  
Repasado de amor e patriotismo  
Digno dos teos Egregios Soberanos.

E Vós, ó minha Augusta Soberana,  
Meiga, como os jasmims da Vossa Terra,  
Vós, em cuja cabeça intelligente  
Descança a c'roa do Gigante Imperio,  
Vós, ó Anjo piedoso e melancholico,  
Cujo sorriso é um hymno fervoroso  
Aos pés de Deos á bem da humanidade,  
De um povo nobre, de quem sou poeta,  
Ouvi a saudação, ouvi meos versos.  
Vossa Vida, Senhora, emberecida  
Não se esvaece nos festins, da cõrte,  
Como uma noite de sarau ruidoso!  
Vossos Dias pacificos e bellos  
Formão a linda marchetada c'roa  
Que Haveis de receber no lar dos Anjos!  
Quando o Diadema Vos cingio a Fronte,  
Quando subistes os degrãos do Throno  
O Vosso coração tranquillo e nobre  
Não palpitou de orgulho e de vaidade  
É porque Vós, Imperatriz Sublime,  
Sois um Anjo e aos Anjos pouco importa  
Passageira illusão que o mundo adora!  
Vossa Vida, Senhora, é um poema  
Santo, profundo, fervoroso e bello  
Como os hymnos sagrados do psalterio!  
Quanto é bella, Senhora, a Magestade  
Derramando uma lagrima piedosa  
Sobre os agroses da afflicção que geme?!  
Quanto é bello nas almas das Rainhas  
Sentimentos de amor e de piedade?!  
Quanto é sublime a mão que o sceptro empunha—  
Se estender compassiva e charidosa  
Sobre a cabana humilde da pobresa?!..  
Dest'arte a Magestade muitas veses  
Reflecte a Divindade; é copia della.  
Aqui tendes, Egregios Soberanos  
As expressões sinceras, respeitosas,  
Que por meos labios Vos envia a Estancia.

Avante!.. Imperador.... O mundo inteiro  
Hade ante Vós curvar-se obediente,  
E ante o busto immortal de vossa gloria  
Hade quebrar-se o tempo ao esquecimento  
Como as espumas ao bater na praia;  
O povo que confere a apothéose  
Hade ás porvindas gerações ufano  
O vosso nome transmittir cantando!  
E Vós transpondo o portizo festivo,  
De um novo Pantheon, sereis eterno!  
Avante!... Imperatriz.... o Vosso sceptro,  
Vosso Diadema, Vosso manto de ouro  
Continuai a enriquecer das flores,  
Que desabrochão candidas e puras  
Do seio da virtude e da piedade.  
E quando voltardes outra vez á corte  
Sobre a ultima pagina do Album,  
Onde apontaes recordações queridas,  
Traçai o nome desta linda terra  
Que hoje, Senhora, alegre vos sauda!  
Juntai á elle o nome do poeta  
—Pobre avesinha que o arvoredo habita,  
Cuja é-lhe o canto a unica riqueza;  
Mas que sabe brioso e denodado  
Por Vós barateiar o sangue e a vida.

Por occasião da passagem do batalhão patriotico em frente do Paço Imperial, um dos seus chefes, o Sr. Jo-  
vino Antonio Barretto, recitou a seguinte saudação:

Brasil, minha patria, serás sempre grande.  
Pois, guia-te um Pedro maior que Alexandre,  
Governa-te um sabio, que é mais do que um Rei.

(*P. de Calazans*—ULTIMAS PÁGINAS).

Monarcha,  
Nesse Trecho o poeta altivo e ufano,  
Tangendo a lyra e inflamando o estro,  
Em prol da patria a entoar louvores,  
A ti, Dom Pedro, cujo nome egregio  
Em bem existe a traspassar as eras  
As mais remotas que o porvir aguarda,  
Um monumento perennal erguera.

Sim, e por certo.

Um monumento perennal erguera  
O Vate insprou-se no amor da patria,  
Banhou-se na castalia da poesia,  
E na lucida esphera, a que se eleva,  
Como um propheta, nos arroubos d'alma,  
De Deos descortinando altos misterios,  
Equilibrou n'um pedestal de gloria  
Seu genio tutellar— Pedro Segundo.

E Eu? se pobre de saber m'imputo,  
O que devo dizer pois, ó Monarcha,  
Para agora cantar tuas virtudes?  
Ah! eu quisera o estro sublimado,  
A voz altiva, retumbante e bella  
Do bardo, que cantara a Palestina,  
A alta erudição, o fogo ardente,  
E a doçura do fallado Homero  
Nos cantos immortaes das Odysseas,  
Para mais immortal tornar teu nome,  
E tuas glorias, e teos altos feitos  
Levar a mais remota post'ridade.

Mas não:

P'ra que mister pedir alhêos dotes,  
Se nesta vida m'os negou natura?  
Se só teu nome é um poema immenso,  
Mais magestoso, que o surgir d'aurora,  
Mais bello ainda q' o cantar dos Anjos?!

Pedro Segundo, do Brasil colosso,  
De todas as nações gloria das glorias,  
E's filho d' um Monarcha, heroe e sabio,  
Que ao Brasil consagrando amor e vida,  
Ver quizera jamais seu povo escravo  
Supportar o jugo de crueis tirannos,  
Em todos os direitos ultrajado,  
E possuido de valor energico  
Que em summo attestão seus brilhantes feitos,  
Para haver desse povo a redempção,  
Erguendo a sua voz guerreira e forte,  
Esse grito soltara immorredouro,  
Que, retumbando as plagas do Piranga,  
Passou d' um polo á outro altisonante.  
E fez do cahos da escravidão surgir,  
Um mundo liberal, um ceo sem nuvens:  
A nossa independeneia e liberdade.

Entretanto,

Vós todos, Brasileiros, que habitaes  
Um sollo livre, que governa Pedro,  
O filho de heróe, heróe segundo,  
Jamais vos esqueçaes  
D'um legado tão grande e glorioso;  
Gravae de heróe  
Os altos feitos n'uma pedra eril,  
No grande templo da immortalidade;  
E em letras d'ouro, que rubis esmaltem  
Legai aos evos o seu nome escripto.

Orgulha-te, Dom Pedro, és um Monarcha,  
Cujo nome, occupando o mundo inteiro,  
No ambiente da patria adeja ufano,  
E nas azas da gloria equilibrado  
É pregoado pela Europa iuteira.  
Nada tens que aspirar, mais nada anhelas,  
Já tens cingida a fronte d'altos louros,  
Que te resta pois mais? Ouvi apenas  
Que sobre o sollo do brasilio imperio  
E's grnde, és sabio, soberano, és tudo.

E vós, candida flôr Siciliana,  
Alimentada pelo sol d'America  
No jardim vicejante das virtudes;  
Vós, que dos anjos sois fiel modello,  
Viva expressão de caridade e amor.  
Já que me destes, soberana, a dita  
De ver-vos refulgindo em minha patria,  
Qual linda estrella scintilante e bella  
Que os ceos brasilios de fulgor innunda,  
Recebei d'adhesão os votos meos  
Que grato vos offereço cordiaes  
Pela honrosa visita que fazeis  
Ao povo estanciano, á minha patria.

S. M. na Estancia deu differentes esmolos, e entre ellas 10:000# para o Istituto Agricola de Sergipe, réis 1:000#000 para o cemiterio, 1:250#000 para os pobres, 500#000 para a Igreja do Rosario e 300# para o Riachão.

No dia 20 S. M. fundou o Imperial Instituto de Agricultura Sergipano, fazendo baixar o seguinte decreto:

« Desejando assignalar a epocha de Minha Visita á esta Provincia de Sergipe, e manifestar a attenção que presto a agricultura, principal fonte de riqueza do Estado, Hei por bem Crear o Imperial Instituto de Agricultura Sergipano sob as mesmas bases do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura, creado por meo Decreto do 1º de Novembro de 1859.—João de Almeida Pereira Filho, do Meo Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio da Estancia aos 20 de Janeiro de 1860.—Com a Rubrica de S. M. o Imperador.—*João de Almeida Pereira Filho*.—Conforme.—O Official de Gabinete de S. Ex. o Sr. Ministro do Imperio em viagem, *Manuel Diniz Villas-Boas*. »

A's 6 horas da manhã SS. MM. II. acompanhados por um numeroso concurso de povo e pela guarda nacional deixavão o Palacio e embarcavão-se para o *Pirajá*, que descendo o rio chegou ao lugar onde estava ancorado o vapor *Apa* ás 7 horas e 7 minutos. O vapor *Pirajá* trazia a reboque uma galeota e a baleeira do capitão do porto de Sergipe.

A' chegada de SS. MM. as guarnições dos vapores *Apa* e *Itajahy* subirão ás vergas e derão vivas a Suas Magestades Imperiaes.

A's 8 horas começou a suspender o *Apa* passando para a canhoneira *Itajahy* o Presidente da Provincia, seu Secretario, uma commissão que tinha vindo do Aracaju cumprimentar a SS. MM. II. e composta do engenheiro capitão Pereira da Silva, Dr. Guilherme Pereira Rebello, Tenente-coronel Silveira, Conego Santa Anna, vindo tambem o Capitão do Porto Moreira Guerra.

A's 9 horas menos 20 minutos seguia o vapor *Apa*, indo na pôpa a canhoneira *Itajahy*, tendo tomado a prôa o vapor *Pirajá*.

A's 9 horas e 40 minutos passarão os vapores pelo pontal do Mangue Secco, e fóra da barra avistarão-se 3 vapores—o *Amasonas*, o *Pirajá* e o *Aracaju*.

A's 10 horas e meia sahia á barra o vapor *Apa*, seguindo-lhe nas aguas a canhoneira *Itajahy*. Depois fundeou a *Itajahy* para receber o Sr. Dr. Tobias,

que, no impedimento do Sr. Dionysio Feijó, vinha servir de official de gabinete do Sr. Ministro do Imperio.

Às 10 horas e 35 minutos passavão para bordo do vapor *Aracaju* o Exm. Presidente e sua comitiva, e logo depois, tendo a canhoneira recebido a seu bordo o Sr. Dr. Tobias, seguiu barra fóra, subindo ás vergas a guarnição da *Itajahy* dando vivas ao Exm. Presidente da Provincia.

Fóra da barra seguirão todos os vapores com direcção ao Morro de S. Paulo (Provincia da Bahia).

Às 4 horas e meia da tarde fez o vapor *Apa* os seguintes signaes:

- 1.º Occupar a pópa do *Apa* a canhoneira *Itajahy*.
- 2.º Navegar nas aguas desta o vapor *Amasonas*.
- 3.º Que se havia de fundear á noite.
- 4.º Guardar os navios as respectivas distancias.

Navegou-se toda a noite sem novidade, e depois de alguns aguaceiros chegou-se ao Morro ás 6 horas e meia da manhã de 22.

Logo que chegou o *Apa* ao Morro de S. Paulo fez-se signal para os navios se embandeirarem, e fundeou junto ao lugar chamado Galeão. Acompanhavão-no a *Itajahy* e o *Valeria*, que derão fundo na pópa ficando paralícelos. Apparecerão logo depois o *Paraguassú*, vindo de Valença e o *Pirajá* de fóra da barra, os quaes ahi fundearão no Galeão.

SS. MM. II. seguirão para Valença no *Pirajá* até a Pedra, onde, estando o rio completamente vasio, passarão para a galeota, desembarcando no caes ás 11 horas.

## SUMMARIO DA ESTADA DE SS. MM. EM SERGIPE.

### DIA 11 DE JANEIRO.

Chegão ao Aracajú ás 5 horas da tarde: são recebidos os Imperiaes hospedes com todo o ardor do entusiasmo do povo. Ha o Te-Deum no Aracajú. SS. MM. dão beijamão no Paço. São cumprimentados os Augustos visitantes pela commissão do recebimento no Aracajú.

O alumno do—*Gymnasio Bahiano*—Angelo Ramos recita uma poesia á S. M. o Imperador no Paço, A tropa faz continencia á S. M. desfilando em frente do Paço, A cidade se illumina. Ha musica na Praça.

### DIA 12.

S. M. o Imperador visita as fontes, e alguns estabelecimentos, e obras publicas demanhã. Detarde visita as Aulas publicas e a Directoria dos Estudos. A' noite recebe commissões de camaras diversas. A musica toca em frente do Paço. O povo se reúne na Praça continuando em acclamações.

A' noite vem o Batalhão das Senhoras, que se achão na Capital. E' o Batalhão da Imperatriz sob a direcção da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Clemencia Galvão, esposa do Exm. Sr. Presidente da Prövincia. Em nome dellas o Dr. Luiz Alvares dos Santos recita uma poesia. As Senhoras são todas admittidas no Paço para beijarem a mão de SS. MM. Vem um batalhão patriotico de homens, vestidos todos de branco que são tambem admittidos ao Paço ao beijamão. O povo continúa em acclamações.

### DIA 13.

Demanhã S. M. o Imperador visita ainda alguns estabelecimentos publicos, e recebe commissões. A' tarde SS. MM. o Imperador e a Imperatriz vão visitar a barra dos Coqueiros, onde no kiosque levantado assistem á dança dos Payaás, e ouvem as poesias dos Srs. Elisiario Prudencio da Lapa Pinto, e Dr. Luiz Alvares dos Santos.



A' noite SS. MM. assistem a um fogo de artificio: vão ao baile, donde se retirão a 1 hora da madrugada.

DIA 14.

SS. MM. embarção ás 6 horas da manhã para Maroim, onde são recebidos com acclamações estrondosas.

O Imperador visita as aulas, percorre a cidade sempre no meio de acclamações. Embarção ás 6 1/2 horas da tarde para o *Pirajá*, em que ás 8 horas da noite sahem para Larangeiras. A' 1 hora da madrugada desembarção em Larangeiras, onde são muito bem recebidos, esperando-os na ponte Senhoras, e o povo.

DIA 15.

Passão em Larangeiras, onde o Imperador visita os Templos, e Escolas. Ouve missa na Matriz, dita pelo Capellão Imperial. Desenvolve-se a febre perniciosa no Sr. Dionysio Feijó. E' conduzido o doente para o Aracajú acompanhado pelo Medico Dr. Luiz Alvares Santos, que se encarrega do tratamento com o Sr. Dr. Propicio. A' 1 1/2 hora da noite chegão SS. MM. ao Aracajú, onde desembarção, sendo recebidos pelas Senhoras da Capital e immenso povo, no meio de applausos e acclamações acompanhados de foguetes, e tiros de granada. A musica atrôa os ares na solidão da noite.

DIA 16.

Ás 6 horas da manhã S. M. o Imperador embarca para a barra dos Coqueiros, de onde vae por terra fazer a visita do canal de Japaratuba, e Pomonga. Sercorre a costa até a foz do rio Japaratuba á cavallo. Examina a direcção do canal embarcado, levando com sigo a planta tirada pelo Engenheiro Stevaux. Volta para o Aracajú por mar, chegando ás 5 1/2 da tarde. E' recebido pela commissão, e algum povo.

DIA 17.

Ás 5 1/2 horas da manhã S. M. o Imperador sahe para S. Christovão, á cavallo, onde chega ás 7 horas e meia, sendo muito bem recebido. Visita os edificios

publicos.—A' noite dá beijamão, e ouve o hymno cantado pelas meninas.

DIA 18.

Ao amanhecer sahe S. M. á cavallo para o Engenho Escurial, onde almoça, voltando para S. Christovão ás 11 horas da manhã. Ás 4 horas da tarde volta para o Aracajú, onde chega ás 7 horas da noite, sendo muito bem recebido. Á noite dá beijamão de despedida. O povo se reúne na frente do Paço.

DIA 19.

SS. MM. embarção para a Estancia ás 8 horas da manhã, debaixo do pallio que carregão os membros da Camara Municipal. Ao descerem SS. MM. para a galeota ouvem um discurso recitado pelo Presidente da Camara. Ás 3 horas e 3/4 da tarde fundeou o *Apa* na barra da Beriba, lugar denominado Fundão. Passão SS. MM. para o vapor *Pirajá*, seguindo ás 4 horas para a Estancia, onde chegão ás 5 1/2. Na Estancia é brilhante a recepção. Illumina-se toda a Cidade. A musica do *Apa* toca do palanque, e na Praça em frente do Paço.

DIA 20.

Ás 6 horas da manhã S. M. o Imperador sahe á cavallo a visitar a ponte da Cachoeira, e outros pontos da Cidade. Corre os cemiterios novo e velho, o internato e as aulas publicas.

As 11 horas da manhã regressa de seu passeio, tornando a sahir ás 4 e meia da tarde: volta ás 7 e meia, janta e dá beijamão de despedida.

A praça da Matriz enche-se de povo, que se concentra em frente do Paço, dando vivas ao Imperador. Recita uma poesia o Sr. Oseias. Chega um batalhão patriotico, trajando de branco, com entusiasticas acclamações. Recita uma poesia o Sr. Gomes de Sousa. Depois recita outra o Sr. Jovino Antonio Barretto. As 10 horas recolhem-se SS. MM.

DIA 21.

As 6 horas da manhã embarção SS. MM. acompa-

nhados por um grande concurso de povo, e da guarda nacional. Chegão ao *Apa* ás 7 horas e 7 minutos. As 10 horas e 1/4 sahe o *Apa* a barra do Rio Real. As 10 e meia a *Itajahy* recebe o Sr. Tobias, que no impedimento do Sr. Dr. Feijó vae servir de official de gabinete, durante o resto da viagem de SS. MM. II.

DIA 22.

SS. MM. chegão á Valença (Bahia).

*N. B.*—Desde o momento em que SS. MM. desembarcárão no Aracaju até o em que deixárão a Estancia, foi S. M. o Imperador acompanhado sempre pelo Sr. Dr. Manuel da Cunha Galvão, Presidente da Provincia, e pelo seu Secretario.

**SUMMARIO DOS PONTOS VISITADOS POR S. M. O IMPERADOR  
NA PROVINCIA DE SERGIPE.**

Cidades 5—Aracaju (Capital), Maroim, Larangeiras, S. Christovão, e Estancia.

Villas 4—Propriá, Villa-Nova, Porto da Folha, e Itaporanga.

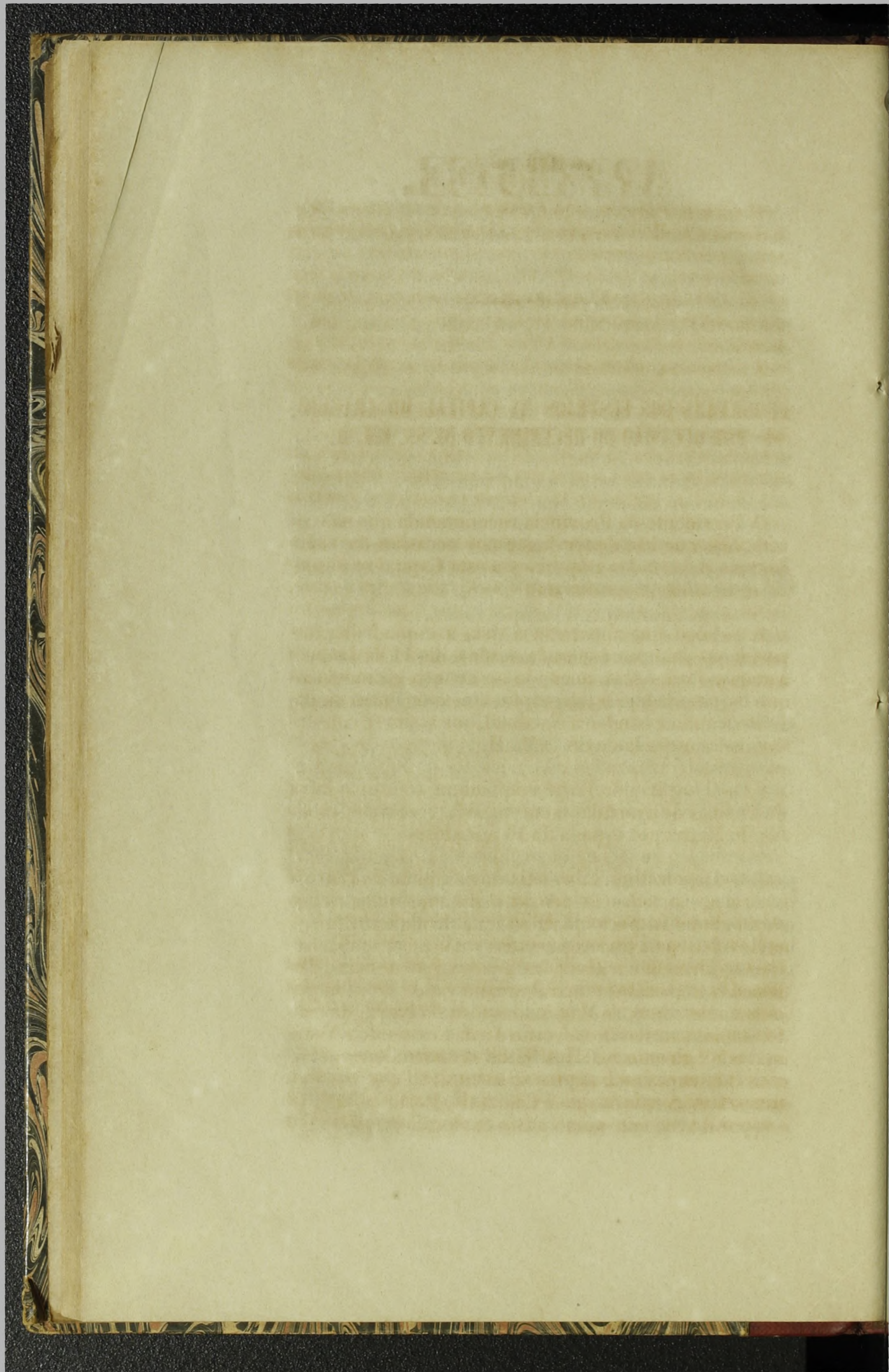
Povoado 1—Barra dos Coqueiros.

Engenho 1—Escurial, propriedade do Sr. Antonio Dias Coelho e Mello.

D'ahi se conclue quanta attenção mereceu de S. M. o Imperador a Provincia de Sergipe.

Em relação ao lugar que occupa ella no Mappa Geographico do Brasil, a Provincia de Sergipe deve ensoberbecer-se pela Augusta Visita do Senhor D. Pedro II, que honrou assim a todos esses pontos da Provincia, dando a prova de que se interessa pelo seu progresso e civilisação.

---



# APPENDICE.

---

## PROGRAMMA DOS FESTEJOS NA CAPITAL DO ARACAJÚ, POR OCCASIÃO DO RECEBIMENTO DE SS. MM. H.

O Presidente da Provincia recommenda que nas ceremonias que hão de ter lugar por occasião da visita de Suas Magestades Imperiaes a esta Capital se observe o seguinte programma :

1.º—Logo que apparecer á vista a esquadriha Imperial que deve ser esperada desde o dia 11 de Janeiro a atalaya fará signal lançando ao ar uma girandola ao que corresponderá o telegrapho lançando outra girandola e içando a bandeira Nacional, que assim se conservará até a entrada de SS. MM. H.

2.º—O Capitão do Porto responderá com uma salva de 21 tiros de granadas e em seguida repicaráõ os sinos da Matriz por espaço de 10 minutos.

3.º—Depois desta salva passará o Capitão do Porto a pôr em acção todas as providencias maritimas de accordo com o Inspector d'Alfandega, de maneira que os navios, barcos, escaleres e outras quaesquer embarcações se formem em alas para a passagem de Suas Magestades Imperiaes, e marchará no vapor de reboque ao encontro de Suas Magestades fóra da barra; devendo as duas catraias do Governo e a da Companhia Associação Sergipense balisar o canal da barra para guiar convenientemente a esquadriha Imperial que passará entre ellas, convindo que o Capitão do Porto empregue o vapor de reboque como navio explorador.

4.º—Ao signal dado pela Capitania do Porto os corpos da Guarda Nacional, de Linha e de Policia reunir-se-hão immediatamente nos respectivos quartéis e paradas, d'onde marcharão immediatamente para o largo de Palacio e ahí formarão uma Divisão ao mando do Commandante Superior José da Trindade Prado, afim de executar-se o que determina a Ordem do Dia abaixo transcripta, e a de 27 de Setembro proximo pasado.

5.º—As pessoas que pretenderem sahir ao encontro da esquadilha Imperial em escaleres, botes ou outras quaesquer embarcações deverão observar as ordens e instrucções que houver de dar o Capitão do Porto.

6.º—Nenhuma embarcação poderá atracar ao vapor que conduz os Augustos Viajantes, nem irá pessoa alguma a bordo sem previa permissão ou ordem de S. M. o Imperador.

7.º—O Capitão do Porto fará apresentar opportunamente os escaleres necessarios para desembarque das pessoas que fizerem parte da comitiva Imperial.

8.º—Todos os funcionarios Civis, Militares, Ecclesiasticos são convidados para assistir ás ceremonias do desembarque e entrada de Suas Magestades Imperiaes, e tanto estes como os cidadãos que desejarem tomar parte em tão festivo acto, deverão concorrer opportunamente ao largo de Palacio vestidos de gala.

9.º—Na ponte do desembarque serão Suas Magestades Imperiaes recebidas pelas Senhoras para este fim convidadas, pela commissão de recebimento reunida e pela Camara Municipal, que receberá SS. MM. II. debaixo de Palio.

10.—Ao entrarem SS. MM. II. debaixo do Palio fará o Presidente da Camara a entrega das chaves da cidade e dirigirá á Suas Magestades as devidas homenagens e felicitações.

11.—O cortejo seguirá pelo meio da Praça do Palacio, e rua do Barão de Maroim até a Matriz e d'ahi pelas ruas de S. Salvador e d'Aurora até o Palacio.

12.º—Na formação e movimento do cortejo observar-se-ha a seguinte ordem:

1.º Os Funcionarios publicos e outros cidadãos não comprehendidos nos numeros seguintes.

2.º Os Officiaes do Exercito e Armada, das extinctas Milicias, e da Guarda Nacional que não estiverem de serviço e as pessoas que gosão de honras militares.

3.º Os Juizes de Direito, os Commendadores, os Consules, os membros da Assémléa Legislativa Provincial, e os Deputados á Assémléa Geral.

4.º A corporação ecclesiastica, devendo todos estes funcionarios ir adiante do Palio.

5.º Os Grandes do Imperio, os Titulares, os Consetheiros, os Officiaes Generaes do Exercito e Armada e a Commissão do recebimento, quer de Cavalheiros, quer de Senhoras seguirão atraz do mesmo Palio.

13.º—Dignando-se Suas Magestades descansar no Arco em frente ao Consulado Portuguez as meninas cantarão o hymno Nacional.

14.º—Na entrada da Igreja parará o cortejo e formará alas para que o Clero seja o primeiro a ter ingresso, e depois o Palio e a mais comitiva na ordem inversa, isto é, depois de Suas Magestades entraráo as pessoas que estão classificadas no n.º 5 do artigo 12, depois as que estão debaixo do n.º 3 e assim em diante até o n.º 1 que serão as ultimas a entrar.

Quando Suas Magestades tiverem de recolher-se no Palacio, depois de findo o acto religioso, formar-se-ha novamente o cortejo pela mesma ordem que fica prescripta no artigo 12.

15.º—No Pavilhão da rua d'Aurora os meninos recitarão á SS. MM. II. uma felicitação, se SS. MM. se dignarem parar,

16.º—Ao chegar ao Palacio despersar-se-ha o cortejo se não se tiver annuciado que S. M. o Imperador se digna receber nesta mesma occasião as pessoas que desejarem apresentar as suas respectivas homenagens.

17.º—Nesta occasião o Presidente da Commissão de recebimento apresentará á SS. MM. H. uma allocução felicitando os mesmos Augustos Senhores.

18.º—Os Srs. Drs. Manuel da Silva Rego, Ayres de Oliveira Ramos e Francisco Joaquim da Silva são encarregados de dirigir como mestres de ceremonias a formação e marcha do cortejo.

19.—O Sr. Dr. Chefe de Policia entendendo-se com o Commandante da Divisão fará postar e distribuir as necessarias sentinellas e patrulhas, e dará as demais providencias que julgar convenientes para facilitar-se o transito e manter-se a regularidade de todas as ceremonias, não permittindo que a ponte de desembarque, o espaço das ruas e praças comprehendido entre as alas da tropa e a Matriz sejam occupados por pessoas que não fizerem parte do cortejo.

20.º—Se o primeiro signal de apparecimento da esquadilha Imperial fôr dado á noite, a reunião das tropas ficará dependente de nova ordem, e então os toques de chamada dos corpos servirão tambem de aviso aos funcionarios publicos e mais habitantes da Capital para o começo das ceremonias.

#### ORDEM DO DIA.

Tendo de formar em grande parada, por occasião da faustissima chegada de SS. MM. a esta Capital os Corpos da Guarda Nacional de Laranjeiras, Santo Amaro, Rozario, Maroim, Divina Pastora, Aracajú e o contingente disponivel da Companhia Fixa de Linha e do Corpo de Policia, determina o Presidente da Provincia que logo que se derem os signaes do apparecimento da Esquadilha Imperial os referidos corpos se reunão nas suas respectivas paradas e quarteis e marchem pa-



ra o largo do Palacio, onde formarão uma Divisão sob o commando do Commandante Superior José da Trindade Prado em tres brigadas compostas da maneira seguinte:

A primeira commandada pelo Tenente Coronel Francisco Felix de Freitas Barretto do batalhão nº 6 de Lorangeiras e nº 7 de Santo Amaro.

A segunda commandada pelo Tenente Coronel Antonio Carneiro de Menezes do nº 1 do Aracaju e nº 8 de Maroim.

A terceira pelo Tenente Coronel Manoel Cardoso de Araujo Maciel do nº 9 do Rozario, nº 10 de Divina Pastora e do contingente que houver disponivel do corpo de Policia e da companhia fixa.

A companhia fixa sob o commando do respectivo commandante Manoel Agostinho da Silva Moreira fará a guarda de hora de SS. MM. II. com a banda de musica de policia no acto de seo desembarque e passará depois a postar-se no Paço Imperial.

O batalhão de Lorangeiras fará a guarda de honra perto a Matriz.

O Commandante da Divisão mandará collocar alas de tropa desde a ponte até a Matriz e dahi até o Paço.

A medida que SS. MM. II. forem passando por entre as alas rodarão estas formando pelotões de forma que ao chegar SS. MM. ao Paço já esteja toda a Divisão em columna aberta.

Logo que chegue o prestito ao Paço deverá toda a tropa inclusive a guarda de honra da Matriz formar-se em linha ao longo da costa para marchar em continencia a SS. MM. II. depois do cortejo, se o houver, e dos vivas e descargas do estillo; findo o que se retirará aos seus quartéis.

Palacio do Governo da Provincia de Sergipe 1.º de Novembro de 1859.

MANUEL DA CUNHA GALVÃO.

## PROGRAMMA DAS SOLEMNIDADES PARA O EMBARQUE DE SS. MM. II.

O Presidente da Provincia julgando do seu mais sagrado dever ordenar as solemnidades com que deve ser effectuado nesta capital o embarque de Suas Magestades Imperiaes no dia de sua saudosa e definitiva retirada, determina que se observe o seguinte:

1.º—No dia em que se effectuar a retirada de Suas Magestades Imperiaes terá lugar uma grande Parada composta da mesma Divisão, que assistiu á chegada dos Mesmos Augustos Penhores, debaixo do Commando do mesmo Chefe, o Sr. Commandante Superior Trindade, a cargo de quem fica o detalhe de tudo quanto julgar conveniente para que a dita Parada se torne brilhante, e o mais bem regulada que fôr possível.

As Brigadas serão compostas dos mesmos Batalhões, e Commandadas pelos mesmos Officiaes de que tratão as Ordens do Dia 27 de Setembro e 4 de Novembro ultimos.

2.º—Meia hora antes da designada por Suas Magestades Imperiaes para effectuarem seu embarque, já deverão se achar junto ao Paço Imperial a Camara Municipal incorporada, a Comissão encarregada do recebimento dos mesmos Augustos Senhores, o Clero, todos os Chefes de Repartições e Funcionarios Publicos, os Officiaes do Exercito e Armada, das extinctas Milicias, e da Guarda Nacional, que não estiverem em parada, e finalmente todas as pessoas gradas, que quizerem ter a honra de fazer parte de tão saudoso acompanhamento.

3.º—A cargo do activo Sr. Capitão do Porto ficará todas as providencias de fórma que se não prescinda da mais diminuta solemnidade maritima, em demonstração de respeito, amor e adhesão, que o povo Sergipano dedica a seus Inclitos e Virtuosos Soberanos.

As mesmas providencias porá em pratica a Commissão da Capital em tudo quanto disser respeito ás demonstrações populares.

4.º—As disposições da presente Ordem serão extensivas na parte que fôrem applicaveis ás Cidades de S. Christovão, Estancia, Larangeiras e Maroim, onde Suas Magestades Imperiaes receberão em despedida as mesmas demonstrações de respeito, amor, e devoção que lhes forão dedicadas em sua chegada.



# VIAGEM

## À CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO.

DESCRIPÇÃO DA MANEIRA ENTHUSIASTICA PORQUE S. M. O IMPERADOR  
FOI RECEBIDO EM VILLA-NOVA E PROPRIÁ, PROVINCIA DE SERGIPE.

Nada de positivo constava nesta Capital acerca da chegada de Suas Magestades Imperiaes na Cidade da Bahia, e muito menos qual o dia de sua partida para a Cachoeira de Paulo Affonso.

Só á 11 de Outubro ás 5 horas da tarde, depois de tantos dias de expectativa e incertezas, foi que aqui aportou o vapor *Valeria de Sinimbú*, da companhia Bahiana, e então chegou a noticia certa d'aquella feliz chegada, recebendo S. Ex. o Sr. Dr. Galvão, Presidente da Provincia, uma carta particular que lhe noticiava a sahida de S. M. Imperial para a referida Cachoeira no dia 12.

Immediatamente determinou S. Ex. que se despachasse o vapor sobredito de fórmula que ás 5 horas da manhã do dia seguinte (12) estivesse em termos de poder seguir viagem para o Penedo.

Assim se verificou, conservando-se aberta a Alfandega e outras Repartições publicas até alta noite.

As horas prescriptas ja fumegava o vapor e S. Ex. o Sr. Presidente, acompanhado do seu Secretario, e de um Official da Secretaria, do Chefe de Policia, Commandantes da Companhia Fixa e do Corpo de Policia, apresentou-se á bordo á essa mesma hora afim de transportar-se á barra do Rio de S. Francisco, e ahi beijar as Mãos de S. M. Imperial, e receber suas respeitaveis ordens.

Logo depois do embarque de S. Ex. verificou-se tambem o da banda de musica do corpo de policia.

S. Ex. o Sr. Dr. Galvão foi incansavel em providenciar para que o recebimento de S. Magestade fosse o mais apparatuso possivel n'esses lugares tão centraes e sem recursos,

Por outro lado, abrasado de cordial desejo de que a entrada de Sua Magestade na barra do Rio de S. Francisco fosse a mais feliz possivel não só quiz elle mesmo presencial-a, como tambem determinou que a catraia *Pyauhipitinga*, e o vapor de reboque da Associação Sergigense, fornecidos de praticos intelligentes e amestrados se fossem postar á entrada da dita barra sob as ordens e direcção do activo e zeloso capitão do porto José Moreira Guerra.

Tudo assim disposto, ás 5 horas e alguns minutos levantarão anchoras em demanda da barra o vapor *Sinimbù* e o de reboque, e a catraia, ás 6 e um quarto ja navegavão barra fóra.

Bem que lenta fosse a viagem, todavia foi effectuada sem o menor desastre. Ás 4 horas da tarde estava o vapor *Sinimbù* dentro da barra do Rio de S. Francisco em demanda do porto de Villa-Nova, territorio da provincia de Sergipe, e ás 6 horas achavão-se tambem fundeados no Pontal da dita barra o vapor de reboque, e a catraia *Piauhipitinga* a espera de S. M. Imperial, e da esquadilha imperial que o acompanhava.

O vapor *Sinimbù* no emtanto continuava sua marcha pelo Rio de S. Francisco em demanda do porto de Villa-Nova, onde felizmente fundeou as 7 e meia da noite, succedendo que em caminho no lugar que fica fronteiro ao Brejo Grande, ou Paraúna se encontrassem os dois Presidentes, o de Sergipe, e o de Alagoas, fazendo este á aquelle as honras as mais obsequiosas, mandando salvar o vapor de guerra que o conduzia, fazendo subir as vergas toda a tripolação do mesmo vapor, e prorompendo em vivas os mais entusiasticos a S. M. o Imperador, o que tudo era acompanhado de harmoniosos sons da musica marcial que se achava a bordo, a qual durante estas demonstrações de favor e regosijo tocava o hymno nacional.

E conveniente e justo que neste lugar nos congratulemos com o nobre Sr. Presidente de Alagoas não tanto pela maneira cavalheirosa porque, nas aguas de sua

Provincia, tratou a seu collega, o distincto Sr. Dr. Galvão, Presidente de Sergipe, como e sobre tudo pelo zelo e incansavel dedicação e esmero com que por sua parte promoveu o recebimento no territorio da Provincia que administrara.

Pelo que temos exposto terão os nossos leitores perfeitamente comprehendido que o Exm. Sr. Presidente de Alagoas seguiu para a barra a esperar por Sua Magestade o Imperador, e que o Exm. Sr. Dr. Galvão saltara em Villa Nova afim de se preparar para o mesmo fim.

Cumpre agora declarar que no porto desta villa foi o mesmo Exm. Sr. Dr. Galvão recebido por todas as autoridades ecclesiasticas, civis e militares do termo, e por muitas outras pessoas gradas.

Uma guarda sob o commando do tenente de policia Emygdio José da Cunha, commandante do destacamento, achava-se postada ao pé do referido porto.

Conduzido o Sr. Dr. Galvão por todas aquellas autoridades e pessoas á casa que para o seu aposento foi preparada pelo presidente da Camara tenente-coronel Thomaz Pinheiro de Souza Costa, tratou S. Ex. de dar immediatamente as seguintes providencias:

1.<sup>a</sup> Ordenou S. Ex. ao commandante do vapor *Sinimbu* que não seguisse ao seu destino, não só para conduzir o no dia seguinte (13) á barra do Rio de S. Francisco com todos os funcionarios que o acompanhavão á assistir a entrada de S. M. o Imperador, como para prestar-se ao recebimento do mesmo Augusto Senhor, que era nesse mesmo dia esperado, ficando depois de sua chegada á disposição do Exm. Sr. Ministro do Imperio, que provavelmente teria ordens e avisos á expedir para as provincias do norte.

Esta ordem do Exm. Sr. Dr. Galvão foi fielmente cumprida, e mereceu a approvação do Exm. Sr. Ministro.

2.<sup>a</sup> Fez partir immediatamente para Propriá, onde S. M. tinha de tocar, o capitão Manuel Agostinho da Silva Moreira com carta ao Sr. Dr. Hugolino, juiz de direito da comarca, levando o mesmo capitão alguns adornos para a casa em que Sua Magestade tinha de ser agasalhado, alguns criados necessarios para o serviço,

uma porção de armamento e algumas praças do corpo de policia.

No dia 13 á uma e meia horas da tarde o vapor *Sinimbu*, segundo a ordem transmittida a seu commandante, deixou o porto do Penedo e parando no de Villa Nova recebeu a seu bordo S. Ex., todos os empregados publicos que o acompanhavão da capital, o vigario da Freguezia, o juiz municipal do termo, o presidente da Camara, o delegado commandante superior, commandantes de batalhões e alguns officiaes da Guarda Nacional, e depois de embarcada a musica do corpo de policia partiu immediatamente o vapor em demanda da barra.

Não foi possivel porém alcançal-a senão depois das 7 horas da noite, fundeando o vapor no Pontal, onde se divisavão tambem fundeados diversos vapores que a escuridade não permittia distinguir se erão ou não os da Esquadilha Imperial.

Foi mister por tanto fazer arrear um escaler e mandar-se á bordo de um dos vapores de guerra que ficava mais proximo, afim de se saber se com effeito a Esquadilha que conduzia S. M. Imperial havia effectuado sua entrada.

Em poucos momentos regressou o escaler trazendo resposta affirmativa.

S. Ex. o Sr. Dr. Galvão acompanhado pelo seu secretario, pelo Dr. chefe de policia e pelo commandante do corpo policial dirigiu-se immediatamente ao vapor *Apa* onde se achava S. M. o Imperador, e ahi sendo admitido apresentou-se com todos aquelles empregados ao mesmo Augusto Senhor.

S. M. o Imperador depois de ter recebido com a bondade que lhe é innata ao Exm. Sr. Dr. Galvão dando-lhe a honra não só de o mandar assentar a seu lado, e conversar por algum tempo com elle, como de admittil-o a tomar chá em sua mesa e a todos os empregados acima mencionados, determinou ao Exm. Sr. Ministro do Imperio que fizesse constar ao mesmo Exm. Sr. Dr. Galvão que ás 5 horas da manhã do dia seguinte (14) se apresentasse com o seu secretario á bordo do vapor *Apa*, que o conduzia, afim de acompanhal-o com sua comitiva até Penedo.

O Sr. Dr. Galvão, depois do chá, retirou-se para bordo do *Valeria de Sinimbu*, onde chegou ás 11 horas e meia.

A's horas prescriptas (5 da manhã do dia 14) achava-se S. Ex. e seu secretario á bordo do *Apa*, conforme lhes foi determinado.

A's 5 horas e tres quartos, pouco mais ou menos, estava em movimento o *Apa* em direcção ao Penedo, bem como todos os vasos que compunhão a Esquadriha. Sua Magestade viajava sobre a caixa das rodas com a planta do Rio de S. Francisco e respectivas margens, levantada pelo engenheiro Hansfeld, estendida sobre uma mesa, e tendo á direita e esquerda os Presidentes das duas Provincias banhadas por aquelle rio, aos quaes fazia as mais minuciosas indagações, confrontando tudo com os relatorios do citado engenheiro e do Dr. Vieira.

Era bello de ver-se como se agglomerava o povo de ambas as margens do Rio de S. Francisco a applaudir e saudar ao Idolatrado Monarcha Brasileiro. De todos os cantos, de todos os lados subião aos ares grande quantidade de foguetes; os vivas, as saudações as mais entusiasticas retinião em todo o espaço e vinhão pairar no coração augusto a quem ellas se dirigião.

Ao approximar-se a esquadriha da pequena freguezia do Piassubuçu (Provincia das Alagoas) onde se achava immenso povo reunido demonstrando o maior auge de prazer e entusiasmo, mandou S. Magestade parar o *Apa* e toda a esquadriha para com sua augusta presença contentar aquelles seus fieis subditos e percorrer ao mesmo tempo o povoado da dita freguezia.

Promptamente satisfez-se a soberana vontade, e dentro em poucos minutos estava S. M. o Imperador no meio de uma pequena parte do seu povo tão pobre como dedicado.

S. M. dirigiu-se primeiro que tudo á pequena Capella que alli serve de Matriz, onde fez oração, visitou as aulas de primeiras letras de ambos os sexos que lá existem, examinou por si mesmo o adiantamento dos alumnos, percorreu todas as ruas do povoado e ao retirar-se para bordo mandou entregar ao Vigario da Parochia 500\$, sendo 200\$ para serem distribuidos com



os pobres e 200\$ para serem applicados aos reparos da referida Capella, onde descobriu uma fenda no Arco-Cruzeiro.

Voltando S. M. para bordo do *Apa* seguiu este *in continenti* sua jornada, mas não podendo á vista do seu calado, e por falta de maré chegar até o Penedo passou-se S. M. Imperial e toda sua comitiva para a galeota á vapor, que veio fazendo parte da Esquadrilla e que demandava menos de 3 palmos d'agua.

Pela mesma razão não poderão proseguir os demais vapores que acompanhavão a Esquadrilla, e apenas o vapor de reboque *Aracaju* e a catraia *Piauhytinga*, ambos desta provincia, forão os unicos vasos que acompanharão até Penedo a galeota em que vinha S. M. o Imperador, passando para bordo do mesmo vapor e catraia todas as pessoas de Villa Nova e tambem do Penedo que se achavão á bordo do vapor *Sinimbu* e um dos vapores de guerra.

A uma hora da tarde finalmente verificou-se a chegada de S. M. Imperial á cidade do Penedo, recebendo ao passar por Villa Nova as mais expressivas demonstrações de entusiasmo, amor e respeito, subindo aos ares uma immensidade de foguetes, salvando uma peça de artilheria e bradando o grande concurso de povo e da Guarda Nacional, que se achava reunida á margem do rio, com todas as forças dos pulmões vivas os mais expressivos nascidos de corações Brasileiros tão constantes quão dedicados.

Em Penedo foi S. M. Imperial recebido como se devia esperar de uma cidade onde existem grandes recursos, de um povo não menos amante do Monarcha e de um Presidente que para este effeito alli ha dias se havia apresentado influindo e animando com sua propria pessoa e entregando-se a penosos trabalhos.

S. M. dirigiu-se logo ao convento de S. Francisco e ahi assistiu a um *Te-Deum* solemne com toda a sua comitiva.

S. Ex. o Sr. Dr. Galvão, o seu secretario, chefe de policia e mais empregados que o acompanhavão assistiu tambem ao referido *Te-Deum*, findo o qual recolheu-se S. M. á casa que se havia primorosamente preparado para seu aposento, onde deu beijamão.

Ao findar este acto passou-se S. Ex. o Sr. Dr. Galvão para Villa Nova, onde no dia seguinte (15) recebeu aviso official de que S. M. Imperial pretendia almoçar em Penedo, e ás 2 para 3 horas da tarde passar-se para Villa Nova afim de visitar o povoado, depois do que tornaria para o Penedo, onde jantaria.

Villa-Nova, além de ser uma das Villas mais pobres da Provincia e sem nenhuns recursos, caminha a passos largos para sua ruina: além d'isto não tinha sido precedentemente avisada de que receberia tão honrosa visita. Não obstante S. Magestade o Imperador foi ahi recebido com as maiores demonstrações de regosijo.

Logo que fundeou a galeota em que vinha S. M., o que teve lugar antes das 3 horas da tarde apresentou-se no porto de desembarque S. Ex. o Sr. Dr. Galvão, seu Secretario, Commandante do Corpo de Policia, Juiz Municipal do Termo, Delegado, Subdelegado, Commandantes, e Officiaes dos dois Batalhões da Guarda Nacional do Municipio e muitas pessoas gradas, afim de receberem o Mesmo Augusto Senhor.

Desde o mesmo porto até a Capella da Senhora do Rosario, que serve de Matriz, se achavão postadas em alas 321 praças da Guarda Nacional, o una Guarda do Corpo de Policia a que estava reunida a respectiva banda de Musica. S. M., que saltou em uniforme de Almirante, foi recebido por entre vivas que principiarão a ser dados por S. Ex. o Sr. Presidente, e que forão repetidos por todas as Authoridades, povo e tropa com o maior enthusiasmo e devotamento.

Dirigio-se o Mesmo Augusto Senhor á referida Matriz debaixo do Palio, que foi carregado pelo Deputado Geral João Baptista Monteiro, Dr. Chefe de Policia Angelo Francisco Ramos, Commandante Superior Ignacio de Mello Pereira Boto, e Presidente da Camara Thomaz Pinheiro de Souza Costa.

As Irmandades do Sacramento, e Rosario apresentarão-se igualmente no porto com o Rev. Vigario da Freguezia Antonio de Santa Maria Magdalena e fizerão parte do acompanhamento.

S. Magestade depois de fazer Oração na referida Matriz visitou as Aulas de primeiras letras de ambos os

sexos, a casa da Camara, a Igreja Matriz em construcção, e finalmente percorreo todas as ruas da Villa.

Convém aqui declarar que o professor de primeiras letras João Ribeiro Pereira da Cunha, não obstante o aviso prévio que se lhe fez, não foi encontrado em casa, deixando de dar Aula no dia em que S. M. I. era esperado em Villa Nova.

Por semelhante omissão S. Ex. o Sr. Dr. Galvão o suspendeo por 30 dias com perda dos respectivos vencimentos.

Percorridas todas as ruas da Villa regressou S. M. I. para Penedo as 4 horas da tarde, mandando antes de sua partida entregar ao Vigario da Villa a somma de 300/000 réis para ser distribuida pela pobreza.

Os habitantes de Villa Nova jamais se esquecerão de tão grande honra, e gratos sobremaneira pela bondade com que S. M. Imperial se dignou de Tratal-os cada vez mais farão arraigar em seus peitos os patrioticos sentimentos de amor e adhesão ao Mesmo Augusto Senhor.

No dia seguinte que era Domingo (16) S. M. o Imperador partio do Penedo em direcção a Cachoeira de Paulo Affonso, depois de ouvir Missa ás 4 horas da madrugada na Capella de N. S. da Corrente com toda a sua comitiva, os dois Presidentes de Alagoas e Sergipe, e o Secretario deste com falta do de Alagoas, que adoeceo.

S. M., da mesma fórma porque havia principiado sua viagem desde que tocou no Rio de S. Francisco, passou a collocar-se na caixa da roda do vapor tendo diante de si a planta do mesmo Rio, e respectivos relatorios, e a seu lado os dous Presidentes supraditos.

Por toda a margem do Rio onde existião habitadores, a proporção que a galeota ia sendo vista retenião os vivas a S. M. o Imperador, e as demonstrações de regosijo partião de todos os lados.

Notou-se até que em alguns pontos á margem do Rio muitas pessoas de ambas os sexos se prostavão de joelhos ao avistarem S. M. o Imperador.

Depois de cinco a seis horas de viagem apresentou-se a nossos olhos garbosa, e festival a Villa de Pro-

priá desta Provincia onde S. M. Imperial se dignou de saltar.

Esta Villa situada a margem do Rio de S. Francisco tendo uma bella e elegante Matriz com duas elevadas lorres, e um outro Templo collocado em optima posição, e sendo além disto bastante extensa e povoada, offereceo desde que foi perfeitamente descoberta a vista mais alegre e agradavel, parecendo-se bem um arremedo da populosa cidade do Penedo, quando descoberta em igual distancia.

S. M. o Imperador com o seu oculo de alcance appreciou a bella vista e prespectiva da indicada Villa, e reconheceo que achava-se apinhada de povo.

Com effeito sem exaggeração podemos dizer que nunca nos persuadimos que em Propriá, uma Villa central outr'ora florescente, mas ja decadente, houvessemos de ver tanto povo reunido, e tanta effusão de prazer.

S. Magestade Imperial saltou em uma ponte decentemente preparada, sendo recebido debaixo do Palio pela Camara Municipal com suas vestes proprias, cujo Presidente lhe fez entrega de uma chave de prata preza em um laço de fita verde.

Junto a ponte achavão-se collocadas em alas não só as Irmandades do Santissimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosario precedidas do Clero, mas tambem os membros da commissão que S. Ex. o Sr. Presidente da provincia havia antecipadamente nomeado, a saber: o Juiz de Direito Hugulino Ayres de Freitas Albuquerque, Commendador Antonio José da Silva Travassos, Dr. Juiz Municipal de Villa-Nova Gonçalo Vieira de Carvalho Mello, Vigario de Propriá Manuel Joaquim Nunes, Presidente da Camara Municipal de Propriá Padre Miguel de Albuquerque Silva Ramalho, o da de Villa-Nova Tenente Coronel Thomaz Pinheiro de Souza Costa, e Delegado Manuel Germano de Freitas.

Uma guarda de honra se achava postada sob o Commando do Capitão de primeira linha Manuel Agostinho da Silva Moreira. Além desta guarda formou-se em duas alas o Batalhão da Guarda Nacional da Villa em numero de 495 praças, que estenderão-se desde o

porto até a Igreja Matriz, sob o commando de seu distincto Commandante Tenente Coronel Medeiros Chaves.

Um sem numero de pessoas gradas e a mais avultada reunião do povo, tudo e todos fazião a um só tempo retumbar os mais enthusasticos vivas; tudo e todos tinham os olhos fitos e como que estaticos em seu Adorado Soberano; tudo e todos mostravão-se inundados no mais santo e bem entendido prazer: tudo e todos, repetimos, fazião da Villa de Propriá um quadro o mais jucundo, a scena mais patriotica e interessante que nossos olhos tem visto, impossivel por sem duvida de ser fielmente descripta por nossa tão pobre e rude penna.

Entre tão grande enthusiasmo e rodeado de seus fieis subditos seguiu S. M. Imperial sempre amavel, sempre benigno, para a Igreja Matriz; á pouca distancia, porém, do porto sahii a seu encontro a professora de primeiras letras com suas alumnas, e uma dellas de nome D. Maria José Sampaio dirigiu a S. M. Imperial por si e suas collegas a seguinte allocução:

« SENHOR!—Se em outras occasiões nossa tenra idade, o acanhamento natural ao nosso sexo e a falta de instrucção que agora começamos a adquirir nos imporrão silencio, e nos não permittirião sahir da casa dos nossos paes ou da aula da nossa professora; a grata vinda de V. M. I. a esta provincia, e principalmente a visita com que V. M. I. se digna honrar esta pequena Villa, são um incentivo poderoso para nos animar a vir á presença de V. M. I. exprimir nosso contentamento, felicitar de coração a V. M. I., e rogar tambem a V. M. I. que faça chegar á presença de nossa virtuosa e tão querida Imperatriz e ás nossas muito amadas Princezas, os votos cordiaes que fazemos por sua conservação e felicidade,

Propriá 16 de Outubro de 1859.

« Maria José Sampaio. »

S. M. Imperial dignou-se prestar a mais obsequiosa homenagem a esta angelica demonstração de pura submissão e prazer.

Ao findar a allocução nuvens de flores que as meninas trazião em cestinhas choverão sobre a pessoa de S. M. Imperial, e a patriótica professora dirigiu ao mesmo tempo entusiasticos vivas ao mesmo Augusto Senhor, a S. M. a Imperatriz e á Familia Imperial, os quaes forão grata e geralmente correspondidos.

Continuou S. M. Imperial em direcção á Matriz, onde assistiu á celebração de um *Te-Deum* que lhe foi offerecido, e em que officiarão o Rev. Vigario da Freguezia, o da Villa Nova, e o Rev. Manuel Francisco de Carvalho, sendo composto o côro dos Reverendos Fr. José da Piedade, Fr. Simplicio da Santissima Trindade e Fr. José de S. Jeronymo.

Findo o *Te-Deum* visitou S. M. Imperial as aulas de Latim, as de primeiras letras de ambos os sexos, a casa da Camara, a Igreja do Rosario, e finalmente percorreu a pé todas as ruas Villa, sempre acompanhado de toda a sua comitiva, dos dous Presidentes de que temos fallado, de todas as pessoas gradas, de innumeravel povo e da Guarda de Honra.

Por todas as ruas por onde S. M. Imperial passava chovião odoríferas flores que lhe erão lançadas das portas e janellas, e os vivas que se lhe dirigião tornavão-se cada vez mais entusiasticos, sempre mais patrioticos.

S. M. Imperial correspondia a tudo com uma amabilidade e candura que encantou, que arrebatou.

Percorridas todas as ruas da villa recolheu-se S. M. o Imperador á casa que a commissão havia preparado para seu agasalho e ahi serviu-se de um almoço, tomando assento na mesa não só a comitiva do mesmo Augusto Senhor, os Presidentes das duas Provincias e o secretario da de Sergipe, como tambem á pedido do Exm. Presidente desta Provincia, que por S. M. foi attendido com a maior bondade e complacencia, o Dr. chefe de policia Angelo Francisco Ramos, os Barões de Atalaia e Jequiá, pertencentes á Provincia das Alagoas, e finalmente todos os membros da commissão de Propriá que se achavão presentes, cujos nomes ja acima mencionamos.

Concluido o almoço S. M. Imperial retirando-se para uma sala deu audiencia a grande numero de pessoas

que ou por si proprias lhe apparecião, ou erão apresentadas pelo Exm. Sr. Dr. Galvão.

S. M. acolheu com a mais admiravel bondade e ternura a classe dos indigentes que de tropel o buscavão como a um pae desvellado e carinhoso procura um filho em suas maiores afflicções e penas.

Além da esmola de 50# que mandou dar a uma mulher escrava para sua liberdade, fez entregar ao Rev. Vigario a quantia de 400# para ser distribuida pelos pobres de sua freguezia.

Assim tocou em Propriá o Anjo tutelar do Brasil, que verificou sua retirada para a Cachoeira de Paulo Affonso ás 2 horas da tarde, deixando extremamente saudosos a todos os seus subditos, que tiverão a gloria de vel-o e de admirar sua extrema bondade e natural beneficencia.

S. Ex. o Sr. Dr. Galvão depois que a galeota, conductora do Augusto e Magnanimo Monarcha deixou o ancoradouro de Propria, recolheu-se á casa destinada para o seu aposento, e logo no dia seguinte (17) providenciou ácerca de seu regresso para a capital, o que se verificou ás 3 horas da manhã do dia 18, vencendo nesse mesmo dia 20 leguas por terra e 5 por mar.

A' uma para duas horas da manhã do dia 19 estava o mesmo Exm. Sr. restituído ao palacio de sua residencia no Aracaju, e nesse mesmo dia em companhia de sua distincta consorte e de sua amavel filhinha percorreu a cidade visitando as obras que deixou em construcção para o recebimento de SS. MM. II.

*Lib. abril 4 (9/10)  
1877-29-6-34*

